

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Gabriel Dias Biuzo

**Maria no culto da Igreja:
A devoção e as devoções marianas pós Vaticano II**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia, do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Lúcia Pedrosa de Pádua

Rio de Janeiro,
Março de 2025

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Gabriel Dias Biuzo

**Maria no culto da Igreja: A devoção e as devoções
marianas pós Vaticano II**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Lúcia Pedrosa de Pádua
Orientadora
PUC-Rio

Francilaide de Queiroz Ronsi
PUC-Rio

Jonas Nogueira da Costa
Pesquisador Autônomo

Rio de Janeiro, 14 de março de 2025.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Gabriel Dias Biuzo

Graduou-se em Teologia (Instituto Superior de Ciências Religiosas), em 2020. Graduou-se em Radialismo (Faculdades integradas Hélio Alonso), em 2021. Licenciou-se em Filosofia (Faculdade de Educação Paulistana), em 2022. Licenciou-se em História (Centro Universitário ETEP), em 2023. Professor de Ensino Religioso, com habilitação emitida pelo Vicariato Episcopal para a Educação, do Depto. de Ensino Religioso da Arquidiocese do Rio de Janeiro, desde 2022. Colabora como evangelizador nas Escolas de Fé “Mater Ecclesiae” e “Luz e Vida”, desde 2019.

Ficha Catalográfica

Biuzo, Gabriel Dias

Maria no culto da Igreja : a devoção e as devoções marianas pós Vaticano II / Gabriel Dias Biuzo ; orientadora: Lúcia Pedrosa de Pádua. – 2025.

119 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Culto. 3. Maria. 4. Liturgia. 5. Devoção. 6. Devoções. I. Pádua, Lúcia Pedrosa de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para meus pais, familiares, amigos e professores, pelo apoio e confiança durante minha trajetória acadêmica.

Agradecimentos

À Trindade Santa, “que sois um só Deus”, que me permitiu, em sua infinita misericórdia, chegar até aqui.

À Virgem Maria, Mãe da Igreja, pela sua materna intercessão e proteção.

Aos meus pais, que sempre me deram carinho e acreditaram em mim.

À Professora Lúcia Pedrosa de Pádua, minha orientadora, pela sua paciência, dedicação e zelo. Seu apoio e orientação foram fundamentais.

À PUC-Rio, por me proporcionar um ambiente acadêmico de verdadeira experiência cristã, sobretudo de espírito ecumênico, em que pude vivenciar o autêntico sentido de unidade na fé e no amor, em Cristo Jesus.

À CAPES, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Aos meus professores e amigos, sobretudo os que são sacerdotes, por me acompanharem durante a minha jornada de fé.

Resumo

Biuzo, Gabriel Dias; Pádua, Lúcia Pedrosa (orientadora). **Maria no culto da Igreja: A devoção e as devoções marianas pós-Vaticano II**. Rio de Janeiro, 2025. 119p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A devoção mariana está presente na Igreja desde os tempos apostólicos. Os escritos neotestamentários, como os evangelhos e a carta paulina aos Gálatas, já falavam da Virgem Maria, a Mãe do Senhor. Os Padres da Igreja, em suas pregações, também destacavam a importância e singularidade da Virgem na história da salvação. O Magistério da Igreja, por sua vez, transmitiu o que a Igreja professa sobre Maria, que está intimamente ligada às verdades de fé relacionadas a Cristo e à Trindade. Sendo criatura, foi escolhida para ser a mãe do Redentor. Com o seu “sim”, ela acolheu livremente o Verbo de Deus em seu ser, deixando claro que sempre quis fazer a vontade do Senhor, mesmo não a compreendendo. Modelo de serviço e fidelidade aos planos de Deus, ela nos acompanha como mãe peregrina, que não nos desampara. Na liturgia, nos diversos tempos litúrgicos, encontramos solenidades, memórias e festas em honra à Virgem Maria. Ela também é mencionada na Oração Eucarística, o que nos faz recordar sempre a sua íntima união ao mistério salvífico de seu Filho. As devoções marianas, como o Rosário e o Ofício da Imaculada Conceição, são celebradas e difundidas por diversos movimentos eclesiais, de modo que a Igreja manifesta seu amor para com a mãe do Senhor.

Palavras-chave

Culto; Maria; Liturgia; Devoção; Devoções.

Abstract

Biuzo, Gabriel Dias; Pádua, Lúcia Pedrosa (Advisor). **Mary in the Church's Worship: Marian Devotion and Devotions after Vatican II**. Rio de Janeiro, 2025. 119p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Marian devotion has been present in the Church since apostolic times. The New Testament writings, such as the Gospels and the Pauline letters, already spoke of the Virgin Mary, the Mother of the Lord. The Fathers of the Church, in their sermons, also highlighted the importance and uniqueness of the Virgin in the history of salvation. The Magisterium of the Church, in turn, transmitted what the Church professes about Mary, which is closely linked to the truths of faith related to Christ and the Trinity. Being a creature, she was chosen to be the mother of the Redeemer. With her "yes", she freely welcomed the Word of God into her being, making it clear that she always wanted to do the Lord's will, even if she did not understand it. A model of service and fidelity to God's plans, she accompanies us as a pilgrim mother who does not abandon us. In the liturgy, in the various liturgical seasons, we find solemnities, memorials and feasts in honor of the Virgin Mary. She is also mentioned in the Eucharistic Prayer, which reminds us always of her intimate union with the salvific mystery of her Son. Marian devotions, such as the Rosary and the Office of the Immaculate Conception, are celebrated and spread by various ecclesiastical movements, in such a way that the Church manifests her love for the Mother of the Lord.

Keywords

Worship; Mary; Liturgy; Devotion; Devotions.

Sumário

1. Introdução	9
2. Raízes da legítima devoção mariana	15
Introdução	15
2.1. Maria é reverenciada desde os primórdios da Igreja	15
2.1.1. Na Sagrada Escritura	15
2.1.2. Na Patrística	22
2.2. Esclarecimentos sobre a devoção mariana	34
2.3. Devoção, devoções e culto: esclarecendo termos	38
Conclusão	40
3. A devoção e o culto marianos na <i>Lumen Gentium</i> , <i>Marialis Cultus</i> , nas Conferências Episcopais Latino-Americanas de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, e elementos da Mariologia do Papa Francisco	42
Introdução	42
3.1. A Mariologia do Concílio Vaticano II e de Paulo VI	42
3.2. Maria nas Conferências Episcopais Latino-Americanas: Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida	50
3.3. Festas e solenidades marianas nos anos A, B e C da Liturgia renovada	60
3.4. Elementos da Mariologia do Papa Francisco	71
Conclusão	74
4. A celebração do mistério cristão marcado pelas devoções marianas	77
Introdução	77
4.1. O Rosário	77
4.2. Peregrinações e santuários em honra à Virgem Maria	83
4.3. Liturgia das Horas, Ofício Divino das Comunidades e o Ofício de Nossa Senhora	89
4.4. A Coroação de Nossa Senhora	102
Conclusão	103
5. Conclusão	105
6. Referências bibliográficas	112

1

Introdução

O presente trabalho analisará como a figura de Maria está relacionada com o culto católico, com suas festas e celebrações, tendo como ponto de partida o Concílio Vaticano II. A pesquisa terá como objeto material a figura de Maria na Igreja, com enfoque na devoção mariana.

Quem é Maria? Que personagem é essa que, face à cultura popular e à liturgia da Igreja, é muito falada e celebrada? Queremos fazer uma reflexão acerca de quem é a Maria de Nazaré, a jovem de aproximadamente 15 anos que foi escolhida por Deus para ser a Mãe do Salvador. Originalmente, o nome ‘Maria’ é tipicamente hebraico e - assim como em diversos idiomas - é um nome bastante popular. O nome ‘Myriam’, segundo alguns estudiosos, significa ‘Senhora’. É o nome da irmã mais velha de Moisés, grande líder do povo judeu que, assim como Abraão, foi de suma importância para a história de Israel. Moisés foi o libertador, aquele que haveria de tirar o povo judeu da escravidão do Egito. São Paulo e, também, a primeira geração dos cristãos, viam uma relação entre o primeiro Moisés e o ‘novo Moisés’ (Mt 5,17-20; Jo 1,17; Gl 3,19; 1Tm 2,5), fazendo referência a Cristo, o verdadeiro libertador (do pecado e da morte)¹.

Assim como a primeira Myriam colaborou para que Moisés pudesse ter sua vida preservada e fosse cuidado pela sua mãe no Egito, assim também a nova Myriam teve participação singular na História e colaborou para a vinda do Messias, dando o seu ‘sim’. Ela sempre foi humilde serva, por isso Deus a exaltou. Isabel, sua parenta, exclamou: “Tu és bendita mais do que todas as mulheres; bendito é também o fruto do teu ventre!” (Lc 1,42).

O Cântico de Maria, conhecido como *Magnificat*, é a resposta às palavras de Isabel. Fundamentado em passagens da Escritura e, sobretudo, no ‘Cântico de Ana’ (1Sm 2,1-10), Maria diz que ‘sua alma’, ou seja, sua pessoa, ‘exalta o Senhor’ (Lc 1,46)². Por qual motivo? “Porque ele pôs os olhos sobre a sua humilde serva. Sim, doravante todas as gerações me proclamam bem-aventurada” (Lc 1,48). Há um parentesco entre o *Magnificat* de Ana e Maria: Ana era estéril, não podendo engravidar. Maria era virgem, ou seja, não teve relação com homem algum. Dentro

¹GEORGE, A., Maria, c. 557;

²De acordo com as notas de rodapé da BÍBLIA DE JERUSALÉM: Lc 1,46ss;

da cultura judaica, dois tipos de mulheres eram rejeitados pela sociedade: as estéreis e as virgens. O motivo era simples: ambas as condições não poderiam dar à luz ao Messias prometido. Sendo Deus a própria Sabedoria, Ele usou dessas duas condições para concretizações das promessas messiânicas: de Isabel nasceria o profeta que haveria de ‘passar o bastão’ para o Messias, aquele que foi objeto da profecia de todos os outros profetas³. O período do profetismo havia chegado ao fim. De Maria nasceria o Messias esperado.

O reconhecimento da importância da presença de Maria junto à Igreja para celebração do culto cristão remete desde à era apostólica. A Igreja já realizava a fração do pão com a participação da Mãe do Senhor (At 1,14; 2,42) e, no decorrer dos séculos, foi cultivando a importância de celebrar sua memória na vida da Igreja⁴. Nosso trabalho quer contribuir para um reavivamento da devoção mariana, a partir das suas raízes bíblico-litúrgicas, para que os fiéis possam cada vez mais aumentar seu amor pela Virgem Maria.

No Concílio Vaticano II, dentro do documento conciliar *Lumen Gentium*, há um capítulo específico dedicado à Virgem Maria e ao culto que os católicos prestam a ela. Portanto, desde o Vaticano II, houve um apelo para que os fiéis pudessem compreender um pouco mais a devoção mariana e a importância que Maria tem na vida da Igreja⁵.

No ano de 1974, o então Papa Paulo VI faz uma exortação apostólica em que se debruça sobre o legítimo culto prestado à Virgem Maria (*Marialis Cultus*) na Liturgia Romana restaurada (entende-se, aqui, pós-Vaticano II).

No papado do Papa Francisco, a instauração da memória da “Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja”⁶, na segunda-feira após o Domingo de Pentecostes, marca a viva devoção que a Igreja tem por Nossa Senhora⁷.

No Brasil, por ocasião dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida nas águas do Rio Paraíba (2017), algumas obras dedicadas à Virgem Maria foram lançadas. No tocante à presença de Maria na liturgia, vamos nos restringir a duas: *Maria na Liturgia e na piedade popular*, livro organizado pelo

³ POTTERIE, I. d. l., Virgindade, c. 1088;

⁴ MC 18;

⁵ Capítulo VIII: a Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja.

⁶ CNBB, Missal Romano, p. 1147-1149;

⁷ VATICAN NEWS, Papa institui a Memória de Maria “Mãe da Igreja”, online. As orações próprias para a missa “Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja” se encontram no novo Missal Romano (3ª edição típica, p. 1147-1149);

Padre Valdivino Guimarães, C.Ss.R., e a obra *A Virgem Maria na Liturgia da Igreja*, preparada pelo Secretariado Nacional de Liturgia.

Veremos como Maria está unida de forma singular ao mistério de Cristo e da Igreja. Ela é o fruto mais excelso da redenção, sendo imagem escatológica da Igreja, isto é: Maria já é aquilo que a Igreja será um dia: glorificada de corpo e alma em Cristo por toda a eternidade. Sendo o Ano Litúrgico a celebração de uma Pessoa, isto é, Cristo, Maria é Mãe de todo ciclo litúrgico. Na liturgia, a Igreja celebra sempre o mistério pascal de Cristo e venera a Mãe do Salvador, pois ela sempre esteve – e ainda está – unida a seu Filho. Sendo assim, quando se celebra uma festa mariana, celebra-se Cristo, ou seja, o sujeito celebrado não se altera, nem o objeto da celebração⁸.

A figura de Maria deve ser entendida corretamente: nem deusa, nem mulher eterna. Ela é parte inerente da fé do povo de Deus, com muitos nomes e rostos: “a ‘Morenita’ de Guadalupe, a ‘Nossa Senhora Aparecida’ do Brasil, a ‘Puríssima’ da Nicarágua, a do ‘Carmo’ espanhola, a ‘Moreneta’ catalã e muitos outros”⁹.

Todo o universo espera pela sua glorificação. Aguardamos, ansiosamente, o dia em que “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28), e aguardamos a nossa glorificação. Maria é protótipo dessa glorificação, glorificação não só da Igreja, mas de toda a humanidade. A glorificação de Maria é sua total configuração a Cristo Ressuscitado. Assim, como Cristo é Rei do Universo - e não só da Igreja -, Maria é também Rainha do Universo, e não só da Igreja. Portanto, não se pode falar de Jesus Cristo, sem deixar de falar de Maria. Quando se celebra Maria, não se pode deixar de celebrar Jesus. Maria é a mulher eucarística por excelência, pois ela esteve presente na celebração litúrgica desde o início. Ela sempre esteve - e ainda está - presente à Igreja, como uma mãe zelosa que não desampara seus filhos¹⁰.

O vínculo entre Maria e Jesus não pode ser desfeito. Não querendo ocupar o lugar do Filho, mas reconhecendo-se como “a serva do Senhor” (Lc 1,38), ela foi comumente representada com o menino Jesus no colo. Essa representação demonstra esse vínculo, mas ultimamente tem-se apresentado Nossa Senhora sem a criança, valorizando sua dimensão de discípula¹¹. O fato de ter sido representada

⁸ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual* 8, online;

⁹ BINGEMER, M.C.L., *Maria*, p. 343;

¹⁰ LG 59;

¹¹ FERREIRA, P. L., *A Virgem Maria*, p. 283;

segurando a criança não é em vão: tudo o que Maria quer nos dar é esse menino, ou seja, tudo o que ela nos quer ofertar é o seu Divino Filho. Ela é a Virgem oferente desde sempre, como chegou a afirmar também Paulo VI, pois sua vida sempre foi sacrifício e oferta a Deus¹². Maria esteve unida a Cristo em seu sacrifício na cruz: o que Cristo sentiu na carne, Maria sentiu na alma (Lc 2,35).

Fazer referência a Maria na Oração Eucarística da missa é a mais significativa expressão de culto. Sempre que é invocada na Oração Eucarística, é lembrada como a ‘Mãe de Deus’ (*Theotókos*, dogma proclamado no Concílio de Éfeso, em 431). Sendo Jesus Cristo nosso Senhor e Salvador, Maria não se torna mãe somente da Cabeça, mas de todo o Corpo Místico de Cristo: ela é Mãe da Igreja¹³. Nessa caminhada rumo ao Pai, temos a intercessão e o amparo daquela que sempre soube ser fiel às promessas de Deus.

Os tempos litúrgicos são todos permeados de festas e solenidades marianas. Contudo, os tempos do Advento e Natal são, de modo especial, tempos em que encontramos mais evidente a figura de Maria e a sua participação na história da salvação. A presença de Maria é destacada no III domingo do Advento, e sobretudo no IV domingo do Advento: aproximando-se do mistério do nascimento do Senhor, a celebração de seu Natal, recordamo-nos de Maria: ela sempre confiou nos mistérios divinos, mesmo quando não podia compreendê-los. Ela nos inspira para essa confiança, nos convida a sermos como ela: em tudo fazer a vontade do Pai, sem excluir a companhia do Filho¹⁴.

Não somente na Liturgia, mas nos exercícios espirituais e devoções da Igreja, nós podemos honrar Maria e prestar nossa estima por ela. É o que acontece quando rezamos o Rosário, ou recitamos o Ofício da Imaculada Conceição. Quando rezamos a Via Sacra, meditamos também o nosso encontro – sobretudo no período quaresmal, em que passamos por “desertos espirituais” – com a Mãe do Senhor. Em suma, Maria está presente em toda oração e em todo culto da Igreja, não porque ela seja o centro, mas porque ela é quem nos permitirá uma união singular com o seu Filho, nosso Salvador¹⁵.

¹² MC 20;

¹³ MC Introdução;

¹⁴ MC 16; CORDEIRO, J. L. A Presença de Maria na Liturgia, p. 307;

¹⁵ BERMEJO, J., Maria na vida de João XXIII, p. 171.

Como vemos, há múltiplas formas de expressão de devoção mariana. Dividiremos, portanto, o trabalho em quatro capítulos: o primeiro capítulo será introdutório, dando um panorama geral sobre o que será discutido.

No segundo capítulo, analisaremos como se deu a devoção mariana a partir da Igreja primitiva e a primeira geração dos cristãos. A ideia é verificar que a prática do culto a Maria é muito antiga e, também, tem raízes e fundamentos cristológicos e eclesiológicos.

No terceiro capítulo, dois documentos eclesiásticos importantes serão analisados, para se entender e argumentar sobre a devoção mariana: a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que no capítulo VIII se dedica a falar sobre Maria e a devoção legítima que a Igreja tem e vive. É preciso um entendimento da pessoa de Nossa Senhora, bem como de um reto ensinamento transmitido pela Igreja, para podermos compreender o lugar que Maria Santíssima ocupa na Liturgia, fonte e cume da vida da Igreja. Outro documento fundamental é a Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, de Paulo VI, que nos apresenta e orienta sobre o culto mariano, mostrando a importância de Nossa Senhora, figura da Igreja, para a vida espiritual do povo de Deus. No terceiro tópico do capítulo, examinaremos as festas e solenidades marianas presentes nos anos A, B e C da Liturgia.

No quarto capítulo, será abordado como se manifesta a devoção mariana no meio do povo. Restringiremos a questão a alguns pontos: as basílicas e capelas dedicadas a Nossa Senhora, já como forma de manifestação do amor da Igreja para com a Mãe de Deus. Será analisada a importância do Rosário como forma de louvor a Maria, forma esta que foi sempre recomendada pela Igreja e também em aparições de Nossa Senhora. O Ofício da Imaculada Conceição é outra forma da Igreja celebrar aquela que é isenta do pecado original, meditando os feitos de Deus em Maria, em vista da redenção da humanidade. O Ofício Divino das Comunidades também é oração do povo que, peregrinando em meio às dificuldades, ora à Mãe da Igreja para que, mediante a sua intercessão, consiga sempre caminhar rumo à Jerusalém Celeste.

Por fim, será apresentada uma conclusão que, após exposição de cada capítulo, trará uma reflexão sobre a contribuição da devoção mariana para a caminhada da Igreja neste mundo.

Nosso estudo se limitará a analisar alguns dos documentos pontifícios, observando o que os pontífices disseram sobre a devoção mariana na vida do povo

de Deus, e também das Conferências do CELAM e órgãos da Igreja Católica no Brasil, como o Secretariado Nacional da Liturgia, a partir do Concílio Vaticano II, e algumas outras obras de autores que se dedicaram ao tema. Os documentos visam transmitir o que a Igreja ensina sobre o culto marial, sobretudo dentro do âmbito litúrgico e devocional, e as demais obras servirão para demonstrar que o assunto é relevante e debatido nos dias de hoje.

2

Raízes da legítima devoção mariana

Introdução

Para se entender o motivo de uma devoção a Maria, temos que entender como a mãe do Senhor está relacionada com a história da salvação. Como Maria estava relacionada com a Igreja primitiva? Como a Igreja primitiva venerava Maria? Muitas vezes, pensa-se que a devoção mariana foi algo que brotou no coração da Igreja muito tardiamente. Porém, a devoção mariana remonta desde os inícios da Igreja e do seu peregrinar.

O propósito do capítulo é, como veremos, evidenciar que a devoção mariana está enraizada na figura bíblica de Maria, remontando desde a era apostólica e, também, que ela é – ao mesmo tempo – cristológica e eclesiológica. A Igreja imita Maria, uma vez que ela soube se fazer obediente à vontade do Senhor, e a se entregar sem reservas ao que Deus tinha preparado.

2.1

Maria é reverenciada desde os primórdios da Igreja

2.1.1

Na Sagrada Escritura

Para Murad, a figura bíblica de Maria é o primeiro passo para compreender quem ela é e qual é a sua missão, tanto na vida de Jesus, quanto na vida da Igreja. Segundo ele, sem a Bíblia, cai-se na tentação de ignorá-la ou transformá-la em uma divindade sem rosto, desconectada da história da humanidade. Como o próprio Murad diz: “a figura bíblica de Maria nos fornece o eixo central, o motivo condutor (*leitmotiv*) de toda a mariologia”¹⁶.

Os relatos de Maria na Bíblia não devem ser tomados de forma isolada, mas na totalidade de cada livro e, também, na totalidade e unidade da Sagrada Escritura. Os textos bíblicos não foram feitos para falar diretamente de Maria. A finalidade é, em primeiro lugar, anunciar a pessoa de Jesus e o Reino de Deus¹⁷.

¹⁶ MURAD, A., Quem é esta mulher?, p. 37;

¹⁷ MURAD, A., Quem é esta mulher?, p.40-41;

Há figuras masculinas e femininas que precedem Maria no Antigo Testamento, como Abraão, Moisés, Miriam, Ana, Rute, Judite, Ester etc., que são, ao mesmo tempo, imagens de um povo. Através das ações desses personagens, Deus revela a sua força. A missão de cada um, e algumas pessoas com carismas especiais, ressalta a dimensão coletiva das ações humanas e a construção coletiva da história. Partindo dessa leitura da Escritura, procura-se entender a figura de Maria. Não se trata apenas da Miriam de Nazaré, mas de uma pessoa que é imagem de um povo, um povo fiel, particular morada de Deus. A noção da encarnação (Deus se faz homem) passa também pela afirmação com um mesmo valor teológico: Deus nasce de uma mulher. O Novo Testamento quer mostrar que, com Maria e Jesus, começa um novo período para a humanidade. Embora nascida dentro de um cenário patriarcal, no qual a mulher era propriedade do homem em todos os níveis, Maria é uma figura que vive nos dois Testamentos. Participa e experimenta a ação libertadora de seu Filho, que inaugura um discipulado igual entre homens e mulheres. Maria foi a primeira evangelizada pela boa-nova que lhe trouxe o anjo, e a primeira a centralizar sua vida em torno do seu Filho. Foi a primeira a ouvir o nome de Jesus¹⁸. Autêntica representante do povo de Israel, figura-símbolo da Sião fiel, ela é portadora do novo Israel, da nova aliança que Deus faz com a humanidade, em que a mulher não é mais uma figura passiva, submissa, mas é um sujeito ativo, companheira do homem, assumindo com ele muitas tarefas pertencentes ao anúncio do Evangelho¹⁹.

O Novo Testamento não apresenta muitas informações sobre Maria. Maria aparece em Mateus, no capítulo 1, por ocasião da genealogia de Jesus²⁰. Em Mt 1,18-25, Maria aparece no texto para quebrar a ideia de que o Messias nasceria descendente de Davi “segundo a carne”, mas, sim, “segundo o Espírito”²¹. “De todos os modos, ambos, José e Maria, estão a serviço do Redentor”²². Em Mt 2,10-20, temos a visita dos magos e a fuga para o Egito. Aqui, ela é apresentada sempre em relação ao filho: versículos 11, 13, 14, 20 e 21. Ela é mencionada na controversa passagem de Mt 12,46-50, em que Maria parece ser “afastada de Jesus”, tendo

¹⁸ BIGOTTO, G.M., *Maria dos Evangelhos*, p. 12. Bigotto não considera a perspectiva mateana da narrativa dos fatos, uma vez que em Mt 1,21 é José quem escuta, pela primeira vez, qual deve ser o nome do menino;

¹⁹ BINGEMER, M.C.L., *Maria*, p. 339;

²⁰ BOFF, C., *Mariologia*, p. 37;

²¹ BOFF, C., *Mariologia*, p. 38;

²² BOFF, C., *Mariologia*, p. 39;

também registro em Marcos (Mc 3,31-34) e Lucas (Lc 8,19-21). Um pouco mais adiante, em Mt 13,54-58, encontramos a passagem que os ouvintes de Jesus perguntam, maravilhados, de onde vem sua sabedoria. No versículo 55, lemos: “não é ele o filho do carpinteiro? Não se chama a sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas?”. O texto encontra paralelo em Marcos (Mc 6,3) e Lucas (Lc 4,22)²³.

Também em Marcos, Maria aparece duas vezes, conforme citado há pouco (Mc 3,31; Mc 6,3). Os motivos para Marcos ter usado a expressão “filho de Maria” (Mc 6,3) poderiam ser: quer enfatizar a humanidade de Jesus, citando o nome de Maria? Uma alusão, mesmo que indireta, à concepção virginal de Jesus, recolhendo algo que já fazia parte da comunidade? Seria uma difamação contra Jesus, trazendo vários aspectos para desvalorizar sua pessoa: tem uma profissão humilde (carpinteiro), não se sabe quem é realmente seu pai, seus parentes são pessoas simples? José não é mencionado, pois provavelmente já havia morrido. É complicado saber, com exatidão, qual era a intenção de Marcos. Murad reconhece como mais aceitável ficar com a terceira hipótese (uma difamação contra Jesus)²⁴.

Nos dois primeiros capítulos do evangelho de Lucas: encontramos as perícopes da anunciação (Lc 1,26-38), do nascimento de Jesus (Lc 2,6-20), da apresentação no templo (Lc 2,22-39), reencontro do Menino no templo (Lc 2,48-51). Em Lc 3,23-38 e Lc 4,16-30, temos “filho de José”. Em Lc 8,19-21, porém, encontramos a já referida passagem que faz referência à Mãe do Senhor (“A sua mãe e seus irmãos chegaram..., Lc 8,19”). Em Lucas, também temos o texto de Lc 11, em que Maria é mencionada, porém não aparece: “bem-aventurada aquela que te trouxe no seio e te amamentou!” (Lc 11,27).; duas vezes em João, no episódio das Bodas de Caná (2,3) e aos pés da Cruz (19,25-27).

Em João, temos uma passagem que faz referência, de alguma forma, a Maria: Jo 6,42 traz: “acaso não conhecemos o seu pai e a sua mãe?”. De acordo com Clodovis Boff, o texto de Jo 7,5 pode evocar, de alguma forma, Maria, pois está escrito: “na realidade, os seus próprios irmãos não acreditavam nele”. Ela, porém, não duvida, nem é posta em causa. Também Jo 8,41b, quando diz: “nós não nascemos da prostituição! Temos um só pai, Deus!”²⁵.

²³ BOFF, C., Mariologia, p. 41;

²⁴ MURAD, A., Quem é esta mulher?, p. 50;

²⁵ BOFF, C., Mariologia, p. 87;

Maria também estava presente no cenáculo, quando se deu o evento de Pentecostes, relatado nos Atos (1,14)²⁶; Paulo fala dela brevemente e de forma anônima: “nascido de mulher” (Gl 4,4). Fazendo comentário à passagem da Carta aos Gálatas, o teólogo reformado Jean-Jacques von Allmen escreve: “Maria é aquela que em si traz Jesus, mas ela não quer tê-lo para si, porque ela deve dá-lo ao mundo. (...) Introduziu secretamente, entre os homens, o Cristo, em quem está presente o Reino de Deus”²⁷.

Como se pode ver, nenhum texto concentra-se sobre ela, mas está sempre em função de Jesus Cristo e do Espírito Santo²⁸. Vamos comentar brevemente o controverso episódio de Mc 3,31, o *Magnificat* (Lc 1,46-55) e o episódio das ‘Bodas de Caná’ (Jo 2,1-11), que nos mostram a importância e o perfil de Maria para as primeiras comunidades cristãs.

O texto de Mc 3,31-35 encontra paralelo em Mt 12,46-50 e Lc 8,19-21. Trata-se da “nova família de Jesus”. A mãe e os irmãos de Jesus vão procurá-lo. O que causa estranheza, à primeira vista, é a pergunta de Jesus: “quem é minha mãe e quem são os meus irmãos?”. Ele responde, então, olhando para os que estavam ao redor: “eis minha mãe e meus irmãos. Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3,34-35)²⁹.

Somente na aparência é que a resposta de Jesus parece prezar menos por sua mãe. Ele quer indicar, com essa frase, a nova fraternidade, a nova família: todo aquele que faz a vontade de Deus é membro da família de Jesus. Ora, Maria é aquela que sempre fez a vontade do Senhor, que colabora de modo singular com a obra salvífica de Deus. Exatamente por fazer a vontade de Deus, é que Maria não é desprezada, mas é valorizada³⁰.

A nova família de Deus é caracterizada justamente por isso: não é uma família ligada por tribo, nação, cor, cultura, tempo etc. Dentro desta família, podemos ser mãe, irmão e irmã para Jesus. Contudo, não podemos ser Pai. Todos nós somos chamados a fazer parte da nova família de Jesus. Nesta família, não há lugar para o orgulho de uma cultura superior à outra, rivalidade de poder etc. Todos

²⁶ Há divergências entre exegetas no que tange à presença de Maria no momento da vinda do Espírito Santo;

²⁷ BIGOTTO, G.M., *Maria dos Evangelhos*, p. 19. O autor faz referência a “*Vocabulaire Biblique*, AVE, Roma, 1969, p. 324”;

²⁸ BOFF, L., *O Rosto Materno de Deus*, p. 121-122;

²⁹ BOFF, L., *O Rosto Materno de Deus*, p. 122;

³⁰ BOFF, L., *O Rosto Materno de Deus*, p. 123;

recebem o mesmo Espírito, são nutridos pela Eucaristia, invocando o mesmo Pai (daí ninguém poder assumir este posto). Não é o sangue judeu, nem a cultura judaica, com todos os seus ritos, que vão constituir a marca indelével desta família, mas o dom de Deus (o Espírito) ofertado a todos (de todos os lugares, épocas etc.)³¹.

Segundo Leonardo Boff, há um paralelo de Lc 1,43-56 com 2Sm 6,9-11. O texto de Lc refere-se aos dizeres de Isabel para Maria, antes do *Magnificat*. O texto de 2Sm fala do transporte da Arca da Aliança. De acordo com Lucas, Maria seria como a Arca da Aliança que carrega o Verbo de Deus. O texto de 2Sm 6,9-11 diz: “como poderia vir à minha casa a arca do Senhor? (...) A arca do Senhor permaneceu na casa de Obed-Edom, o guitita, durante três meses”. Já o de Lc 1,43-56: “como me é dado que venha a mim a mãe do meu Senhor? (...) Maria permaneceu com Elisabete cerca de três meses, voltando depois para a sua casa”³².

Ele também faz um paralelo entre o elogio que Isabel dirige a Maria e o que Judite outrora recebera: “e Ozias disse-lhe: ‘bendita sejas tu, minha filha, pelo Deus altíssimo, mais que todas as mulheres da terra, e bendito seja o Senhor Deus, que criou os céus e a terra (...)’” (Jt 13,18-19). O de Lc 1,42: “ela deu um grande grito e disse: ‘tu és bendita mais do que todas as mulheres; bendito é também o fruto do teu ventre!’”³³.

Também o *Magnificat* merece atenção. Maria orienta o seu cântico para Deus, que é glorificado do primeiro ao último versículo. Ela sempre vai centrar ou em Jesus, como em Caná, ou em Deus Pai, como é o caso aqui. O *Magnificat* inscreve-se nos salmos de louvor, especificamente nos chamados cânticos novos. Um cântico novo era um salmo improvisado, tecido de uma sequência espontânea de citações bíblicas. Maria é como uma “Bíblia aberta”. O retrato de Deus é muito rico. Ele é um Deus salvador: não é um salvador teórico, mas um Salvador pessoal e concreto. Ela mesma ouviu do anjo que o nome de seu Filho é Jesus, ou seja, Deus que salva. É o Deus habituado a fazer maravilhas: com ela, acontece a maravilha das maravilhas. Tudo o que acontece em Maria, tudo o que Deus faz em favor do povo, é porque Deus é Santo, por isso ela diz: “santo é o seu nome”. Esse Deus tem preferência pelos pequenos: ele dispersa os soberbos, derruba os poderosos e despede os ricos sem nada. Os salmos falam, muitas vezes, desta escolha de Deus

³¹ BIGOTTO, G. M., Maria, p. 62-63;

³² BOFF, L., O Rosto Materno de Deus, p. 127;

³³ BOFF, L., O Rosto Materno de Deus, p. 127;

em favor dos pequenos e contra os homens de coração de ferro. Ela, vendo a história do seu povo, proclama que Deus está presente, é ativo. Ele já é no Antigo Testamento aquilo que será no Novo: o Emanuel, o que caminha com o seu povo. Deus é o Deus fiel: o que prometeu a Abraão ele realiza de geração em geração e o leva ao seu termo no menino que se forma em seu ventre. Para ela, Deus é o Deus de amor. Toda a história está constantemente envolta por seu amor³⁴.

O *Magnificat* nos dá também um “retrato” de Maria: ela é mulher de alegria e plena gratidão a Deus. O menino em seu ventre é a sua maior fonte de alegria. Ela é preenchida de alegria e sua força vem do céu. É dela que dizemos: “causa da nossa alegria”, pois o filho que ela traz em seu ventre é toda a nossa alegria. Ela é mulher inteligente: sempre irá refletir, procurar compreender, deixar as coisas amadurecerem no coração, santuário da oração (Lc 2,19; 2,51). Ela tem, também, o entendimento de que a maravilha que Deus fez nela é tão grande que “todas as gerações me chamarão bem-aventurada”. Não é orgulho, porque ela se havia proclamado “humilde serva”, o nada contemplado pelo amor, pequena como todos os *anawim* (pobres) de Israel. É mulher cujo coração está modelado pelo Espírito Santo. Assim como Jesus, ela escolhe os humildes, os famintos. Ela toma distância dos soberbos, dos tiranos, dos ricos. É profundamente enraizada na história do seu povo. O seu cântico não é de uma mulher solitária, mas solidária. Partindo da sua realidade, ela percorre, retrospectivamente, todas as gerações de seu povo, remontando até Abraão³⁵. É mulher de fé profunda: somente a fé permite entender que o menino que ela carrega em seu ventre não é um acidente, mas o dom de amor sem limites de Deus, que vem nos salvar. O retrato que ela faz de Deus é fruto de sua fé. Ela é uma mulher que sabe agradecer: entre os judeus, a gratidão exprimia-se sempre em louvores e bênçãos; a palavra “obrigado” não existia no idioma hebraico. O cântico que ela profere é, assim, a gratidão espontânea, abundante e jubilosa³⁶.

Maria entoou jubilosa o seu hino de louvor a Deus. Sua alegria é repleta de sentido, pois ela tem motivos para exaltá-lo: Deus é Salvador, olhou para a

³⁴ BIGOTTO, G. M., Maria dos Evangelhos, p. 31-32;

³⁵ BIGOTTO, G. M., Maria dos Evangelhos, p. 33-34;

³⁶ BIGOTTO, G. M., Maria dos Evangelhos, p. 34-35;

humildade de sua serva e operou maravilhas nela³⁷. Foi concebida sem pecado original, dá à luz Jesus Cristo, permanecendo virgem até o final de sua vida³⁸.

No *Magnificat*, ressoa o clamor dos pobres e oprimidos de todos os tempos, dos deserdados da terra, mas, ao mesmo tempo, faz-se eco da mudança que ocorrerá no seio da sociedade opressora e arrogante: Deus já se manifestou na história do homem e ficou do lado dos pobres. Nos lábios da Virgem, o evangelista coloca os grandes temas da teologia libertadora que Deus levou a cabo em Israel, e que se estende a toda a humanidade³⁹.

Lucas destaca a prolongada permanência de Maria junto de sua parenta, aludindo ao último período de sua gestação. Silencia, porém, de forma proposital, a presença ativa de Isabel no momento do parto, quando o mais lógico era que a ajudasse neste momento difícil. A volta “para casa” serve para recordar que, na gestação de Jesus, José não tomou parte alguma. A menção das duas “casas”, a de Zacarias no início, e a de Maria no final, evidencia o contraste entre as respectivas situações familiares⁴⁰.

Olhando a cena da Visitação, vemos Maria como a primeira missionária de Cristo. Ela o leva a uma família, a de João Batista. Pela boca de Isabel, esta família exprime a primeira profissão de fé cristã: o filho da Virgem é o ‘Senhor’ (ou, como aparece na boca de Isabel, “o meu Senhor”)⁴¹.

No evangelho de João, no episódio das “Bodas de Caná”, algumas coisas chamam a atenção: os noivos, em um sentido simbólico, são Israel e Deus. Israel é simbolizado por Maria, acrescentando também os criados. Ela não é designada pelo nome, mas sim como a “mãe de Jesus”; é também chamada de “mulher”. O termo ‘mulher’ não se refere à primeira mulher, mas evoca a figura da Sião ideal, representada na Bíblia como uma mulher e, mais precisamente, como uma mãe. Maria personifica a ‘Sião messiânica’, que reúne seus filhos à sua volta, por ocasião do final dos tempos. Maria, quando se dirige a Jesus para comunicar a falta do vinho, diz: “eles não têm mais vinho”. Ela coloca Jesus diante da aflição de Israel, Israel que ela é e representa. Curioso é que ela não diz “não há mais vinho”, mas “eles não têm mais vinho”. Ela não é testemunha neutra; ela se interessa pelo

³⁷ BOFF, L., O Rosto Materno de Deus, p. 205;

³⁸ BOFF, L., O Rosto Materno de Deus, p. 132;

³⁹ RIUS-CAMPS, J., O Evangelho de Lucas, p. 33;

⁴⁰ RIUS-CAMPS, J., O Evangelho de Lucas, p. 36;

⁴¹ BIGOTTO, G. M., Maria dos Evangelhos, p. 13;

sofrimento de seu povo. Israel costumava apresentar a Deus, em suas orações, as circunstâncias de sua angústia, confiante de que ele interviria da maneira que lhe aprouvesse. A palavra de Maria implica a fé em uma intervenção que é, no contexto da Aliança, a da salvação definitiva⁴².

Jesus lhe apresenta, então, uma pergunta: “que há entre mim e ti?”. É uma expressão hebraica traduzida para o grego. Quer indicar um conflito entre dois lados percebido por perspectivas diferentes (Jz 11,12; 1Rs 17,18; Mc 5,7) ou concordantes (2Cr 35,21). Quando usada para responder a um pedido, o locutor pode ceder ao pedido do outro (2Rs 3,13), como também pode não ceder (2Sm 16,10). Jesus consente ao pedido de Maria, e ela parece confiante de que Jesus o acataria (2,5)⁴³.

O livro dos Atos dos Apóstolos descreve que os Apóstolos foram ao cenáculo e se reuniram no quarto de cima, onde costumavam congregar. Com eles, estava Maria, a mãe de Jesus, e os seus irmãos (At 1,14). A palavra ‘irmão’, no hebraico (*ach*), pode referir-se a um grau de parentesco, podendo assumir a função de irmão, de fato, mas também de primo ou um parente próximo⁴⁴. Na tradução grega da Escritura, assim como no texto do Novo Testamento, a palavra *ach* foi traduzida por *adelphos*, que assume o mesmo significado⁴⁵. Quando se lê ‘os irmãos de Jesus’, deve-se entender ‘irmãos’ com esse sentido amplo⁴⁶. A presença de Maria, com os Apóstolos, é fundamental. A união de Maria com os Apóstolos, sob a moção do Espírito Santo, é figura da Igreja⁴⁷.

2.1.2 Na Patrística

Nos primeiros séculos do Cristianismo, nasceu uma bela analogia: Jesus é o Sol (portador de luz própria, a Luz) e Maria é a Lua (que é iluminada por Jesus, o Sol)⁴⁸. Dessa forma, entendiam que Maria é totalmente dependente de Jesus, pois ela é criatura - apesar de ser a mais bela de todas as criaturas. Assim é a devoção e

⁴² LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João I*, p.176-177;

⁴³ HAHN, S. MITCH, C., *Caderno de Estudo Bíblico*, p. 33;

⁴⁴ HATZAMRI, A. MORE-HATZAMRI, S., *Irmão*, p. 146;

⁴⁵ MCKENZIE, J. L., *Irmãos do Senhor*, p. 448;

⁴⁶ NÉGRIER, A. LÉON-DUFOUR, X., *Irmão*, c.455-457.

⁴⁷ GEORGE, A., *Maria*, c. 561;

⁴⁸ MURAD, A., *Maria, toda de Deus e tão humana*, p. 207;

o culto marianos: totalmente dependentes de Jesus Cristo, e giram em função dele e de seu Mistério Pascal.

No século II, já encontramos a analogia Maria-Igreja. Também no século II, a expressão “Mãe de Deus” vem à tona. Nos séculos IV e V, a ideia de que Maria não teve pecado começa a ganhar força⁴⁹.

Santo Ambrósio de Milão, Padre da Igreja do século IV d.C., disse que “Maria é o templo de Deus. Não o Deus do templo. Por isso, só aquele que fez maravilhas no templo é digno de adoração”⁵⁰. Ser templo de Deus não significa apenas ser ‘morada de Deus’. A ideia de templo como morada é muito simplória. O templo era lugar de sacrifício, oferta a Deus. Por isso, Maria é aquela que soube ser templo de Deus durante toda a sua vida, ou seja, sempre se ofereceu a Deus, sempre foi a adoradora perfeita do Pai Celeste. Sendo assim, ela é a mulher eucarística por excelência⁵¹. Ela esteve presente na celebração litúrgica desde o início, e desde o início da história da Igreja foi invocada como advogada, auxiliadora, socorro dos cristãos etc.⁵²

Ele ainda fez um paralelo entre a Igreja e Maria: ambas são virgens, esposas e mães. Exaltou a coragem de Maria, sobretudo aos pés da cruz, sofrendo com o seu filho Jesus Cristo. Exaltou a participação dela no mistério da Redenção, sua caridade para com sua prima Isabel e sua total prontidão ao Senhor, fazendo-a uma mulher de ação pela salvação da humanidade⁵³.

São Justino Mártir (103-165 d.C.) afirma que o princípio e o fim da desobediência não deviam assemelhar-se e conclui que, como a desobediência não teve princípio sem o concurso da mulher - Eva, virgem, - também não teve fim sem a cooperação da mulher, Maria Virgem⁵⁴.

Justino, no entanto, fez confusão entre o Espírito Santo e o *Logos*, o Verbo de Deus. Para ele, o Espírito Santo e o poder do Altíssimo não eram senão modos de designar o *Logos*. Ele entende que o Espírito Santo, do qual fala Lucas, não é outro senão o Filho de Deus⁵⁵.

⁴⁹ GRILLMEIER, A.; MULLER, A., Capítulo XI - O lugar de Maria e sua cooperação no Evento Cristo, p. 75;

⁵⁰ CORDEIRO, J. M. G., A Virgem Santa Maria no Ano Litúrgico, p. 299;

⁵¹ JOÃO PAULO II, PP., Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, online;

⁵² LIMA, J. d. S., Maria e os Santos na Religiosidade Popular, p. 442;

⁵³ CORBELLINI, V., A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V, p. 35-37;

⁵⁴ ROSCHINI, G., Instruções Marianas, p. 90;

⁵⁵ CORBELLINI, V., A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V, p. 14;

Ele, no *Diálogo com Trifão* (posterior a 150 d.C.), partindo de outra perspectiva, expõe pela primeira vez o paralelismo ‘Eva-Maria’⁵⁶. Na sua visão, Maria é o antítipo de Eva e restaurou aquilo que Eva destruíra. A importância teológica dessa antítese é grandiosa. Muito provavelmente, a origem desse pensamento está baseada em Gn 3,15⁵⁷.

Ao abordar a questão do motivo da permissão divina para a morte dos inocentes em Belém, em vez de eliminar Herodes, Justino responde com uma outra pergunta: “Deus não teria podido, também no começo, eliminar a serpente em vez de dizer: ‘porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e a dela?’”. Para Justino, a imagem da luta entre Herodes e Cristo faz alusão à luta entre Cristo e os descendentes de Satanás⁵⁸.

Vale mencionar que Santo Inácio de Antioquia (35-107 d.C.), enquanto era conduzido preso para Roma, escreveu que Cristo é da linhagem de Davi e de Maria. Nasceu verdadeiramente, comeu e bebeu; verdadeiramente foi crucificado e morreu. O evento salvífico está apoiado na maternidade de Maria. Para ele, a concepção virginal de Jesus, seu nascimento e sua morte são três imensos mistérios que se realizaram no silêncio de Deus⁵⁹.

Inácio afirmava a dupla geração do Cristo: uma eterna, por parte de Deus Pai, e outra terrena, por Maria. Para ele, Jesus Cristo foi gerado no seio de Maria, pela descendência de Davi, mas por obra do Espírito Santo, segundo o plano de Deus⁶⁰. Também falou sobre o batismo de Jesus, realizado por João⁶¹.

Tertuliano e Orígenes propagaram a ideia da obediência de Maria (o seu ‘sim’ e sua vida de entrega) e sua maternidade divina, que o Concílio de Éfeso (431) reconheceu como verdade de fé para toda a Igreja⁶².

Tertuliano (160-240 d.C.) diz que Deus nos remiu com um plano e uma operação rivais: *aemula operatione*. A culpa incorrida por Eva, ao crer na serpente,

⁵⁶ A referência ao texto patrístico, segundo o autor, é: cap. 100: PG 6,709-712;

⁵⁷ GRILLMEIER, A.; MULLER, A., Capítulo XI - O lugar de Maria e sua cooperação no Evento Cristo, p. 75. A referência ao texto patrístico, segundo o autor, é: cap. 100: PG 6,709-712;

⁵⁸ GRILLMEIER, A.; MULLER, A., Capítulo XI - O lugar de Maria e sua cooperação no Evento Cristo, p. 77. A referência ao texto patrístico, segundo o autor, é: PG 6, 713 B;

⁵⁹ KRIEGER, M., Com Maria, a mãe de Jesus, p. 40. O autor remete à *Carta aos cristãos de Éfeso*, 18,1-2; 19,1-3;

⁶⁰ CORBELLINI, V., A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V, p. 20. O autor remete à *Carta aos cristãos de Éfeso*, 7,2;

⁶¹ CORBELLINI, V., A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V, p. 20. O autor remete à carta *Aos Esmirniotas*, 1,1;

⁶² CORBELLINI, V., A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V, p. 11;

foi cancelada por Maria, ao crer no anjo⁶³. A propósito do que já foi dito sobre o sentido do termo “irmãos”, “irmãos do Senhor”, Tertuliano teve que defender a noção de “primogênito de Maria” como sendo “unigênito de Maria” (somente ele nasceu de Maria), uma vez que em sua época começaram a considerar Maria como mãe de outros filhos⁶⁴. Ele debate contra todas as tentativas docetistas no sentido de duvidar da realidade do nascimento de Jesus, entendendo o termo “virgindade” como realidade “pertinente ao homem”, e não ao nascimento⁶⁵. Também Orígenes (185-253 d.C.) se pronunciou sobre a questão: “Maria não teve outros filhos senão Jesus segundo os que pensam de maneira correta sobre ela”⁶⁶. Orígenes foi um dos primeiros a chamar Maria de *Theotókos* (Mãe de Deus – no ano 243). Para ele, é preciso imitar Maria para que Cristo possa nascer em nós⁶⁷. São Cirilo de Alexandria (375-444 d.C.) ressalta a ideia da união hipostática, ou seja, as naturezas humana e divina de Jesus estão intimamente unidas em sua pessoa. Sendo assim, Maria é, verdadeiramente, *Theotókos*. São Basílio Magno (330-379 d.C.), por exemplo, defendeu a virgindade de Maria⁶⁸. São Gregório de Nissa (330-395 d.C.) destacou que a pergunta de Maria ao anjo, a respeito de como se daria o que ele anunciou, era uma expressão do voto de virgindade que ela teria feito⁶⁹.

Santo Irineu de Lyon (120-200 d.C.), testemunha da tradição da Igreja do Oriente e do Ocidente, estabelece um minucioso paralelo entre Eva e Maria, e conclui: “daquela maneira, portanto, por que o gênero humano fora votado à morte por meio de uma virgem, assim também por uma virgem foi salvo, de modo que a obediência de uma Virgem compensou a desobediência de outra virgem”⁷⁰.

Em relação à gravidez de Maria e o seu caráter sobrenatural, para justificar a ideia de ‘santidade’, Santo Irineu de Lyon teve que se posicionar perante os ebionitas, pois esses negavam a divindade do Verbo, afirmando também que Jesus havia nascido de forma natural da relação entre José e Maria. Irineu, assim, afirmou

⁶³ ROSCHINI, G., Instruções Marianas, p. 90;

⁶⁴ CORBELLINI, V., A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V, p. 33;

⁶⁵ Aqui, faz-se referência a *Adv. Marc.* IV 21,4;

⁶⁶ GRUPO DE DOMBES, Maria no Desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos, p. 26. O documento remete a *Commentaire sur saint Jean*, I, 4, SC 120, p. 71;

⁶⁷ KRIEGER, M., Com Maria, a mãe de Jesus, p. 40;

⁶⁸ KRIEGER, M., Com Maria, a mãe de Jesus, p. 41;

⁶⁹ KRIEGER, M., Com Maria, a mãe de Jesus, p. 41. O autor remete a PG 46,1136;

⁷⁰ ROSCHINI, G., Instruções Marianas, p. 90. O autor faz referência a “*Adv. Haeres.* III, 22”;

que aquele que foi gerado em Maria é Santo, Filho de Deus. Irineu fazia uma relação entre os termos ‘santidade’, ‘encarnação’ e ‘nascimento virginal’⁷¹.

A encarnação do Verbo tornou puro o seio de Maria, regenerando a humanidade em Deus. Segundo ele, a profissão de fé à maternidade virginal de Maria é pressuposto necessário para participar da salvação dada por Jesus Cristo⁷².

Também no campo da literatura apócrifa, encontramos menção à virgindade de Maria pós-parto. O Protoevangelho de Tiago nos afirma que, mesmo depois de dar à luz, Maria continua virgem. Contudo, se afasta da simplicidade dos evangelhos canônicos⁷³. Nos apócrifos influenciados pela gnose e pelo judaísmo, ou se nega o parto sobrenatural da Virgem, ou se espiritualiza demais, dando margem às fantasias⁷⁴.

Sobre a questão dos ‘irmãos de Jesus’, o Protoevangelho de Tiago diz que eles são filhos de um primeiro matrimônio de José, não afetando em nada a virgindade perpétua de Maria⁷⁵.

Irineu poderia receber o título de primeiro mariológico. Além do que já foi dito acima, ele afirma claramente que Cristo é o vencedor da serpente, prometido em Gn 3,15, e não esquece de frisar que Ele é fruto de Maria (descendência da mulher)⁷⁶.

Santo Arquelau, contra os que não acreditavam na encarnação do Verbo, explica que, se Cristo não nasceu verdadeiramente de Maria, também não sofreu, pois só pode sofrer aquele que nasceu. Se não houve sofrimento, não houve a Cruz, logo deve-se fazer desaparecer o nome da Cruz. Se tiramos a Cruz, não houve ressurreição dos mortos. E se, como já afirmou São Paulo, Cristo não ressuscitou, ninguém ressuscitará (1Cor 15,13). Em suma, tudo isso é decorrência da negação de que Jesus tenha nascido de Maria⁷⁷.

⁷¹ CORBELLINI, V., A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V, p. 25;

⁷² CORBELLINI, V., A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V, p. 12;

⁷³ GRUPO DE DOMBES, Maria no Desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos, p. 33. O documento remete ao *Protoevangelho de Tiago*, 20, 1 e a *Pseudo Mateus*, 13, 4;

⁷⁴ MULLER, G. L., A Mãe de Cristo – Modelo para existência cristã e tipo da Igreja (Mariologia), p. 349;

⁷⁵ GRILLMEIER, A.; MULLER, A., Capítulo XI - O lugar de Maria e sua cooperação no Evento Cristo, p. 80;

⁷⁶ GRILLMEIER, A.; MULLER, A., Capítulo XI - O lugar de Maria e sua cooperação no Evento Cristo, p. 78. A obra remete a *Adversus Haereses* 3,23,7; PG 7, 964 B; 4,40,3; 1114 B; 5,21,1; 1179 AB.

⁷⁷ BOFF, C., Mariologia, p. 15;

Santo Epifânio (310-403 d.C.) diz: “Eva foi para todos os homens a raiz funesta da morte e da ruína, porque por ela a morte se introduziu no mundo. Maria foi para eles a fonte da vida, já que por Ela nos foi restituída a vida, por meio dela o Filho de Deus veio ao mundo”⁷⁸. A respeito de uma desvirtuação do verdadeiro culto marial, ele diz: “outros, em sua loucura, querendo exaltar a Virgem, colocaram-na no lugar de Deus”⁷⁹. Epifânio também faz referência ao final da vida de Maria: “é possível que a santa Virgem tenha morrido e tenha sido sepultada...; é possível que tenha sido morta violentamente...; talvez tenha continuado a viver. Poderoso é Deus para fazer aquilo que está em sua vontade, por isso ninguém conhece o fim de Maria”⁸⁰.

Desde o final do século V, começam a aparecer escritos apócrifos sobre o trânsito de Maria, surgidos fora da Palestina: eram lendas usadas para cobrir as lacunas da tradição. Eles falam, unânimes, que Maria morreu e aconteceu uma ressurreição corporal, ou de uma transladação de seu corpo para o paraíso. Para Cothenet, a origem destas lendas não passaria do século II⁸¹.

No século VI, o nome da “festa em memória de Maria” muda para “festa do óbito da Mãe de Deus”. Já não haveria dúvidas sobre sua morte, mas a crença na assunção vai se tornando geral nas homilias e textos litúrgicos. Por exemplo, encontramos isso em Pseudo-Modesto de Jerusalém († 680), em Germano de Constantinopla († 733), em André de Creta († 740), em João Damasceno († 749) etc. Na Igreja bizantina também perdurou tal doutrina, porém não como dogma formal⁸².

No Ocidente, a doutrina sobre a assunção de Maria começa, por Roma, sob o papa Sérgio I (687-701), da festa da *Dormitio*. No século VI, então, a festividade passa a se chamar *Assumptio*, com o que já expressa a assunção corporal da Virgem.

⁷⁸ ROSCHINI, G., Instruções Marianas, p. 90. O autor faz referência a “*Adv. Haeres.* III, *haer.* 79 PG. 42, 727 ss.”;

⁷⁹ BOFF, L., O Rosto Materno de Deus, p. 228. O autor remete a *Panarion* 78, 23: PG 42, 736 B.

⁸⁰ GRILLMEIER, A.; MULLER, A., Capítulo XI - O lugar de Maria e sua cooperação no Evento Cristo, p. 167. Os autores remetem a *Panarion* 78, 24: PG 42, 737 A;

⁸¹ GRILLMEIER, A.; MULLER, A., Capítulo XI - O lugar de Maria e sua cooperação no Evento Cristo, p. 167. Os autores remetem a COTHENET, E., *Marie dans les Apocryphes*: Maria VI; Paris, 1961, p. 144;

⁸² GRILLMEIER, A.; MULLER, A., Capítulo XI - O lugar de Maria e sua cooperação no Evento Cristo, p. 167;

Em 1º de novembro de 1950, Pio XII definiu, então, o dogma, com a Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*⁸³.

Santo Efrém (306-373 d.C.), doutor da Igreja, declara a Virgem Maria totalmente alheia a qualquer mancha de pecado. Até então, a imunidade de Maria em relação ao pecado atual era professada apenas implicitamente⁸⁴. Segundo Boff, Maria não tem apenas santidade, ela é santa. A razão está no fato de que o Espírito Santo se ‘pneumatificou’ nela⁸⁵.

Um personagem importante para uma visão ‘Maria-Igreja’ foi Cromácio de Aquileia, bispo de Aquileia, uma antiga cidade romana. Ele propôs uma relação profunda entre Maria e Igreja, de modo que não se pode falar da Igreja sem que esteja presente a Mãe do Senhor, como aconteceu no evento de Pentecostes. A Igreja, como mãe, dá à luz os fiéis, no sacramento do Batismo. Maria e a Igreja nos dão o Cristo, sobretudo na presença do sacramento da Eucaristia⁸⁶.

No tocante à Liturgia, um dos textos mais antigos que citam Maria e que chegaram até nós, se encontra na homilia ‘Sobre a Páscoa’, de Melitão de Sardes († 180 d.C.), que remonta à segunda metade do século II. Quando apresenta Cristo como Páscoa da nossa salvação, faz tríplice referência à Virgem: “ele (...) revestiu-se da nossa humanidade no seio da Virgem e nasceu como homem... Ele é aquele que se encarnou no seio da Virgem... Ele é o cordeiro que não abre a boca, ele é o cordeiro que foi morto, ele nasceu de Maria, ovelha sem mancha”⁸⁷.

O Símbolo de Constantinopla, em 381, incluiu o nome de Maria, assim como o Símbolo dos Apóstolos já trazia (atestado em ‘A tradição apostólica’, no início do século III). O Símbolo dos Apóstolos traz: “creio (...) e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria (...)”. No Símbolo Niceno-Constantinopolitano, temos: “creio em um só Senhor, Jesus Cristo. (...) Por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus: e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem (...)”⁸⁸.

⁸³ GRILLMEIER, A.; MULLER, A., Capítulo XI - O lugar de Maria e sua cooperação no Evento Cristo, p. 168;

⁸⁴ ROSCHINI, G., Instruções Marianas, p. 139.

⁸⁵ BOFF, L., A Ave Maria, p. 66;

⁸⁶ CORBELLINI, V., A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V, p. 38;

⁸⁷ CASTELLANO, J., Virgem Maria, p. 1218. O autor remete a N.65-71: Sch123,94-100, século II;

⁸⁸ GRUPO DE DOMBES, Maria no Desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos, p. 23;

Os dois credos reúnem Maria e Pilatos. Maria está relacionada com o nascimento, já Pilatos está relacionado com a morte. Dessa forma, temos a cronologia histórica de Jesus. Porém, o testemunho de Maria é de ordem totalmente diferente da de Pilatos. Pilatos não é testemunha da ressurreição. Ele não consegue abraçar a realidade do mistério. Maria está intimamente ligada ao mistério. Ela não é neste Credo, nem no dos Apóstolos, uma espécie de ornamento, como se atuasse bem na decoração. Se a fé gira em torno do binômio morte-ressurreição de Jesus, essa mesma fé deve se pronunciar sobre o nascimento do Senhor à luz da ressurreição⁸⁹.

No ano 432, em Roma, o Papa Sisto III começou a construção da Basílica de Santa Maria Maior, a mais antiga igreja do Ocidente em honra à Virgem. Essa Basílica seria um louvor a Deus, por ocasião da proclamação do dogma da maternidade divina, ocorrida um ano antes, em Éfeso⁹⁰.

No Oriente, o hino *Akáthistos* (“não sentado, mas de pé”, em grego) começou a ser cantado. É a mais bela composição mariana do rito bizantino, tão estimada pela tradição oriental. “É um cântico todo centrado em Cristo, contemplado à luz da sua Virgem Mãe. Por 144 vezes, ele convida-nos a renovar a Maria a saudação do Arcanjo Gabriel: *ave Maria!*”⁹¹. O hino refere-se ao mistério da encarnação salvífica do Verbo Divino, a maternidade de Maria e do seu papel no mistério de Cristo e da Igreja. Não se pode dizer quem foi o autor do hino⁹².

Na obra de Clodovis Boff, citando R. Garrigou-Lagrange (1941), a relação do cristão “moderno” com Maria se dá através de três fases: a primeira é a admiração e a piedade: “tudo é belo em Maria!”. É a “primeira ingenuidade”, a tese. A segunda, que é a crítica e reserva, é a antítese: “é belo demais para ser verdadeiro!”. Na terceira há admiração e piedade recuperadas: “é belo porque verdadeiro!”. É a síntese, a “segunda ingenuidade”⁹³.

Maria é tida pelos Padres da Igreja como o “cetro da ortodoxia” e a “regra da fé verdadeira”⁹⁴.

⁸⁹ GRUPO DE DOMBES, Maria no Desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos, p. 23.

⁹⁰ KRIEGER, M., Com Maria, a mãe de Jesus, p. 43;

⁹¹ JOÃO PAULO II, PP., Celebração do Hino de “Akathistos” na Basílica de Santa Maria Maior, online;

⁹² KRIEGER, M., Com Maria, a mãe de Jesus, p. 43;

⁹³ BOFF, C., Mariologia, p. 14;

⁹⁴ BOFF, C., Mariologia, p. 16. O autor remete a São Cirilo de Alexandria, 378-444 d.C;

Os padres latinos, sobretudo os dos primeiros cinco séculos da era cristã, se debruçaram na investigação de textos da Escritura que pudessem evidenciar uma doutrina mariológica já presente nos primeiros anos da nossa era. Eles observaram alguns pontos interessantes, a partir de um paralelismo entre personagens do Antigo Testamento (período da promessa) e do Novo Testamento (período da realização, cumprimento)⁹⁵.

No texto da Anunciação, por exemplo, em sua primeira parte, os padres gregos reforçaram a ideia da ‘alegria’ dada a Maria, ou seja, a saudação com a qual o Anjo se dirige a ela: *chaire, Maria, kecharitomene* (Lc 1,28). Enquanto isso, os padres latinos se detiveram mais na expressão *gratia plena*, tradução latina para o *kecharitomene*, o que aponta à ideia da ‘maternidade divina’, na qual Maria recebe em seu ventre o autor da Graça⁹⁶. A palavra ‘serva’, empregada na resposta de Maria, é sublinhada para indicar a sua humildade, o que ela recordará no *Magnificat*. Ela se coloca na multidão dos servos de Deus: Abraão, Moisés, Davi etc., até que chega o grande servo de Deus e da humanidade, Jesus, vindo ao mundo “para servir e dar a sua vida em resgate pela multidão” (Mt 20,28; Lc 22,27).

A exegese dos Padres da Igreja também interpretou o texto de Ap 12 em sentido mariológico: a figura da mulher que acabou de dar à luz, cujo filho está ameaçado pelo dragão. O texto pode apoiar-se numa leitura tipológica veterotestamentária, enxergando também a figura de Israel, com suas doze tribos. Pode representar, também, a parcela daqueles que creem, constituindo parte da Igreja (sendo as doze estrelas a simbologia dos doze apóstolos). Logo, a leitura primeira de tal texto remete-nos à Igreja, mas não foi obstáculo para os padres enxergarem a pessoa de Maria, uma vez que Maria e a Igreja têm profunda relação, como já foi mencionado⁹⁷.

Dentro da celebração do culto cristão, já encontramos orações fazendo referência a Maria. O Rolo de Ravena, datado do século VI d.C., já trazia algumas fórmulas na Liturgia do Advento e uma hinografia antiga em que invocações e orações a Maria já estavam presentes. Nos primeiros séculos, período em que as perseguições ao cristianismo eram algo frequente e terrível, os cristãos pediam aos

⁹⁵ CORBELLINI, V., A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V, p. 12;

⁹⁶ CORBELLINI, V., A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V, p. 12;

⁹⁷ MULLER, A.; SATTler, D., Mariologia, p. 150;

que estavam destinados ao martírio que intercedessem por eles⁹⁸. Nota-se, desde já, a prática da intercessão dos santos. Ora, se os martirizados já eram considerados como santos, os que habitariam na glória de Deus, quanto mais a Mãe do Senhor.

Uma das mais antigas orações marianas é a *Sub tuum praesidium* (À Vossa Proteção). Encontra-se um registro dela em um fragmento de papiro, descoberto no Egito, no ano de 1927. Esse fragmento remonta ao século III d.C., correspondendo a uma das primeiras orações cristãs marianas que conhecemos. A oração é simples: “à vossa proteção recorremos, Santa Mãe de Deus. Não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita!”⁹⁹. Como se vê, é uma oração simples, mas um pedido de proteção a Maria, já invocada como ‘Mãe de Deus’ (dogma mariano que só viria a ser proclamado oficialmente no século V d.C.).

A mais antiga representação da Virgem Maria está na catacumba de Santa Priscilla. Ali, encontramos a figura da Virgem com o Menino, ajoelhados diante de um profeta, que aponta para uma estrela. Muito provavelmente, o profeta representado é Isaías. Essa representação data do século III d.C.¹⁰⁰.

A oração da Ave-Maria, pelo menos a sua primeira parte, já era recitada pelos cristãos dos primeiros séculos. Composta pela anunciação do Anjo e os dizeres de Isabel, os cristãos viam nessa oração - ainda não completa - uma forma de louvar a Maria e lembrar sua união com o mistério de Cristo¹⁰¹.

Também sob uma perspectiva da mitologia pagã, Maria foi “cultuada”. Os pagãos helenistas, ou seja, de cultura grega, quando se converteram ao cristianismo, substituíram os nomes de suas deusas pelo nome de Maria. Mantiveram a figura da deusa, ou da virgem, e trocaram apenas o nome. No século V, um santuário dedicado à deusa Artemis foi transformado em um santuário dedicado a Maria. Chartres, uma catedral dedicada à Virgem, foi construída sobre o templo da *Virgo paritura* dos celtas. Em Roma, a Igreja de Santa Maria foi construída sobre o templo de *Vesta Mater*; Santa Maria do Capitólio ocupa o lugar que outrora fora dedicado a Juno. Na Acrópole, a igreja à Virgem Mãe de Deus substituiu o templo de Palas Atenas.

⁹⁸ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 205;

⁹⁹ CORDEIRO, J. L., A Presença de Maria na Liturgia, p. 303.

¹⁰⁰ CORDEIRO, J. L., A Presença de Maria na Liturgia, p. 303;

¹⁰¹ LIMA, J. S., Maria e os Santos na Religiosidade Popular, p. 453;

Os Padres da Igreja sempre foram muito severos no tocante a esses cultos às “deusas-mães”¹⁰².

Muito provavelmente, o culto a Maria tenha se desenvolvido muito tardiamente, depois do culto dos mártires e dos confessores. Não foram poucos os Padres que denunciaram a contaminação do culto a Maria pelo culto às deusas, sobretudo entre montanistas e os colliridianos, conhecidos como grandes veneradores de Cibele¹⁰³.

Há uma enorme diferença entre a mitologia e o que dizemos de Maria. A mitologia exalta o fascinante, o imaginário. Cibele não existiu. Hera não é uma pobre mulher do povo, simples, serva, que Deus se dignou convidar para participar da obra da redenção. Nos cultos pagãos, cultuavam as virgens que, através de relações sexuais com algum deus, se tornavam mãe. Com Maria, porém, é a força do Espírito Santo que atuou nela, sem violar a sua integridade e virgindade, fazendo-a templo vivo de Deus¹⁰⁴.

Importante personagem para a solidificação da doutrina mariana foi Santo Agostinho, bispo de Hipona. Em sua obra, os “Sermões” são especialmente importantes. Ele tinha consciência de que Maria não cometeu pecado. Conhece seus privilégios, em virtude da encarnação do Verbo, e também a sua virgindade perpétua: “foi virgem ao conceber, virgem ao dar à luz, virgem durante o parto, virgem depois do parto, sempre Virgem. Por que te maravilhas, ó homem? Uma vez que Deus se dignou ser homem, convinha que nascesse assim”¹⁰⁵.

Ele tem consciência de que tudo o que aconteceu em Maria foi por graça de Deus. Certa vez, Agostinho se dirige à Virgem e pergunta: “donde te vem tudo isso?”. Maria, então, dirige-lhe uma advertência, respondendo com toda a modéstia: “queres saber de onde me vem tudo isso? (...) Escuta a saudação do Anjo e reconhece em mim também a tua salvação. Crê naquele que eu creio. Por que me fazes perguntas? O Anjo que te responda”. Dirigindo-se ao Anjo, pergunta: “diz-me, pois, ó Anjo, donde vem esta glória a Maria?”. E ele respondeu-me: “já o disse quando a saudei: ‘ave Maria, cheia de graça’”¹⁰⁶.

¹⁰² BOFF, L., *O Rosto Materno de Deus*, p. 226-227;

¹⁰³ BOFF, L., *O Rosto Materno de Deus*, p. 228;

¹⁰⁴ BOFF, L., *O Rosto Materno de Deus*, p. 228;

¹⁰⁵ CORDEIRO, J. d. L., *Maria na Catequese Litúrgica de Santo Agostinho*, p. 483. O autor refere-se ao *Sermão* 186, 1;

¹⁰⁶ CORDEIRO, J. d. L., *Maria na Catequese Litúrgica de Santo Agostinho*, p. 484. O autor refere-se a *Sermão*, 291,6;

Agostinho celebra Maria como Virgem e Mãe, sobretudo nos sermões do Natal. Eis um trecho de mais um sermão: “a virgindade que Cristo pensava abrigar no coração da sua Igreja, antecipou-a no corpo de Maria. A Igreja não poderia ser virgem, se o esposo que ele foi entregue não tivesse sido o filho de uma Virgem (*Sermão* 188, 4)”¹⁰⁷.

Ele tinha em mente que Jesus recebeu a humanidade de Maria, sem perder a sua divindade¹⁰⁸.

Na maior parte do tempo, o que Santo Agostinho canta em Maria é a sua fé incomparável. Para ele, Maria foi maior pela fé do que pela maternidade¹⁰⁹. Agostinho também fazia referência à Virgem como “espelho das virgens”. Segundo ele, as virgens assemelham-se a Maria, Virgem e Mãe: “na pessoa de Maria, as virgens piedosas dão Cristo à luz”¹¹⁰.

Disse também: “este parto de uma só virgem consagrada é a honra de todas as virgens consagradas”¹¹¹.

A respeito do binômio Maria-Igreja, ele considera a concepção virginal de Maria como sinal do nascimento do cristão da Virgem Mãe Igreja. Jesus, Cabeça da Igreja, deveria nascer, segundo a carne, por um milagre: nasceria de uma Virgem para significar que seus membros nasceriam de outra Virgem, a Igreja¹¹².

Todos os tratados teológicos encontram-se sob a importância teológica do tempo. Nem tudo já estava pronto. A história foi amadurecendo o plano de Deus e suas maravilhas. Também Maria cresceu da promessa para o cumprimento; da obscuridade da fé à luz do conhecimento perfeito do desígnio de Deus; da imaculada concepção até a vinda do Espírito sobre ela e os apóstolos. A devoção mariana encontra-se, também, sob a lei do tempo: de inícios sem tantos significados, nos primórdios, até a sua elaboração no século III, culminando com maior explicitação em nossos dias, sobretudo de sua relação com a Santíssima Trindade¹¹³.

¹⁰⁷ CORDEIRO, J. d. L., *Maria na Catequese Litúrgica de Santo Agostinho*, p. 485;

¹⁰⁸ CORBELLINI, V., *A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V*, p. 40. O autor refere-se a *Sermão*, 291, 6;

¹⁰⁹ CORDEIRO, J. d. L., *Maria na Catequese Litúrgica de Santo Agostinho*, p. 485;

¹¹⁰ CORDEIRO, J. d. L., *Maria na Catequese Litúrgica de Santo Agostinho*, p. 485. O autor faz referência a *Sermão*, 192, 2;

¹¹¹ CORDEIRO, J. d. L., *Maria na Catequese Litúrgica de Santo Agostinho*, p. 487. O autor refere-se a *De la Sainte Virginité* 5,5; PL 40, 398-399;

¹¹² CORDEIRO, J. d. L., *Maria na Catequese Litúrgica de Santo Agostinho*, p. 487;

¹¹³ BOFF, L., *O Rosto Materno de Deus*, p. 139;

2.2 Esclarecimentos sobre a devoção mariana

Para se entender a devoção, seja ela a devoção mariana, aqui mencionada, ou qualquer outra devoção, devemos ter em mente alguns outros conceitos, como “culto”, “devoção”, “devoções” e “revelação particular”. O culto a Maria é nomeado de *hyperdouleia*, ou seja, uma *douleia* especial (culto especial). Contudo, ainda assim, não se trata de algo obrigatório. A *hyperdouleia* e a *douleia* (culto aos santos) são facultativos. É diferente do culto prestado a Deus, chamado de *latreia*. A origem da palavra *latreia* remete à adoração, que é prestada somente a Deus. ‘Adorar’ significa reconhecer como Deus, Senhor e Soberano de todas as coisas, de quem dependemos inteiramente e devemos nos dirigir, considerando como fim último e sentido pleno de nossa vida¹¹⁴. Já dizia Santo Agostinho: “fizeste-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração permanecerá inquieto enquanto não repousar em Vós”¹¹⁵.

O culto aos santos evoca a recordação de sua vida, uma vida movida pela graça de Deus, a gratidão por sua missão, a imitação de seu exemplo, que se realiza na oração a Deus, da comunhão com todos os membros da Igreja de Cristo. O culto e a invocação aos santos - e assim o culto mariano - somente são entendidos de forma correta quando sua fundamentação teológica e prática são vistas sob o prisma da eclesiologia, não no da soteriologia. Já na época de Epifânio, como foi mencionado anteriormente, o grupo chamado colliridianitas tinha a prática de cultuar Maria como uma deusa - o que é um equívoco, pois não consideravam a diferença essencial entre Deus e o ser humano, bem como a que existe entre a salvação divina de Cristo e a cooperação da criatura, possibilitada por graça, na execução do plano salvífico divino. Já o grupo dos “antidicomarianitas” rejeitava os enunciados de fé marianos e o culto a Maria – eram os extremos (o culto exagerado e desvirtuado, e uma indiferença no tocante ao culto mariano)¹¹⁶. O II Concílio de Niceia (787 d.C.), o Concílio de Trento (1563)¹¹⁷ e o Vaticano II distinguem entre adoração, que só cabe a Deus, e a veneração, que pode prestar-se

¹¹⁴ CASSIANO, E. D.; [Adaptação]. BRANT, P. S. A. D., Clases de cultos, online;

¹¹⁵ SANTO AGOSTINHO, Confissões, I, 1, 1.

¹¹⁶ MULLER, G. L., A Mãe de Cristo – Modelo para existência cristã e tipo da Igreja (Mariologia), p. 360. O autor faz referência a *haer.* 78; 79;

¹¹⁷ Encontram-se em DH 601 e DH 1821, respectivamente;

aos santos como figuras marcadas pela graça de Deus. Importante é saber que pode-se invocar os santos, recorrer à intercessão deles, mas essa invocação não tem nada a ver com idolatria.¹¹⁸

Maria é comparada a uma “Suma Teológica mínima”: a crença em Maria vai implicar, também, a crença em Deus, em Cristo e na Igreja¹¹⁹.

Tanto o culto aos santos, quanto o culto a Maria, não são obrigatórios. Há católicos que, por não conhecerem os graus de culto, e também o sentido da devoção aos santos, caem facilmente na história de que ‘adoramos a Maria’. Isso seria uma inverdade. Nosso culto a Maria é especial, daí ser *hyper*, pois ela foi escolhida para ser a Mãe do Senhor. Porém, ela não é o Senhor. Ela mesma reconhece isso, quando diz: “eu sou a serva do Senhor. Aconteça-me segundo a tua palavra!” (Lc 1,38). Isto posto, podemos compreender as devoções que nascem a partir da verdadeira e legítima devoção. A Igreja jamais considerou Maria como Deus, a ponto de lhe render o culto de *latreia*¹²⁰. A Igreja entende que, entre Deus e os homens, há somente um mediador, como afirma S. Paulo (1Tm 2,5). Porém, entende que há também a mediação de Maria junto a Jesus, o que não anula a mediação única de Jesus junto ao Pai¹²¹.

O povo, para vivenciar a devoção, acaba por criar devoções, ou seja, formas de expressar o amor e carinho que tem para com Nossa Senhora. Da devoção, que é liturgicamente experimentada, nascem as devoções, que são extensão do culto celebrado e que também tendem a ele. Muitas devoções marianas nasceram no decorrer da história do Cristianismo: o Rosário (ou Terço), o Ofício da Imaculada Conceição, a Coroinha de Nossa Senhora, a meditação das sete dores de Maria e tantas outras que foram surgindo e se espalhando pelo povo católico¹²².

Uma criança, quando bem pequena, aprende a rezar à ‘mamãe do Céu’. Pede sua proteção, demonstra seu carinho para com ela. Porém, ao envelhecer, pode-se

¹¹⁸ MULLER, G. L.; A Mãe de Cristo – Modelo para existência cristã e tipo da Igreja (Mariologia), p. 360;

¹¹⁹ BOFF, C., Mariologia, p. 15;

¹²⁰ Certa vez, navegando na internet, deparei-me com um site que trazia uma matéria, cujo título era: ‘a Mariolatria’. Percebe-se, com tal colocação, a falta de entendimento do verdadeiro culto prestado à Virgem.

¹²¹ DUPLACY, J.; VIARD, A-A., Mediador, c. 568-569;

¹²² CORDEIRO, J. L., A Presença de Maria na Liturgia, p. 307.

perder aquele carinho especial da infância, mediante tantas situações da vida. Isso é bem retratado na música do Pe. Zezinho, ‘Maria de minha infância’¹²³.

Como é bonito ver o povo rezando a Maria, pedindo sua intercessão e carinho de mãe. Ela nunca está longe dos seus filhos. Infelizmente, por ignorância, algumas pessoas pensam que, ao esquecer de recitar uma Ave-Maria, ou até mesmo rezar uma a mais, torna o Terço (ou Rosário) inválido, ou que venha a ofender Nossa Senhora.

Uma outra questão é a ‘multiplicidade’ das Nossas Senhoras, por parte do povo. Há quem pense que existem diversas Nossas Senhoras diferentes! Há falta de informação por parte de muitos católicos, assim como também carência de formação adequada sobre o assunto. Existe uma só Maria que, glorificada de corpo e alma, apareceu para pessoas em diferentes épocas e lugares, daí receber o título de ‘Nossa Senhora de Fátima’ (pois apareceu em Fátima), ‘Nossa Senhora de Lourdes’ (pois apareceu em Lourdes) etc.

Isso é o que chamamos de “revelação particular”. A revelação particular não vem acrescentar em nada a Revelação pública, encerrada com o último Apóstolo, por isso não recebe “fé pública” (a necessidade de crer por parte de toda a Igreja). A Igreja, como Mãe e Mestra (*Mater et Magistra*), tem o dever de investigar bem se a aparição é autêntica, se a mensagem revelada não entra em conflito com a Revelação pública etc. Há inúmeras pessoas que alegam ter visto Nossa Senhora. Será mesmo? Será que ela aparece aqui e acolá? A Igreja investiga muito bem estas coisas, como nos explica o Catecismo da Igreja Católica¹²⁴.

Houve um período em que exagerou-se na devoção e culto aos santos. Dessa forma, Jesus Cristo foi ficando apagado. No século XVI, período da Reforma Protestante, Lutero quis que Jesus voltasse a ser o centro da fé. Lutero chamou Maria, em toda a sua vida, de “doce Mãe de Deus”. Provavelmente, o título lhe foi sugerido devido à “Salve Rainha”, oração que se dirige à “doce Virgem Maria”. “A Maria dos Evangelhos pertence a todos os cristãos”¹²⁵. Ela é a mulher que tanto

¹²³ Lembro-me que, há uns doze anos, presenciei uma encenação dessa música. A encenação mostrava um menino rezando diante de uma imagem de Nossa Senhora e, conforme a música ia avançando, os atores iam trocando para as fases mais velhas do menino. Na fase adulta, o rapaz ia se deitar aos pés de Nossa Senhora - encenada por uma jovem - e recebia um abraço dela. Isso demonstra bem como é a postura da mãe para com o filho e do filho para com a mãe. O filho pode, muitas vezes, não ligar mais para sua mãe. Porém, a mãe estará sempre ao lado do filho. Assim é Maria.

¹²⁴ CEC 67;

¹²⁵ BIGOTTO, G. M., Maria dos Evangelhos, p. 9;

amou Jesus, tornando-se a sua perfeita discípula¹²⁶. Atualmente, os católicos têm entendido e valorizado a centralidade de Jesus Cristo, e as Igrejas da Reforma, pelo menos as mais históricas, aceitam os santos como exemplos de vida cristã. Contudo, a intercessão dos santos - que os católicos acreditam - não é aceita por eles¹²⁷.

Não podemos deixar de mencionar a Igreja Ortodoxa: na expressão do seu amor à mãe do Senhor, ela está extremamente próxima da Igreja Católica, com alguns elementos até mesmo de maior audácia, nos seus hinos e na celebração das suas festas. Em todas as Igrejas Ortodoxas, os ícones sobre a mãe de Deus são numerosos, e todos eles a representam como *Theotókos*, isto é, a ‘Mãe de Deus’¹²⁸.

O culto a Maria é também eclesiológico, uma vez que Maria é modelo da Igreja, a ‘Virgem, sem mácula, esposa do Espírito, que oferece-se com seu Filho no sacrifício da Cruz’. A Igreja é chamada a imitar Maria e, assim, oferecer-se com o Cristo ao Pai, no sacrifício da missa. A Igreja reconhece que todo o mistério celebrado é em virtude da salvação da humanidade, por isso une-se a Maria, Mãe da humanidade, a nova Eva, pois Maria soube despojar-se, sem reservas, em todos os momentos da obra salvífica de seu Filho¹²⁹.

Como se encontra na *Ineffabilis Deus*, do Papa Pio IX, os Papas sempre entenderam o sentido do culto a Maria e favoreceram (entende-se, aqui, expandiram) o culto à Imaculada¹³⁰. Por isso, há uma missa própria em honra à Imaculada Conceição, bem como um Ofício próprio para celebrar a Imaculada. O sentido de se ter uma missa própria, assim como um Ofício próprio à Imaculada, demonstra como a Igreja pretende deixar evidenciado o culto que sempre prestou à Virgem. Dessa forma, a Igreja vai se entendendo cada vez mais como ‘imitadora’ da Virgem, pois ela soube fazer sempre a vontade do Senhor. Nas celebrações marianas, a Igreja é convidada a participar, assim como Maria, do sacrifício de Cristo, para, assim como ela, ser beneficiada com os frutos da redenção. O verbo ‘participar’, mais do que significar ‘tomar parte’ em algo, é também receber algo de outrem. Tomando parte no sacrifício de Cristo, a Igreja une-se a Maria para ser, sempre mais, vivificada pelo Espírito. O mesmo Espírito que plenificou a Virgem, tornando-a ‘plena da Graça’, quer plenificar a Igreja, de modo que essa Igreja

¹²⁶ BIGOTTO, G. M., Maria dos Evangelhos, p. 9;

¹²⁷ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 205;

¹²⁸ BIGOTTO, G. M., Maria dos Evangelhos, p. 10;

¹²⁹ LG 62;

¹³⁰ PIO IX, PP., Constituição Apostólica *Ineffabilis Deus*, n. 4-10;

assuma, em todos os tempos, a sua identidade cristã: ser santa e anunciadora do Evangelho.

A partir da devoção, temos as devoções, que se formaram a partir da cultura dos povos, aparições de Nossa Senhora e seus pedidos etc. As diferentes ‘Nossas Senhoras’ são uma forma de inculturação de expressão de sua proximidade materna. Em cada lugar em que se registra uma aparição de Nossa Senhora, tem-se um registro de uma Nossa Senhora inculturada, de acordo com as características daquele povo. Nossa Senhora de Fátima, por exemplo, tem uma representação diferente de Nossa Senhora de Guadalupe, pois tem traços característicos do povo português¹³¹.

As devoções populares, como o terço, novenas etc., são manifestações do coração. Não são movidas por normas canônicas, mas pelo desejo de estar em comunhão com Maria e os Santos. A cultura dos povos, com o tempo, vai mudando¹³².

Com isso, é necessário purificar e mudar o que já perdeu sentido em relação às devoções. Deve haver sempre um processo de discernimento diante das manifestações de piedade mariana, tendo sempre em vista a Maria dos evangelhos e as fontes patrística, como vimos.

2.3

Devoção, devoções e culto: esclarecendo termos

É importante frisarmos o que entendemos por “devoção”, “devoções” e “culto”. Um esclarecimento acerca dos termos ajudará a compreender melhor a questão da devoção mariana na vida da Igreja e a prática das devoções pelo povo de Deus.

Segundo Murad, ‘culto’ tem três dimensões: ética, mística e ritual. A primeira dimensão (ética) seria a prática dos bons valores, da verdade e da justiça. Para ele, o culto verdadeiro nasce de um coração que pratica o bem na vida cotidiana. A segunda forma (mística) manifesta uma espiritualidade, algo que se dá na relação com o sagrado, ou seja, uma forma explícita de se relacionar com ele. A terceira (ritual) é a utilização de símbolos, gestos, palavras e ritos que sofrem

¹³¹ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 208;

¹³² MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 209.

influência da cultura em que nascem. Segundo ele, portanto, cultivar a Deus deve abarcar essas três dimensões¹³³.

De acordo com a *Marialis Cultus*, o ‘culto marial’ se manifesta de duas formas: o culto na liturgia e a piedade mariana, que se dá através dos exercícios de piedade, as devoções¹³⁴. Para Murad, as devoções também estão dentro do ‘culto’, abrangendo as três dimensões citadas anteriormente (ética, mística e ritual). Segundo ele, dentro do que chamamos de ‘culto’, temos a liturgia, que é o culto oficial; temos as devoções, que também são expressões culturais, formas de culto; e a ética, que está relacionada com o modo de viver¹³⁵.

É interessante frisar que, sempre que celebramos uma festa da Virgem Maria, ou de algum santo, estamos celebrando Cristo – que é Deus – objeto último de todo culto. A liturgia é a expressão cultural oficial da Igreja. Marca a identidade da Igreja como comunidade e consta de normas. Aliás, o Vaticano II, na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, solicitou a reforma litúrgica e pediu maior centralidade em Jesus, finalidade de todo culto. Pediu também maior participação dos fiéis, o resgate do ano litúrgico, e expressões adaptadas da liturgia, de acordo com a realidade dos povos e comunidades locais¹³⁶.

A partir do exposto, Murad apresenta a definição de ‘devoção’: consiste em expressões culturais, propostas de forma livre aos fiéis, que são elaboradas pelas pessoas, sejam elas clérigos, leigos, religiosas etc. A devoção é legítima, desde que não esteja em contradição com a Tradição e o Magistério eclesial. Ela é muito recomendada pela Igreja, mas não se torna obrigatória¹³⁷.

As devoções marianas (o terço, as novenas, as romarias etc.) são manifestações do coração. Não são movidas por normas canônicas, mas pelo desejo sincero de se conectar com Maria. É de competência das comunidades cristãs discernir, adaptá-las e, até, disseminá-las, se forem úteis. A propagação é feita de forma multimídia, como rádio, TV e internet, difundindo algumas devoções específicas, sem critérios evidentes, mas esquecendo-se de outras¹³⁸.

¹³³ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 202;

¹³⁴ Na primeira parte do documento, que compreende os números 1-23, encontramos o culto à Virgem na Liturgia. Na segunda, que compreende os números 24-39, e também na terceira, que compreende os números 40-55, encontramos o que diz respeito à piedade mariana e às devoções do *Angelus* e do Rosário, respectivamente;

¹³⁵ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 202-203;

¹³⁶ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 203;

¹³⁷ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 203;

¹³⁸ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 209;

De acordo com o Dicionário de Mariologia, ‘culto’ é definido como o ato, ou os atos, nos quais expressamos o reconhecimento da nossa dependência de Deus e pelos quais elevamos nossa mente a ele. Tomás de Aquino diz que há atos internos e externos. Os atos internos nos orientam diretamente a Deus. Os atos externos projetam externamente nossa devoção a Deus. O culto seria, então, expressão da realização da religião, que tem seu primeiro ato na adoração e devoção. Todo culto tem por finalidade o próprio Deus, uma vez que a pessoa reconhece a sua dependência do divino¹³⁹.

Quando devidamente praticado, o culto mariano torna-se, assim, um itinerário favorável ao crescimento espiritual dos fiéis. Não há vida cristã autêntica sem que não seja, ao mesmo tempo, mariana¹⁴⁰.

Conclusão

Em vista do exposto, podemos perceber que o culto a Maria está enraizado nas Sagradas Escrituras, com destaque ao texto lucano de Pentecostes (At 1,14), demonstrando a presença de Maria orante junto aos Apóstolos no cenáculo, assim como a passagem de Gl 4,4, em que Paulo faz questão de destacar que Cristo é “nascido de mulher”, e também na Tradição, de forma particular nas grandes intuições do período patrístico, sobretudo de Santo Agostinho¹⁴¹.

¹³⁹ GAMBERO, L., Culto, p. 365-369;

¹⁴⁰ GAMBERO, L., Culto, p. 369;

¹⁴¹ Os motivos pelos quais o autor escolheu tais textos são: a epístola paulina aos Gálatas, muito provavelmente, data de 54 d.C. Segundo alguns estudiosos, o primeiro evangelho escrito data de 70 d.C. (o de Marcos, daí o evangelista não tocar na questão da infância de Jesus, que está presente nos também sinóticos Mateus e Lucas). A menção “nascido de mulher” é importante, uma vez que reforça a ideia da pregação oral do evangelho, ressaltando a verdadeira encarnação do Verbo (apesar de não mencionar o nome “Maria” – o que poderia evocar a ideia da nova mulher, fazendo referência à primeira, Eva, e da nova criação em Cristo, como Paulo nos expõe em 2Cor 5,17?). Sobre o texto de Atos, sabe-se que a obra quer evidenciar o que os Apóstolos fizeram após a ascensão de Jesus. Lucas quer, com o livro de Atos, demonstrar linha de continuidade com a mensagem evangélica. Levando em consideração que o Evangelho de Lucas pode ter sido escrito entre 85-90 d.C., e que o livro de Atos foi escrito, provavelmente, em 64 d.C., podemos deduzir que Lucas quis dar importância à presença de Maria junto da Igreja nascente? Vale mencionar que as questões sobre autoria, datação e lugar de composição são sempre motivo de debate entre os exegetas, e que tais questões não ferem a canonicidade do livro bíblico.

As menções à Virgem encontradas nas Escrituras e nos escritos patrísticos evocam a devoção mariana já presente em meados do primeiro século, com a carta paulina citada acima, e do segundo século em diante, com os Padres da Igreja.

Percebemos que a devoção mariana é cristológica, ou seja, tem como objeto último, e todo o fundamento, o próprio Cristo. O culto a Maria também é eclesiológico, pois expressa aquilo que a Igreja é: serva fiel às promessas de Deus, firme nas vontades do Senhor. Assim como Maria, a Igreja deve sempre servir, mais do que ser servida, porque esse foi o exemplo deixado por Cristo e por Maria. A renúncia de si, como nos ensinou Jesus e Maria, é essencial para que Deus possa operar e realizar maravilhas, assim como outrora elas foram realizadas na Virgem.

O culto a Maria, denominado *hyperdouleia*, e aos santos, denominado *douleia*, em nada rebaixa a adoração que prestamos a Nosso Senhor. Pelo contrário, tende a nos colocar sempre mais próximos dele, tendo em vista o exemplo que eles nos deixaram.

Após a exposição e fundamentação da devoção e culto marianos nas Sagradas Escrituras e na Patrística, veremos como esses temas foram trabalhados pelo Magistério da Igreja. Como a devoção mariana foi trabalhada na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (1964), documento conciliar do Vaticano II dedicado à Igreja, na Exortação Apostólica *Marialis Cultus* (1974), de Paulo VI, e também nas Conferências Episcopais Latino-Americanas (Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida)?

3

A devoção e o culto marianos na *Lumen Gentium*, *Marialis Cultus* e nas Conferências Episcopais Latino-Americanas de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida

Introdução

No presente capítulo, analisaremos como o Magistério da Igreja tratou o tema da devoção mariana, a partir dos seguintes documentos: constituição dogmática *Lumen Gentium*, a Exortação Apostólica *Marialis Cultus* (“O Culto à Virgem Maria”), do Papa Paulo VI, e as conclusões das Conferências Episcopais Latino-Americanas (Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida).

3.1.

A Mariologia do Concílio Vaticano II e de Paulo VI

De acordo com Salvatore Meo, a intenção do Concílio Vaticano II foi a de expor, com clareza, como e com que tipo de culto a Igreja deve se dirigir à Virgem. Era necessário saber precisar o sentido do culto mariano, com a intenção de corrigir os desvios que tinham surgido naqueles tempos. Exatamente por isso, dentro do capítulo VIII da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, os padres conciliares reformularam, nos números 66 e 67, os princípios do culto mariano. A título de síntese, poderíamos resumir em três pontos¹⁴².

Primeiramente, o culto mariano é “constituído pelo tríplice título da maternidade divina, da associação aos mistérios, de Cristo, da santidade excelsa de Maria”¹⁴³. Estes são os elementos que justificam o culto prestado à Virgem. Contudo, a missão para ser a mãe do Senhor, e também o modo com que Maria soube viver a santidade, são o que estabelecem a raiz da veneração que prestamos a ela. O Concílio quer deixar claro que, essencialmente, tal culto difere do culto prestado à Trindade. Mesmo estando acima do culto prestado aos santos, o culto mariano está abaixo do culto prestado a Deus, uma vez que ela é criatura, e não pode ser confundida, de maneira alguma, com o Criador. Ele não pode ser um fim

¹⁴² MEO, S., Concílio Vaticano II, p. 305;

¹⁴³ MEO, S., Concílio Vaticano II, p. 305;

em si mesmo, mas tem por finalidade guiar os fiéis a prestarem o verdadeiro culto de adoração a Cristo e a Deus¹⁴⁴.

Toda forma de veneração a Maria deve estar subordinada ao culto divino e deve girar em torno dele, uma vez que, honrando a mãe do Senhor, o Filho possa ser “devidamente conhecido, amado e glorificado e seus mandamentos sejam observados”¹⁴⁵.

Em relação às características e formas do culto mariano autêntico, poderíamos numerá-la em quatro: “o amor, a veneração, a inovação, a imitação”¹⁴⁶. O amor é devido a sua maternidade, e também pela imensa caridade que ela tem para com a humanidade; a veneração é por causa da sua santidade e dignidade, pela fidelidade ao seguimento de Cristo, e pela participação e serviço na história da salvação; a invocação, por conta da confiança que a Igreja nutre na assistência materna junto à humanidade e em benefício dela, tanto na ordem sobrenatural quanto na ordem natural. A Igreja a invoca como advogada, medianeira etc., confiando em sua ajuda em todas as suas necessidades¹⁴⁷.

Nos números 66 e 67 da *Lumen Gentium*, o Concílio exorta os fiéis sobre o culto prestado à Virgem Maria. Maria, depois de Cristo, é a mais excelsa, acima dos anjos e dos homens. Ela tomou parte, de forma singular, nos mistérios de seu Filho, e por isso é venerada pela Igreja com o culto de *hiperdulia*, conforme já mencionamos no segundo capítulo. Honrada desde os primórdios do cristianismo com o título de *Theotókos*, Maria foi invocada como protetora dos cristãos. Depois de Éfeso, o culto da Igreja para com Maria cresceu na imitação, veneração e amor. Conforme os Padres Conciliares nos afirmam: “as várias formas de piedade para com a Mãe de Deus, aprovadas pela Igreja (...), têm a virtude de fazer com que, honrando a mãe, melhor se conheça, ame e glorifique o Filho (...)”¹⁴⁸.

O Concílio recomenda aos filhos da Igreja que nutram o culto a Maria, sobretudo o culto litúrgico, tendo grande estima pelas práticas e exercícios piedosos para com ela, observando tudo aquilo que foi promulgado sobre o culto das imagens de Cristo, da Virgem e dos santos. Exorta os teólogos a evitarem um falso exagero, como também uma considerável limitação na consideração sobre a dignidade de

¹⁴⁴ MEO, S., Concílio Vaticano II, p. 305;

¹⁴⁵ MEO, S., Concílio Vaticano II, p. 305;

¹⁴⁶ MEO, S., Concílio Vaticano II, p. 305;

¹⁴⁷ MEO, S., Concílio Vaticano II, p. 305-306;

¹⁴⁸ LG 66;

Maria. Devem explicar, fundados nas Escrituras, no Magistério e nos Santos Padres, os privilégios da Virgem, que fazem referência a Cristo. Devem observar as palavras e tudo o que diz respeito ao reto ensinamento da Igreja, sobretudo quando transmitidos aos irmãos de outras denominações cristãs e religiosas¹⁴⁹.

Por fim, frisa que a autêntica devoção não consiste em emoções estéreis e passageiras, mas nasce da verdadeira fé, que nos permite reconhecer a grandeza da Virgem e nos impulsiona a amá-la e a imitar suas virtudes¹⁵⁰.

Agora, veremos como o culto marial foi desenvolvido por Paulo VI na Exortação Apostólica *Marialis Cultus*. Na primeira parte do documento, Paulo VI fala sobre “O Culto à Santíssima Virgem na Liturgia”. Ali, ele fala sobre o calendário litúrgico e as respectivas festas marianas. Porém, não nos ocuparemos, por enquanto, com este tema, pois ele aparecerá no tópico 3.3.

Nos ocuparemos da II e III partes do documento, em que Paulo VI se dedica a falar sobre uma renovação da piedade mariana, e também sobre a oração do Angelus e do Rosário, respectivamente. O Espírito Santo desperta a criatividade dos fiéis, infundindo-lhes uma sensibilidade espiritual para que possam respeitar as diferenças culturais e tradições religiosas dos povos¹⁵¹.

Na MC, vemos que Maria é a “Virgem dada à oração”¹⁵². Destacam-se, neste quesito, segundo o próprio documento, o *Magnificat*, a oração da Virgem por excelência (Lc 1,46-55); a oração em Caná, em que ela manifesta ao Filho, “com imploração delicada, uma necessidade temporal” (Jo 2,1-12); e, por fim, a presença da Virgem orante junto aos Apóstolos, no cenáculo, em Jerusalém (At 1,14). Assim é também Maria junto à Igreja: “a comunidade que celebra a eucaristia se une a Maria nesta oração ao Pai, a quem apresenta todos os dias as necessidades dos seus filhos”¹⁵³.

Novas formas de piedade estão levando as comunidades a uma substituição de elementos transitórios, para então valorizar os elementos que constituem o fundamento bíblico, teológico e doutrinal da experiência de fé realizada

¹⁴⁹ BOFF, C., Mariologia, p. 123;

¹⁵⁰ BOFF, C., Mariologia, p. 122-123;

¹⁵¹ BOFF, L., Mariologia, p. 111;

¹⁵² MC 18;

¹⁵³ AMATO, A., Eucaristia, p. 492;

comunitariamente. Tais práticas refletem a identificação que os povos têm com a Virgem, a partir da vida de fé e prática pastoral¹⁵⁴.

O fato de Maria estar inserida no mistério cristológico, não exclui a relação dela com o Pai e o Espírito Santo. A *Marialis Cultus*, nos números 25 e 26, destaca a nota trinitária, cristológica e eclesial que o culto marial deve apresentar, dando ênfase à obra do Espírito em Maria. A descida do Espírito em Maria santificou-a desde a sua concepção, por ocasião da encarnação do Verbo. Tal evento é o ponto máximo da história da salvação. Por causa da fecundação do Espírito em Maria, ela é a “Mãe da Igreja e da humanidade”¹⁵⁵.

Hans Urs von Balthasar diz que Maria, assumindo verdadeiramente a maternidade, em todas as suas dimensões (na concepção virginal, no parto e na educação de Cristo), assume também “uma responsabilidade pessoal totalmente singular, a qual a empenhou tanto no plano espiritual como no físico”¹⁵⁶. Tudo isto nos faz lembrar o que professamos no Credo: “nascido da Virgem Maria”¹⁵⁷.

A união singular de Maria e do Espírito Santo levou os Padres da Igreja a chamarem de “Santuário do Espírito Santo”, “Habitação permanente do Espírito de Deus”. Foi do Espírito Santo que, segundo os Padres, floresceu a plenitude da graça na Virgem, que recordamos na oração “Ave-Maria”, baseada na saudação angélica (Lc 1,28). Foi por causa do Espírito que Maria, diante da cruz de seu Filho, permaneceu de pé, em que as dores dela assumiram dimensão universal¹⁵⁸.

“A imagem do Pai nela se faz plenitude de graça e grandeza de dons. Em Maria, os primeiros cristãos percebem não só a face física, mas também a fisionomia espiritual do Senhor, seu filho”¹⁵⁹.

Na descida do Espírito Santo, que em Maria acontece pela segunda vez, no cenáculo, ela esteve presente à Igreja quando a mesma estava nascendo. A *Marialis Cultus*, número 26, trabalha exatamente o tema “Maria-Igreja”, que inspira os fiéis a pedirem sua intercessão, assim como os Padres da Igreja suplicaram a capacidade de poder gerar Cristo na própria alma¹⁶⁰.

¹⁵⁴ BOFF, L., Mariologia, p. 111-112. A autora remete a MC 24;

¹⁵⁵ BOFF, L., Mariologia, p. 112;

¹⁵⁶ BALTHASAR, H. U. v., A face mariana da Igreja, p. 309;

¹⁵⁷ BALTHASAR, H. U. v., A face mariana da Igreja, p. 309;

¹⁵⁸ BOFF, L., Mariologia, p. 113;

¹⁵⁹ OSSANNA, T. F., Modelo Evangélico, p. 904;

¹⁶⁰ BOFF, L., Mariologia, p. 113;

Em relação à maternidade espiritual de Maria, Amato diz que tem “plena correspondência na maternidade espiritual da igreja, significada e motivada pelo ‘poder sobre a Eucaristia’, através do qual a igreja assume a sua função materna em relação ao Cristo”¹⁶¹. Na Eucaristia, a maternidade da Virgem continua, misteriosamente, na maternidade da igreja. “O mistério cristão – a morte redentora de Cristo – é único em Maria, na igreja, em cada cristão”¹⁶².

De acordo com a MC, número 28, os conceitos inerentes à Igreja, como “Família de Deus, Povo de Deus, Reino de Deus, Corpo Místico de Cristo”, possibilitaram aos fiéis uma visão mais clara sobre a missão de Maria dentro do mistério da Igreja, bem como o seu lugar privilegiado na comunhão dos santos¹⁶³.

O zelo que Maria tem pelos filhos da Igreja se percebe nas referidas passagens bíblicas, como a sua visita a Isabel (Lc 1,39-45), no casamento em Caná da Galileia (Jo 2,1-10), aos pés da cruz (Jo 19,25-27) e no cenáculo de Jerusalém (At 1,12-14). Tais momentos têm sua continuidade no cuidado filial do povo, que deve levar ao mundo a “Boa Nova”: sua continuidade se dá no compromisso para com os pobres, os fracos e na sua dedicação perene em favor da paz e da concórdia social, segundo a *Marialis Cultus*, número 28¹⁶⁴.

A Virgem opera a sua maternidade através do seu exemplo. Ela é mãe da Igreja, dos crentes e de toda a humanidade. Assim como ela, a Igreja é chamada a ser mãe dos crentes¹⁶⁵.

Paulo VI, portanto, evoca as seguintes questões: a justa distribuição dos bens terrenos para todos, de forma igualitária; todos têm direito à comida, educação, saúde e lazer como “condição primeira de concórdia social”; reafirma a criação de um mundo em que prevaleça o entendimento e o progresso humano-social, ao invés da violência¹⁶⁶.

Em seguida, Paulo VI nos apresenta algumas orientações, todas elas seguindo a mesma linha do ensino do Concílio. São de ordem bíblica, litúrgica, ecumênica e antropológica. Assim como já foi mencionado no presente trabalho, Paulo VI nos diz que, para se falar de Maria e tributar-lhe culto, devemos partir da

¹⁶¹ AMATO, A., Eucaristia, p. 491;

¹⁶² AMATO, A., Eucaristia, p. 491;

¹⁶³ BOFF, L., Mariologia, p. 114;

¹⁶⁴ BOFF, L., Mariologia, p. 114;

¹⁶⁵ OSSANNA, T. F., Modelo Evangélico, p. 905;

¹⁶⁶ BOFF, L., Mariologia, p. 114;

Sagrada Escritura. Do livro do Gênesis até o Apocalipse, encontram-se referências à Virgem como mãe e mulher presente na história da salvação. Segundo a MC, número 30, os textos dos cantos e também as orações devem conter inspiração bíblica¹⁶⁷.

No que tange à ordem litúrgica, o número 31 da MC é extenso e, baseando-se no número 13 da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* (SC), sugere critérios que devem ser considerados. Também ao culto referente a Maria tal norma deve ser aplicada. Contudo, Paulo VI afirma que a sua aplicação não se apresenta fácil. É necessário o esforço, tato pastoral e constância por parte dos responsáveis pelas comunidades. Não se deve negligenciar, ou esquecer, os exercícios de piedade. Paulo VI utiliza o verbo “harmonizar”, ou seja, deve haver equilíbrio entre os elementos das práticas de piedade popular, com os elementos do culto litúrgico¹⁶⁸.

Também de ordem ecumênica há orientações. O ecumenismo deve ser feito com os nossos irmãos de outras denominações cristãs, observando os pontos em comum da nossa fé. Há a consciência do próprio Paulo VI de que existem não leves discordâncias entre os diversos irmãos de outras denominações acerca de Maria. Ele destaca que os católicos, juntamente com os irmãos das Igrejas Ortodoxas, têm uma devoção a Maria que se reveste de lirismo e doutrina profunda. Devem unir-se aos anglicanos, que já identificaram e edificaram uma sólida base bíblica sobre o culto à Virgem Maria, e que também já reconhecem a importância do lugar que Maria ocupa no cristianismo. Não se pode esquecer, evidentemente, nossos irmãos das Igrejas reformadas, que estimam a Sagrada Escritura e, inspirados no *Magnificat*, usam as palavras de Maria para glorificarem a Deus¹⁶⁹.

Lina Boff, em seu livro “Mariologia: interpelações para a vida e para fé”, destaca o trabalho do Grupo de Dombes, que reúne quarenta teólogos católicos e protestantes da França. Sua finalidade é buscar a comunhão entre as igrejas. Tal grupo publicou um livro, intitulado “Maria no Desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos”, lançado no Brasil pela Editora Santuário¹⁷⁰.

¹⁶⁷ BOFF, L., Mariologia, p. 115;

¹⁶⁸ BOFF, L., Mariologia, p. 116;

¹⁶⁹ BOFF, L., Mariologia, p. 117;

¹⁷⁰ BOFF, L., Mariologia, p. 117;

Na ordem antropológica, o culto mariano procura estreitar os horizontes, de modo particular da mulher que luta por uma participação igualitária na sociedade. No número 35, Paulo VI recomenda a imitação da Virgem Maria pelos seguintes motivos: ela soube aderir total e responsavelmente à vontade de Deus; acolheu a sua palavra e a colocou em prática; sua vida foi animada pela caridade e espírito de serviço; e também porque foi a primeira e fiel discípula do Senhor¹⁷¹.

Passemos agora para as práticas marianas, especialmente duas, que Paulo VI trabalha na terceira parte do documento: a Ave-Maria e o Rosário. A “saudação angélica”, ou *Angelus Domini*, ou simplesmente *Angelus*, tem uma estrutura simples, que é revestido de caráter bíblico, com o qual nos recorda o Mistério Pascal de Cristo. Ao “mesmo tempo que comemoramos a Encarnação do Filho de Deus, pedimos para ser conduzidos, ‘pela sua paixão e morte na Cruz, à glória da ressurreição’”¹⁷². Sua recitação acontece em três momentos do dia: ao amanhecer (6h), ao meio-dia e ao entardecer (18h)¹⁷³.

Em seguida, no número 42 da MC, Paulo VI se dedica a falar do Santo Rosário, que já foi chamado, por Pio XII, de “o compêndio de todo o Evangelho (Carta *Philippinas Insulas* (1946)”. Destaca que seus predecessores “mais de uma vez recomendaram a recitação do Rosário”, favorecendo a sua difusão. Na *Marialis Cultus*, Paulo VI narra breves acenos históricos do Rosário, quando recorda, no número 43, que os “Filhos de São Domingos”, os dominicanos, são os guardiões e propagadores de tal devoção¹⁷⁴.

No número 47, Paulo VI nos recorda os elementos essenciais do Rosário: o elemento laudativo, ou seja, de louvor; o elemento deprecatório, ou seja, de súplica, petição; e, não poderia faltar, o elemento contemplativo. Segundo ele, sem a contemplação, o Rosário é “um corpo sem alma e a sua repetição corre o risco de tornar-se uma repetição mecânica (...)”¹⁷⁵. Não se pode rezar o Rosário sem que, com certa paciência, o fiel possa meditar sobre os mistérios da vida do Senhor. Paulo VI nos diz: “a recitação do Rosário requer um ritmo tranquilo e uma certa

¹⁷¹ BOFF, L., Mariologia, p. 118;

¹⁷² MC 41;

¹⁷³ BOFF, L., Mariologia, p. 120;

¹⁷⁴ BOFF, L., Mariologia, p. 121;

¹⁷⁵ MC 47;

demora a pensar, que favoreçam, naquele que ora, a meditação dos mistérios da vida do Senhor, (...)”¹⁷⁶.

Paulo VI também fala da estrutura do Rosário. Na MC, números 49 e 50, temos, em linhas gerais, como o Rosário deve ser rezado. Recorda-se que a estrutura do Rosário foi dada pelo Papa São Pio V. Os mistérios luminosos, que rezamos hoje, foram incluídos apenas mais tarde, em 2002, com João Paulo II¹⁷⁷.

Não podemos esquecer de mencionar que o Papa João Paulo II instituiu o “Ano do Rosário”, que foi de outubro de 2002 a outubro de 2003. No número 3 da Carta Apostólica “Rosário da Virgem Maria”, João Paulo II diz que sentia necessidade de falar sobre o Rosário, de propor uma reflexão acerca do tema. A sua intenção de tratar o tema era “para exortar à contemplação do rosto de Cristo na companhia e na escola de sua Mãe Santíssima”¹⁷⁸. Seguindo seu pensamento, ele diz que “recitar o Rosário nada mais é senão contemplar com Maria o rosto de Cristo”¹⁷⁹.

Após a enunciação do mistério, há uma citação da Escritura que poderá ser feita, para melhor esclarecer o que está sendo meditado, pois os mistérios têm embasamento bíblico. Reza-se um Pai-nosso, dez Ave-Marias e, no final da dezena, um Glória-ao-Pai. Antes de João Paulo II, com a Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, o Rosário era composto de quinze mistérios (gozosos, dolorosos e gloriosos). Exatamente por isso, quando se rezava apenas um dos mistérios, rezava-se “um terço” do Rosário. Os mistérios incluídos posteriormente foram os mistérios luminosos, que tratam da vida pública de Jesus¹⁸⁰.

Por fim, Paulo VI conclui o documento falando do valor teológico-pastoral do culto a Maria. Diz ele que “a piedade da Igreja para com a bem-aventurada Virgem Maria é elemento intrínseco do culto cristão”¹⁸¹. O valor teológico, em linhas gerais, é: enraizamento na Palavra encontrada na Sagrada Escritura e Tradição; A maternidade humana e divina que fez de Maria a Mãe de Deus, íntegra de corpo e alma; A Imaculada Conceição, que expressa a santidade de Maria, isenta

¹⁷⁶ MC 47;

¹⁷⁷ BOFF, L., Mariologia, p. 122;

¹⁷⁸ RVM 3;

¹⁷⁹ RVM 3;

¹⁸⁰ BOFF, L., Mariologia, p. 123;

¹⁸¹ MC 66;

de todo pecado; A sua assunção de corpo e alma aos céus, depois de sua vida terrena¹⁸².

O valor pastoral, em linhas gerais, é: o culto à Virgem é uma prática que edifica o Reino de Deus, renovando os costumes cristãos, sobretudo para os homens e mulheres de nosso tempo, que vivem atormentados pela violência e guerras. Ela nos dá esperança e nos mostra um novo horizonte. Paulo VI demonstra contentamento por ter falado da Virgem e seu culto, incentivando os cristãos à confiança e à esperança de um mundo melhor¹⁸³.

Podemos depreender, então, a partir dos números 66 e 67 da LG, que o culto mariano é diferente do culto de adoração, devida somente a Deus, mas trata-se de um culto especial, que honra Maria como Mãe de Deus, e também sua união singular com o Filho, união esta que teve início desde que Jesus e Maria estavam na terra, e não foi desfeita depois que ambos foram glorificados no céu. Com a *Marialis Cultus*, Paulo VI nos transmite a mensagem de que Maria é sempre modelo da Igreja no exercício do culto, sendo “Virgem que sabe ouvir, que acolhe a palavra de Deus com fé”¹⁸⁴. Devemos imitá-la, sabendo ouvir atentamente tudo aquilo que nos diz o Senhor, e a fazer da nossa vida uma constante oblação a Deus, sempre em união com Cristo, sumo e eterno sacerdote, e seu sacrifício de amor. “Como Maria, também a comunidade eclesial, que celebra e vive a eucaristia, é comunidade que escuta a palavra, ora, gera e oferece”¹⁸⁵.

3.2.

Maria nas Conferências Episcopais Latino-Americanas: Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida

A respeito da Conferência de Medellín, vale destacar o parágrafo 8º da “Introdução”: na Assembleia do Episcopado Latino-Americano, houve “um novo Pentecostes”: ao redor de Maria, a Mãe da Igreja, que amparou o continente latino-americano desde a sua primeira evangelização, os bispos imploraram as luzes do Espírito Santo para que, perseverando na oração, e alimentados pelo Pão da Palavra

¹⁸² BOFF, L., *Mariologia*, p. 127-128;

¹⁸³ BOFF, L., *Mariologia*, p. 128-129;

¹⁸⁴ MC 17;

¹⁸⁵ AMATO, A., *Eucaristia*, p. 491;

e da Eucaristia, pudessem buscar formas de uma presença mais intensa e renovada da Igreja, na transformação da América Latina¹⁸⁶.

O documento de Puebla, que apresenta as conclusões da Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, também faz importantes menções a Maria. Nele, Maria é invocada por diversas formas: mãe, Esposa, Presença, Protagonista, Mulher, Serva, Libertadora, Imaculada e Senhora. Não é sem razão que também nós invocamos Maria por esses títulos, aguardando que venha ao encontro dos nossos mais profundos anseios de paz e esperança¹⁸⁷.

O documento de Puebla propõe Maria como exemplo no seguimento a Jesus Cristo. Devemos trilhar pelos mesmos caminhos que ela trilhou, pois ela aprendeu de Jesus como segui-lo. Foi ela quem nos precedeu nesse caminho. Lina Boff observa que o conteúdo de Puebla possibilita ao leitor do documento encontrar doze títulos de Maria, a saber: mãe de Deus e da humanidade; Esposa do Espírito Santo; Mãe educadora; Presença sacramental dos traços maternais de Deus; Ponto de união entre o céu e a terra; Mulher livre e libertadora, defensora dos pobres; Mulher que espiritualiza a carne; Preside ao serviço na Igreja e no mundo; Imaculada Conceição; Companheira dos caminantes; Nossa Senhora das Dores; Nossa Senhora da Glória¹⁸⁸.

A seguir, uma explicação sucinta do que significa cada título atribuído à Virgem, segundo Lina Boff:

a) “Mãe de Deus e Mãe da humanidade”¹⁸⁹: o título “Mãe de Deus e da humanidade” fala da maternidade humana e divina de Maria. O povo reconhece que a família de fé também tem uma mãe, que é Maria. Durante todo o processo de nossa evangelização, o anúncio de Jesus Cristo esteve presente na prática pastoral e proclamação da Palavra, colocando a Virgem como sua mais alta realização e fiel seguidora de Cristo que, “deixando em segundo plano o dom de ser Mãe de Deus,

¹⁸⁶ DM Introdução. Utilizaremos as seguintes abreviaturas para as Conferências Latino-americanas: DM: Documento de Medellín; DP: Documento de Puebla; SD: Documento de Santo Domingo; Dap: Documento de Aparecida. Utilizaremos a edição de CELAM, Documentos do CELAM, 2004. Para Puebla, utilizaremos a edição de CELAM, III Conferência do Episcopado Latino-Americano, 1979. O texto de Aparecida é referente a edição de CELAM, Documento de Aparecida, 2008;

¹⁸⁷ BOFF, L., Mariologia, p. 149;

¹⁸⁸ BOFF, L., Mariologia, p. 149-150; os títulos atribuídos não aparecem em destaque no texto, mas são mencionados quando vai se falando da Virgem. O destaque para os títulos é de Lina Boff, em sua obra citada anteriormente.

¹⁸⁹ BOFF, L., Mariologia, p. 150;

fez-se a Discípula-Mãe do Filho de Deus”. Tal presença de Maria na Igreja moveu o Papa João Paulo II a reafirmar o que Paulo VI apresenta na *Marialis Cultus*: a experiência de fé nos povos latino-americanos realiza-se junto da devoção mariana, experiência esta que pertence à própria natureza desses povos¹⁹⁰. No discurso de abertura da Conferência de Puebla, a Virgem é sugerida aos bispos como guia nas decisões que eles haveriam de tomar¹⁹¹.

b) “Esposa do Espírito Santo”¹⁹²: é através do Espírito Santo, “Senhor que dá a vida”, que Maria se torna fecunda. Sendo assim, continua ela a gerar filhos e filhas para a Igreja, tornando-a cada vez mais solidária, profética e missionária. É possível afirmar que, no momento em que Maria está reunida com os Apóstolos no cenáculo em Jerusalém, no evento de Pentecostes (At 1,12-14), o Espírito faz nascer a Igreja do Ressuscitado. Maria sempre esteve aberta para o Espírito Santo, sobretudo no momento da anunciação em que ela profere o seu “sim” ao projeto salvífico de Deus, que se realiza no Filho. É Jesus quem anuncia e traz o Reino, pois Ele mesmo é o Reino de Deus entre nós¹⁹³. Ele é quem concretiza o plano de salvação do Pai, a reconciliação da humanidade consigo mesma, com a criação e com Deus. Portanto, a Virgem é invocada como a mulher que recebe do Senhor a revelação maior, o Mistério da Encarnação do Verbo¹⁹⁴.

c) “Mãe educadora”¹⁹⁵: Maria é a mãe que pensa nos seus filhos, na devida formação no caminho de Jesus. Por isso, ela faz com que o Evangelho nos penetre profundamente, plasme a nossa vida e produza em nós frutos de santidade. Enquanto peregrinos, precisamos da Virgem como educadora da fé¹⁹⁶. Ela é educadora, pois colabora com o plano salvífico do Pai, que se realiza no Filho¹⁹⁷. Ela está a caminhar com o povo, ajudando-os a construir o Reino, incentivando, iluminando e fortalecendo. “Ela é a mulher que educa prevenindo, ensina testemunhando, e profetisa olhando para a realidade carente”¹⁹⁸.

¹⁹⁰ BOFF, L., Mariologia, p. 150-151. A autora faz referência a JOÃO PAULO II, PP., Homilia pronunciada na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe da cidade do México, p. 33-34;

¹⁹¹ BOFF, L., Mariologia, p. 150-151;

¹⁹² BOFF, L., Mariologia, p. 151;

¹⁹³ BOFF, L., Mariologia, p. 151;

¹⁹⁴ BOFF, L., Mariologia, p. 152;

¹⁹⁵ BOFF, L., Mariologia, p. 152;

¹⁹⁶ A autora faz referência a LG 63;

¹⁹⁷ BOFF, L., Mariologia, p. 152;

¹⁹⁸ BOFF, L., Mariologia, p. 153;

d) “Presença sacramental”¹⁹⁹: título que faz referência a Maria, que está no meio do povo com sua força sacramental. Cristo é o sacramento primordial do Pai, e a Igreja é sacramento de Cristo. É Cristo que, pela força do Espírito Santo, leva à plenitude a vida de cada cristão. O sacramental, por sua vez, tem semelhanças com o sacramento. Pela intercessão da Igreja, o sacramental obtém efeitos, sobretudo espirituais²⁰⁰. Poderíamos dizer que um sacramental é como um “anel de conjunção” entre a celebração dos sacramentos, com seus ritos, e os gestos e sinais das romarias e tradições religiosas da piedade popular. É sob essa perspectiva que Maria se torna presença sacramental.

e) “Com Jesus, protagonista da história”²⁰¹: foi em Maria que Deus se encarnou, tornou-se ser humano. “Maria é o ponto de união, de matrimônio entre o céu e a terra. Sem ela, o Evangelho se desencarna”²⁰². Exatamente por isso, ela é também protagonista da história da salvação junto com seu Filho²⁰³. Primeiramente, ela faz da Igreja um espaço em que as pessoas se educam para fazer uma nova história. Em seguida, deve-se considerar que, com o seu “sim”, Maria anuncia o mistério da encarnação²⁰⁴, luz que leva para uma verdadeira mudança social que orienta para a construção do Reino²⁰⁵. Por último, Lina Boff nos recorda o que constitui a natureza evangelizadora: anunciar o Mistério, sem erros²⁰⁶; proclamar que o Cristo ressuscitado (“Cristo da fé”) é o mesmo Jesus que partilhou sua vida com os mais pequeninos e angustiados (“Jesus histórico”)²⁰⁷; celebrar “na” e “com” a vida do Cristo vivo²⁰⁸. Maria experimentou todas essas dimensões em sua própria vida²⁰⁹.

¹⁹⁹ BOFF, L., Mariologia, p. 153;

²⁰⁰ A autora faz referência a SC 60;

²⁰¹ BOFF, L., Mariologia, p. 154;

²⁰² BOFF, L., Mariologia, p. 155. A autora faz referência a DP 301. A versão do texto utilizada aqui refere-se a CELAM, III Conferência do Episcopado Latino-Americano, 1979.

²⁰³ BOFF, L., Mariologia, p. 154-155;

²⁰⁴ BOFF, L., Mariologia, p. 155. A autora faz referência a “ANDERSON & GORGULHO. In: SANTOS, 1979: 92”;

²⁰⁵ BOFF, L., Mariologia, p. 155. A autora faz referência a DP 174-175. A versão do texto utilizada aqui refere-se a CELAM, III Conferência do Episcopado Latino-Americano, 1979.

²⁰⁶ BOFF, L., Mariologia, p. 155. A autora faz referência a DP 175. A versão do texto utilizada aqui refere-se a CELAM, III Conferência do Episcopado Latino-Americano, 1979.

²⁰⁷ BOFF, L., Mariologia, p. 155. A autora faz referência a DP 176. A autora fez uma adaptação do referido número do Documento de Puebla.

²⁰⁸ BOFF, L., Mariologia, p. 155. A autora faz referência a DP 177, 195. A autora fez uma adaptação dos referidos números do Documento de Puebla.

²⁰⁹ BOFF, L., Mariologia, p. 155-156;

f) “Mulher livre e libertadora”²¹⁰: título que retrata a figura da Virgem como mãe, libertadora e serva fiel. No *Magnificat*, ela não hesitou em dizer que Deus é vingador²¹¹ dos humildes e famintos (Lc 1,52-53). São duas categorias de pobres que ela destaca, dentre muitas outras presentes em seu povo. Para a Igreja, ela não é apenas uma mulher que exerce o papel de Mãe, mas é uma pessoa, “e é como pessoa que participa do mistério de Cristo testemunhado e anunciado pela Comunidade de Fé, a Igreja”²¹². Na boca da Virgem, os pobres estão repletos do poder de Deus. Para realçar o poder divino presente nos pobres, ela grita com sua voz feminina. O feminino em Maria adquire uma dimensão integral do ser humano. Através do *Magnificat*, ela consegue unir os dois polos: um, que evoca a força do Espírito, e o outro que aponta para a construção do Reino através do compromisso social, desembocando no Reino definitivo anunciado por Cristo²¹³.

g) “Mulher que espiritualiza a carne”²¹⁴: título que representa a porta que se abre para que cada pessoa possa se conectar com os protótipos femininos, quase que extintos da nossa genética, através da cultura, ainda exclusiva. Eles fazem a ligação entre nós e o céu, nos ensinando que nada se divide, mas tudo dirige para Deus. Quando se fala com Maria, faz-se a experiência do Deus da vida. É através dela que encontra-se motivação interior para prosseguir e evangelizar com a vida. “(...) na relação terrenal com a Mãe entra a relação celestial com o Pai”²¹⁵.

h) “Preside ao serviço na Igreja e no mundo”²¹⁶: faz referência ao reconhecimento popular que reivindica a construção inclusiva da história, da evangelização e de uma Igreja aberta ao outro. Maria pertence ao povo servidor, a Igreja, que como sacramento universal da salvação está a serviço da comunhão, da unidade e proximidade com Deus²¹⁷. O modo de Maria servir é doando Cristo à humanidade. “É um serviço que só ela pode realizar como Mãe de Deus. Pois é da sua carne e do seu sangue transformados em leite que, através de Jesus, redimiui a nossa relação com o Pai e nos fez imergir em seu mistério de amor”²¹⁸. Maria conhece a pobreza,

²¹⁰ BOFF, L., Mariologia, p. 156;

²¹¹ MC 37;

²¹² BOFF, L., Mariologia, p. 156. A autora faz referência a “BOFF, Lina, 2001: 68”;

²¹³ BOFF, L., Mariologia, p. 157;

²¹⁴ BOFF, L., Mariologia, p. 158;

²¹⁵ BOFF, L., Mariologia, p. 158;

²¹⁶ BOFF, L., Mariologia, p. 159;

²¹⁷ A autora faz referência a LG 1;

²¹⁸ BOFF, L., Mariologia, p. 159;

o sofrimento, a fuga e o exílio (Mt 2,13-23). Experimenta em seu ser o abandono do Pai quando seu Filho morre em uma cruz (Jo 19,25-27). Ela favorece a fé da comunidade, preside a oração no cenáculo e recebe, junto aos apóstolos e outras mulheres, o Espírito Santo que funda a Igreja (At 1,12-14)²¹⁹. Através do servir, Maria mostra como ser verdadeiramente mulher. “Maria nos dá a conhecer como se espiritualiza a carne e como se encarna o Espírito de Deus Pai”²²⁰.

i) “A Imaculada Conceição”²²¹: O ventre da Virgem é imaculado, pois interliga a divindade com a humanidade. Sendo assim, o centro da verdade que a Imaculada Conceição nos comunica é exatamente o da relação entre o humano e o divino. Lina Boff, baseando-se no autor L. Pinkus, diz que Maria é o ponto de interseção entre o natural e o sobrenatural²²². Puebla nos diz que a Imaculada Conceição apresenta-nos, na Virgem, o rosto da nova humanidade redimida em Cristo. “A Imaculada apresenta uma significação de longo alcance antropológico e teológico. Nela o Evangelho penetrou a feminilidade, redimiui-a e exaltou-a”²²³. Há uma valorização da mulher que, muitas vezes, não foi reconhecida pela sociedade e pela própria Igreja. Maria é toda de Cristo e, com ele, é mãe e servidora da humanidade. Deve-se contemplar o mistério e silenciar²²⁴.

j) “Companheira dos caminhantes”²²⁵: o povo se aproxima de Maria, coloca-a mais perto de si, para que possa se aproximar mais de Deus. Ela cuida com amor materno de todos os irmãos de Jesus que ainda caminham por esta terra²²⁶. Por isso, o povo gosta de romarias e peregrinações, visitar santuários dedicados à Virgem. Ali, as pessoas celebram a fraternidade e se alegram por ter a mesma mãe, mãe do Senhor e da Igreja. Junto dela, o povo se sente seguro para caminhar em direção a Deus. A figura de Nossa Senhora caminhando com o povo se torna sinal de luz, e é um sacramental da comunhão da Igreja peregrina com a Igreja triunfante²²⁷.

²¹⁹ BOFF, L., Mariologia, p. 159-161. A autora faz referência a DP 302-303. A autora fez uma adaptação dos referidos números do Documento de Puebla.

²²⁰ BOFF, L., Mariologia, p. 160-161. A autora faz referência a DP 299. A versão do texto utilizada aqui refere-se a CELAM, III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, p. 151.

²²¹ BOFF, L., Mariologia, p. 161;

²²² A autora faz referência a “PINKUS, 1987:80-81”;

²²³ BOFF, L., Mariologia, p. 162. A autora faz referência a DP 299. Ela fez uma adaptação do referido número do Documento de Puebla.

²²⁴ BOFF, L., Mariologia, p. 162-164;

²²⁵ BOFF, L., Mariologia, p. 163;

²²⁶ LG 62;

²²⁷ BOFF, L., Mariologia, p. 163-164;

k) “Nossa Senhora das Dores”²²⁸: o povo que sofre se junta à Mãe do Senhor aos pés da cruz, com sentimento de solidariedade à dor da mãe, proferindo a prece: “mãe, vem nos ensinar a fazer da vida uma oblação!”²²⁹. Ela é invocada pelos títulos de “Nossa Senhora da Piedade” ou “Nossa Senhora da Soledade”. Para o nosso povo, que é mais dado ao afeto e aos sentimentos, a figura de Maria aos pés da cruz adquire um significado mais pleno a partir do Mistério da Encarnação. Sendo assim, a função maternal de Maria se dilata de uma forma que assume no Calvário dimensões universais, conforme nos diz Paulo VI na MC, sendo imprescindível para a glória do Cristo ressuscitado²³⁰.

l) “Nossa Senhora da Glória”²³¹: título que remete à figura do bom final da história humana. “É o símbolo mais forte que o povo cultiva e alimenta na Igreja da qual faz parte”²³². A Solenidade da Assunção é celebrada liturgicamente, evocando a Mulher do Apocalipse (Ap 12) para anunciar o sentido e o destino do corpo glorificado pela graça. Na assunção da Virgem, a criação do cosmo começa a tomar parte no corpo ressuscitado de Jesus Cristo. “Maria assunta ao céu é a integridade humana, corpo e alma, que agora intercede pelo povo peregrino na história”²³³. A solenidade de Nossa Senhora da Glória, como também é conhecida, nos recorda o destino universal para qual fomos chamados²³⁴.

A título de conclusão sobre a Conferência de Puebla, poderíamos dizer que os pastores foram muito bondosos em atribuir à Virgem características e títulos que os cristãos de todas as épocas já haviam pensando e invocado, como “Mãe da humanidade”, e não somente “Mãe de Deus e da Igreja”, uma vez que ela não vela apenas pela Igreja, mas por todos os povos, de todas as épocas²³⁵; “Serve, Educadora e Companheira dos peregrinos desta terra; (...) finalmente como carne envolvida pelo Espírito Santo, pois sem Ela o Evangelho se desencarna e se torna ideologia”²³⁶.

²²⁸ BOFF, L., Mariologia, p. 165;

²²⁹ Trecho da música “Sobe a Jerusalém”, de Dom Carlos Alberto Navarro e Waldeci Farias. A música faz eco às palavras de Paulo VI na MC 20 (“Maria...é a Virgem oferente”);

²³⁰ BOFF, L., Mariologia, p. 165-166. A autora refere-se a MC 37.

²³¹ BOFF, L., Mariologia, p. 166;

²³² BOFF, L., Mariologia, p. 166;

²³³ BOFF, L., Mariologia, p. 167. A autora faz referência a DP 298;

²³⁴ BOFF, L., Mariologia, p. 166-167;

²³⁵ DP 289;

²³⁶ BOFF, L., Mariologia, p. 168;

Também a Conferência de Santo Domingo traz algumas considerações sobre a Virgem Maria. Já no primeiro número do documento, nos recordamos de Pentecostes, uma vez que o cenáculo de Jerusalém é lembrado: “reunidos como num cenáculo, em torno de Maria, a Mãe de Jesus, damos graças a Deus pelo dom inestimável da fé e pelos incontáveis dons de sua misericórdia”²³⁷. Assim também no número 7, quando lemos: “conforme a promessa de Jesus, o Espírito Santo foi derramado sobre os apóstolos reunidos com Maria no cenáculo (At 1,12-14; 2,1)”²³⁸. Percebe-se que, reunidos em comunidade juntamente com a Mãe do Senhor, desce sobre a Igreja o Espírito Santo de Deus²³⁹.

No número 15, há uma bela declaração: Maria, “Mãe de Cristo e da Igreja, é a primeira redimida e a primeira crente”²⁴⁰. Ela é apresentada como “plenamente evangelizada, a mais perfeita discípula e evangelizadora (Jo 2,1-12)”²⁴¹. Por conta de seu testemunho, ela é modelo de todos os discípulos e evangelizadores, sempre fiel e à disposição para o “serviço do Reino até a cruz”²⁴².

No número 31, os bispos se colocaram à escuta da Palavra de Deus, assim como Maria fez, para que pudessem comunicá-la a todos os povos. O “escutar a Palavra de Deus” é uma característica da Virgem Maria, que a escutou e a acolheu²⁴³.

No número 32, eles nos recordam sobre a santidade da Igreja, pois o Cordeiro está presente nela e a santifica com o seu Espírito. Sendo assim, a Igreja alcançou, em Maria, “a perfeição em virtude da qual não tem mancha nem ruga”²⁴⁴.

No número 53, chamam atenção à “valorização da piedade popular, que encontra sua expressão especialmente na devoção à Santíssima Virgem, nas peregrinações e nas festas religiosas, iluminadas pela Palavra de Deus”²⁴⁵.

No número 104, eles falam sobre a importância e acolhimento que Cristo deu às mulheres. Lembram a citação de Gl 4,4 (“nascido de mulher”), declarando

²³⁷ SD 1;

²³⁸ SD 7;

²³⁹ SD 7;

²⁴⁰ SD 15;

²⁴¹ SD 15;

²⁴² SD 15;

²⁴³ SD 31;

²⁴⁴ SD 32;

²⁴⁵ SD 53;

que Cristo deu Maria à Igreja, que ela precede, “mostrando em forma eminente e singular o modelo de Virgem e de Mãe”²⁴⁶.

No número 135, em vista do ecumenismo, os bispos deram algumas sugestões como “resposta adequada” a tal desafio. Entre elas, intensificar as relações e promover o diálogo “com as Igrejas que rezam conosco o Credo Niceno-Constantinopolitano, partilham dos mesmos sacramentos e da veneração por Santa Maria, a Mãe de Deus, ainda que não reconheçam o primado do Romano Pontífice”²⁴⁷.

No número 142, Maria é citada, quando se fala sobre o desenvolvimento de uma adequada catequese para o povo de Deus, para que se possa explicar corretamente “o mistério da Igreja, sacramento de salvação e comunhão, a mediação da Virgem Maria e dos santos e a missão da hierarquia”²⁴⁸.

Afirmam no número 143 que, para se garantir a identidade da Igreja, deve-se cultivar aspectos que lhe são próprios, como a “devoção à Santíssima Virgem, Mãe de Cristo e Mãe da Igreja”²⁴⁹.

No número 163, os bispos declararam Maria como “modelo e figura da Igreja ante toda forma de necessidade humana (Jo 2,3ss)”. Jesus também pede à Igreja, assim como pediu a Maria, que houvesse a preocupação pelo cuidado maternal da humanidade, sobretudo dos que estão sofrendo (Jo 19,26-27)²⁵⁰.

Por fim, no número 229, ela é apresentada, além de modelo da Igreja, também como “modelo de evangelização da cultura”²⁵¹. Ela é judia, representando o povo da Antiga Aliança com toda a sua cultura. Porém, ela se abre para o Evangelho e, assim, se faz presente em nossas terras como “Mãe comum”²⁵².

Não poderíamos deixar de citar o que os bispos da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em Aparecida, no ano de 2007, falaram sobre a devoção à Virgem. Já na introdução do documento, encontramos referência a Maria. Os bispos da América Latina lembram da maternal proteção da Virgem, que acolheu e cuidou do trabalho do episcopado latino-americano, como a João Diego, na dobra de seu manto. É recordado que Maria é

²⁴⁶ LG 63. SD 104;

²⁴⁷ SD 135;

²⁴⁸ SD 142;

²⁴⁹ SD 143;

²⁵⁰ SD 163;

²⁵¹ SD 229;

²⁵² SD 229;

“mãe, perfeita discípula e pedagoga da evangelização”²⁵³, que nos ensina a ser “filhos em seu Filho” e a obedecer sempre ao que ele disse²⁵⁴.

No número 141, ela é apresentada como imagem da conformação perfeita ao projeto trinitário, realizado em Cristo. Em todos os momentos de sua vida, ela nos faz lembrar que a beleza do ser humano está no vínculo de amor com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e que a nossa liberdade atinge sua plenitude exatamente na resposta que lhe damos²⁵⁵.

No número 261, a devoção do Rosário é lembrada, quando se fala da piedade popular. Durante os dias de luta que temos na vida, muitos recorrem a um sinal do amor de Deus: um crucifixo, a recitação do rosário, uma vela acesa, um Pai Nosso, “um olhar entranhável a uma imagem querida de Maria” etc.²⁵⁶.

No número 266, Maria é recordada como a discípula mais perfeita, o que já foi falado na Constituição *Lumen Gentium*²⁵⁷. Pela sua fé, ela chega a ser o primeiro membro da Igreja, assim como a “colaboradora no renascimento espiritual dos discípulos”²⁵⁸.

Ela soube viver toda a peregrinação da fé como mãe do Senhor e da Igreja, sem, contudo, estar livre da incompreensão e da busca do projeto do Pai. Entrou plenamente no mistério da Aliança, estando ao pé da cruz em profunda comunhão²⁵⁹. Com ela, realiza-se a esperança dos pobres e o desejo de salvação. Sua missão foi única na história da salvação, em toda a trajetória de educação do Verbo encarnado, acompanhando-o até a cruz. Estando aos pés da cruz com o discípulo amado, ela cooperou com o nascimento da Igreja marcada pela missão. “Fortalece os vínculos fraternos entre todos, estimula a reconciliação [...] e ajuda os discípulos de Jesus a se experimentarem como família, a família de Deus”²⁶⁰. Nela, encontramos-nos com a Trindade Santa e também com os irmãos²⁶¹.

Ela é também artífice de comunhão. “Um dos eventos fundamentais da Igreja é quando o ‘sim’ brotou de Maria”²⁶². Assim como Maria é mãe, a Igreja

²⁵³ Dap 1;

²⁵⁴ Dap 1;

²⁵⁵ Dap 141;

²⁵⁶ Dap 261;

²⁵⁷ LG 53;

²⁵⁸ Dap 266;

²⁵⁹ Dap 266;

²⁶⁰ Dap 267;

²⁶¹ Dap 267;

²⁶² Dap 268;

também é. A partir do acontecimento de Guadalupe, junto de João Diego, inúmeras comunidades encontraram na Virgem uma inspiração mais próxima, para aprenderem como ser discípulos do Senhor. A existência de diversos santuários espalhados por todo o nosso Continente serve para testemunhar a presença de Maria junto às pessoas, ao mesmo tempo que manifesta a fé que os devotos têm por ela²⁶³.

No número 271, vemos que Maria “ensina-nos o primado da escuta da Palavra na vida do discípulo e missionário”²⁶⁴. A familiaridade com os mistérios da vida de Cristo é “facilitada pela reza do Rosário (...)”²⁶⁵.

Nos números 319 e 320 do documento, lemos sobre a formação dos seminaristas. Estima-se que o amor para com Maria seja desenvolvido, para que cada um tenha com ela familiaridade e a “acolha em sua casa”, assim como João fez²⁶⁶.

Enfim, as conferências episcopais latino-americanas pressupõem e recomendam a devoção mariana em chave libertadora. A devoção expressa um amor a Maria, desenvolvendo uma relação para com ela, e ela peregrina com o fiel por caminhos de vida nova. Com relação à devoção, o documento de Puebla enfatiza Maria como Mãe de Deus e modelo de Igreja, que antecede o serviço eclesial dos povos. Por sua vez, Santo Domingo enfatiza a questão do discipulado, uma vez que Maria está entre os discípulos do Senhor, na Nova Evangelização. Por fim, Aparecida apresenta Maria como “mãe, discípula e mestra de vida espiritual”; dá prioridade à temática da missão, apresentando Maria como missionária, a discípula que soube viver em perfeita união trinitária e a fazer a vontade de Deus²⁶⁷.

3.3.

Festas e solenidades marianas nos anos A, B e C da Liturgia renovada

Com a renovação litúrgica ocorrida por ocasião do Concílio Vaticano II, diversas comemorações e festas marianas mudaram de data litúrgica, para que se pudesse conservar e intensificar o laço entre Maria e o mistério da encarnação de

²⁶³ Dap 268-269;

²⁶⁴ Dap 271;

²⁶⁵ Dap 271;

²⁶⁶ Dap 319-320;

²⁶⁷ WISNIEWSKI, E, A figura da Virgem Maria nas Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e Caribe, online. O artigo do Pe. Eliseu leva o mesmo título do livro da Ir. Lina, pois é um “comentário” às colocações da autora na obra mencionada;

seu Filho²⁶⁸. A respeito da dimensão litúrgica, trabalhada por Paulo VI na primeira parte da *Marialis Cultus*, iremos analisar como as festas e solenidades marianas estão distribuídas nos anos A, B e C da Liturgia renovada.

Diversos testemunhos de piedade para com Maria encontram-se no Missal Romano e na Liturgia das Horas. Porém, outros livros litúrgicos também contêm celebrações particulares para veneração da memória da Virgem²⁶⁹.

As missas da Virgem Maria extraem seu sentido da íntima participação que a Virgem tem na história da salvação. A Igreja, ao comemorar a missão da Mãe do Senhor na obra salvífica de seu Filho, cultuando seus privilégios, celebra os fatos salvíficos em que Maria, por designio divino, participou em virtude do mistério de Cristo²⁷⁰.

Por obra do Espírito, a liturgia torna o passado como acontecimento presente. Por conta disso, sempre se apresenta aos fiéis a figura da Virgem, que consagrou-se inteiramente à pessoa e obra de seu Filho, servindo junto dele no mistério da redenção²⁷¹.

Exatamente por isso, a Igreja convida os fiéis a imitarem Maria, sobretudo por causa da fé e obediência com que ela abraçou o plano salvífico de Deus. Sobre as leituras bíblicas que fazem parte da liturgia das missas de Nossa Senhora, podemos distinguir “três gêneros de leituras”²⁷²: a) leituras tanto do Novo quanto do Antigo Testamento que referem-se à vida e missão da Virgem, ou que tragam profecias a ela pertencentes; b) “leituras do Antigo Testamento, que desde a antiguidade se aplicaram a ela”²⁷³. Os Padres da Igreja viram, em figuras e símbolos do Antigo Testamento, prenúncios da vida e missão da Virgem; c) leituras do Novo Testamento que, de antemão não se referem a ela, mas que foram propostas para celebração de sua memória, para evidenciar que ela é a primeira e mais perfeita discípula do Senhor, suas virtudes e pureza de coração²⁷⁴.

Maria foi inserida no ciclo anual dos mistérios de seu Filho²⁷⁵, por ocasião de sua singularidade na história da salvação. Na liturgia, portanto, temos três

²⁶⁸ BOFF, L., *Mariologia*, p. 98;

²⁶⁹ CNBB, *Lecionário para Missas de Nossa Senhora*, p. 9-10;

²⁷⁰ CNBB, *Lecionário para missas de Nossa Senhora*, p. 11;

²⁷¹ CNBB, *Lecionário para missas de Nossa Senhora*, p. 14;

²⁷² CNBB, *Lecionário para missas de Nossa Senhora*, p. 23;

²⁷³ CNBB, *Lecionário para missas de Nossa Senhora*, p. 23;

²⁷⁴ CNBB, *Lecionário para missas de Nossa Senhora*, p. 23;

²⁷⁵ MC 2;

categorias: as solenidades, festas e memórias. Dentre elas, temos: a) Solenidades: “santa Mãe de Deus, Maria” (1º de janeiro), “Anunciação do Senhor” (25 de março), “Assunção de Maria” (15 de agosto), “Nossa Senhora Aparecida” (no Brasil, 12 de outubro) e “Imaculada Conceição” (8 de dezembro); Festas: “apresentação do Senhor” (2 de fevereiro), “Visitação de Maria a Isabel” (31 de maio), “Natividade” (8 de setembro), “Virgem do Carmo” (16 de julho), “Virgem de Guadalupe” (na América Latina, 12 de dezembro); Memórias: “Nossa Senhora de Lourdes” (11 de fevereiro), “Nossa Senhora de Fátima” (13 de maio), “Nossa Senhora Rainha” (22 de agosto), “Nossa Senhora das Dores” (15 de setembro), “Nossa Senhora do Rosário” (7 de outubro) e “Apresentação de Maria no Templo” (21 de novembro)²⁷⁶.

No tempo do Advento, a Liturgia celebra “duplo Advento do Senhor”, a saber: nos dois primeiros domingos, a Igreja aguarda o Senhor que virá, com toda a sua glória, para “julgar os vivos e os mortos”, e levará os justos para a casa do Pai, onde Maria os precedeu. Nos dois últimos, celebra-se a primeira vinda: o Filho de Deus, na plenitude dos tempos (Gl 4,4), toma carne na bem-aventurada Virgem Maria, para salvação dos homens²⁷⁷. O tempo do Advento é fortemente mariano, exatamente por mostrar Maria como a “serva do Senhor” que responde afirmativamente ao Pai e a seus desígnios. A celebração da Imaculada Conceição, no dia 8 de dezembro, nos prepara para a vinda do Senhor como início de uma nova Igreja, pura e sem mancha, e também nos recorda frequentemente a Virgem relacionada à chegada do Messias²⁷⁸.

A liturgia da Imaculada Conceição recorda a primeira Eva que, com Adão, abre a porta para o pecado entrar no mundo. Fala também da vontade de Deus de criar uma humanidade santa. A Virgem é apresentada como aquela que realizou, em sua vida, o plano salvífico de Deus. Nela, não há mácula de pecado, desde a sua concepção. Ela é a nova Eva, a verdadeira, da qual nasceu o salvador da humanidade²⁷⁹.

Ela é o primeiro ser criado que foi totalmente livre do pecado original. Ao criar Maria, Deus fez uma criatura que é só bondade, sem qualquer malícia, que tem

²⁷⁶ GUIMARÃES, V., Maria na Liturgia e na Piedade Popular, p. 63;

²⁷⁷ CNBB, Lecionário para missas de Nossa Senhora, p. 31;

²⁷⁸ BOFF, L., Mariologia, p. 99;

²⁷⁹ BOFF, L., A Imaculada como o novo começo da humanidade, p. 601;

seus atos todos orientados para o certo (sem violar, com isso, a sua liberdade e vontade), com uma vida totalmente aberta para Deus. Nela, um novo início para a humanidade, aberto por Cristo, já é vivido por Maria, mulher singular, conforme o desígnio divino. “Em Maria, o paraíso não ficou totalmente no passado, o Reino não permaneceu definitivamente no futuro. Paraíso e Reino se fazem presentes”²⁸⁰. Ressoando as antífonas, encontramos:

“Ano A: José, filho de Davi, não temas receber Maria tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo (Mt 1,18)”²⁸¹;

“Ano B: eis que a Virgem concebeu e dará à luz um filho e por-lhe-ás o nome de Emanuel (Is 7,14)”²⁸²;

“Ano C: donde me vem que a Mãe do meu Senhor me visite? (Lc 1,43)”²⁸³.

Através delas, pode-se perceber como a Igreja vive o espírito do Advento com sua força mariana. Cultua-se a “Maria da Espera do Salvador”, esperando também a sua segunda vinda, a Parusia. “O Advento, portanto, é o tempo particularmente adequado para o culto da Mãe do Senhor”²⁸⁴.

“Nada mais natural e oportuno do que a presença de Maria na liturgia dessas vésperas do Natal” (referindo-se à liturgia do IV Domingo do Advento)²⁸⁵. Como já foi visto no *Magnificat*, Maria é saudada por Isabel como “aquela que crê”. A Virgem acreditou que, na insignificância de sua vida e no seu íntimo, que só Deus conheceu, o Filho poderia “armar a sua tenda” (Jo 1,14). “Assim como os israelitas carregavam respeitosamente a Arca da Aliança à frente do povo que marchava, assim de modo mais eminente Maria é a nova Arca que não somente transporta pedras mortas, mas Deus mesmo gravado e aderente, primeiro à sua fé e depois ao seu corpo de mulher”²⁸⁶. Assim nos fala Paulo VI, na *Marialis Cultus*²⁸⁷, que no IV Domingo do Advento (que precede o Natal), e o período de 17 a 24 de dezembro, recordamos liturgicamente a figura de Maria.

²⁸⁰ BOFF, L., A Imaculada como o novo começo da humanidade, p. 602-603;

²⁸¹ BOFF, L., Mariologia, p. 99;

²⁸² BOFF, L., Mariologia, p. 99;

²⁸³ BOFF, L., Mariologia, p. 99;

²⁸⁴ BOFF, L., Mariologia, p. 99;

²⁸⁵ GUIMARÃES, A. R. 3. Maria da fé humilde transporta Deus em seu seio, p. 45;

²⁸⁶ GUIMARÃES, A. R. 3. Maria da fé humilde transporta Deus em seu seio, p. 45;

²⁸⁷ MC 3;

No tempo do Natal, como o próprio nome indica, recorda-se a maternidade de Maria. “O tempo do Natal constitui uma memória continuada da Maternidade divina, virginal e ‘salvífica’, daquela cuja ‘intemerata virgindade deu a este mundo o Salvador’”²⁸⁸. No dia 25 de dezembro, ao adorarmos o Senhor presente entre nós, também veneramos a “sempre Virgem Maria, Mãe de Deus”²⁸⁹. Meditando sobre o Evangelho da Missa do Natal (Lc 2,15-20), lemos que Maria “guardava tudo em seu coração”. Essa expressão é bíblica, ou seja, já foi empregada na Sagrada Escritura (Gn 37,11). Não significa ‘guardar’ no sentido de “pôr na gaveta”, “deixar pra lá”, mas de praticar e vivenciar²⁹⁰. Ela permaneceu em silêncio de escuta diante do Senhor e viveu o Natal, “marcou todos os gestos e passos de sua vida pelos gestos e passos da vida do Menino que lhe nasceu em Belém”²⁹¹.

Não esqueçamos da solenidade de Santa Mãe de Deus, no dia 1º de janeiro, para, junto dela, pedirmos sempre pela verdadeira paz²⁹². A Virgem, no silêncio de sua disponibilidade, encarnou os caminhos da paz, de modo que podemos invocá-la como “Nossa Senhora da Paz”, ou a “Rainha da Paz”. Os caminhos que Maria viveu, como condição da paz, foi o perdão (ela não se queixou, nem discutiu, na noite em que não encontrou lugar para ficar); foi a fidelidade. Ela não reclama que as promessas feitas pelo anjo não se realizavam: fora prometido ao menino o trono de Davi, e ela não tinha um berço simples para ele; o anjo falara em grandeza, mas ela estava em meio à pobreza extrema; o anjo falara em reinado sem fim, e estava ela “sozinha” com José²⁹³.

Contudo, ela não duvidou, mas foi fiel ao “sim” que outrora havia dado no momento da anunciação. O foco de Maria sempre foi o próprio Deus, suas promessas e sua palavra. “O homem não consegue construir a paz, porque não é fiel a Deus”²⁹⁴. Ele só vai querer a paz que lhe for útil, mas não a verdadeira paz, pois está centrado em si mesmo. “Não há paz sem fidelidade a Deus”²⁹⁵. Fidelidade a Deus implica em esperança. Por isso, Maria é também “Nossa Senhora da Esperança”²⁹⁶.

²⁸⁸ MC 5;

²⁸⁹ BOFF, L., *Mariologia*, p. 99-100;

²⁹⁰ NEOTTI, C., 1. Uma atitude nossa de silêncio, p. 48;

²⁹¹ NEOTTI, C., 1. Uma atitude nossa de silêncio, p. 48;

²⁹² MC 5;

²⁹³ NEOTTI, C., 2. Maria aponta os caminhos da paz e da esperança, p. 48;

²⁹⁴ NEOTTI, C., 2. Maria aponta os caminhos da paz e da esperança, p. 48;

²⁹⁵ NEOTTI, C., 2. Maria aponta os caminhos da paz e da esperança, p. 48;

²⁹⁶ NEOTTI, C., 2. Maria aponta os caminhos da paz e da esperança, p. 48;

Na Epifania, ao celebrarmos a vocação universal para a salvação, contemplamos Maria, “Sede da Sabedoria e verdadeira Mãe do Rei”²⁹⁷. Nesta festa, celebramos a Virgem que apresenta seu menino aos magos e, assim, a todos os povos. Na festa da Sagrada Família, temos em mira a família que teve o próprio Deus como filho, e contemplamos a vida de santidade que levavam Jesus, Maria e José (Mt 1,19)²⁹⁸. Após oito dias do Natal, há a celebração da “Santa Mãe de Deus, Maria”, que gerou em seu ventre o Príncipe da Paz. “Por isso (...) celebra-se o Dia Mundial da Paz, em 1º de janeiro de cada ano”²⁹⁹.

No dia 25 de março, recordamos a “Anunciação do Anjo a Maria”, em que meditamos sobre o “sim” que a Virgem deu a Deus, para que seu Filho eterno se encarnasse. “É uma festa conjuntamente de Cristo e de Maria”³⁰⁰. O nome da festa passou a se chamar “Anunciação do Senhor”, por vontade de Paulo VI, uma vez que se pretendeu “centralizar” sempre a figura de Cristo nas celebrações e na vida da Igreja. No Brasil, a festa da anunciação é transferida para o domingo mais próximo (podendo ser o antecedente, ou o subsequente). A celebração da “Glorificação de Maria”, ou seja, sua Assunção aos Céus, é dia de guarda para a Igreja e, no Brasil, transferiu-se a celebração para o domingo mais próximo (do dia 15 de agosto). Como vemos, tais solenidades dedicadas à Virgem evocam, na liturgia, as verdades de fé referentes a Maria³⁰¹.

Queremos destacar alguns elementos presentes nas horas canônicas da Liturgia das Horas, no que diz respeito à festa da “Visitação de Nossa Senhora” (31 de maio)³⁰².

No hino do Ofício das Leituras, vemos o clamor da Igreja para que Maria venha visitá-la e ajudá-la. Os versos iniciais de cada estrofe são sempre um chamado (“Vem...”) e, em seguida, petições. A título de exemplo, queremos destacar alguns: “vem, ó Senhora nossa” (reconhecimento da Igreja de que Maria é Senhora, por ocasião de Nosso Senhor), “Vem, doce Mãe da Igreja” (ela não é só “Senhora”, mas também é “doce Mãe da Igreja”), “Vem, ó do mar Estrela” (antiquíssimo título mariano), “Vem ver os teus fiéis” (clama-se para que Maria

²⁹⁷ MC 5;

²⁹⁸ MC 5;

²⁹⁹ BOFF, L., Mariologia, p. 99-100;

³⁰⁰ BOFF, L., Mariologia, p. 100;

³⁰¹ BOFF, L., Mariologia, p. 100-101;

³⁰² As citações bíblicas que se seguem, presentes nos textos e orações da Liturgia das Horas, foram reproduzidas conforme aparecem na edição referenciada.

venha ao encontro de seus filhos), “Vem, Mãe da humanidade” (aqui, quer-se demonstrar a universalidade da maternidade de Maria, que os bispos de Puebla haveriam de declarar) e, por último, mais uma vez, um clamor para que ela “venha logo” (“Vem logo, e louvaremos”). Os pedidos que estão após as invocações, em linhas gerais, são para que Maria venha caminhar junto de nós, “guiando nossos passos errantes” (exemplo da 5ª estrofe)³⁰³.

Vale destacar a segunda leitura do Ofício, que faz parte das homilias de São Beda, o Venerável. O texto remonta ao século VIII. São Beda diz que, com a declaração “Minha alma engrandece o Senhor e exulta meu espírito em Deus, meu Salvador” (Lc 1,46), a Virgem reconhece, primeiramente, os dons que Deus lhe concedeu; depois, enumera os privilégios universais com que o Senhor agracia continuamente a humanidade. O engrandecimento a Deus acontece na alma que oferta todos os sentimentos de sua vida ao serviço do Senhor; observando os mandamentos, aponta sempre para o poder da majestade divina. “Exulta em Deus, seu Salvador, o espírito daquele que se alegra apenas na lembrança de seu Criador, de quem espera a salvação eterna”³⁰⁴. Apesar de encontrar sentido na boca de todas as almas santas, muito mais sentido faz na boca da Virgem, pois ela soube amar com perfeito amor aquele que trazia em seu ventre, privilégio singular concedido por Deus³⁰⁵.

“O Poderoso fez em mim maravilhas, e santo é o seu nome!” (Lc 1,49): ela não atribui nada a seus méritos, mas reconhece que, se foi escolhida, foi por causa da grandeza daquele que é essencialmente poderoso e grande; aquele que costuma transformar os fracos e pequenos, em fortes e grandes. O santo ainda frisa a importância de lembrar de todas essas coisas no momento do *Magnificat*, na hora das Vésperas: nossa mente, cansada por conta do dia agitado, encontra paz de espírito no final do dia³⁰⁶.

Também no ciclo pascal, Maria está presente. Contudo, é menos evidente que nos ciclos do Natal e Advento. Ela torna-se, para os cristãos, nos tempos da Quaresma e da Páscoa, referência do crente que faz a adesão a Cristo. No período

³⁰³ VV. AA., Liturgia das Horas (III), p. 1319;

³⁰⁴ VV.AA., Liturgia das Horas (III), p. 1322. Aqui, refere-se à Segunda Leitura, da autoria de S. Beda, o Venerável, intitulada “Maria engrandece o Senhor que age nela” (“Lib. 1,4: CCL 122,25-26.30”);

³⁰⁵ VV. AA., Liturgia das Horas (III), p. 1321-1322;

³⁰⁶ VV. AA., Liturgia das Horas (III), p. 1322;

quaresmal, em que devemos estar atentos à Palavra de Deus, sob um constante apelo de conversão, Maria se apresenta como “a discípula atenta e fiel à Palavra”³⁰⁷. Ela é a “bem-aventurada”, pois escutou a Palavra e a colocou em prática³⁰⁸.

Na sexta-feira santa, ela aparece como “discípula fiel”, que esteve de pé diante da cruz. “Ela faz parte do pequeno resto das corajosas seguidoras de Jesus e se destaca como mãe da humanidade”³⁰⁹. No sábado santo, como não incluir, na meditação da Igreja, a aflição da mãe e sua confiança na palavra de Jesus? A Liturgia das Horas, nas preces das Laudes (oração da manhã), faz referência a Maria. Na “Noite Santa”, na vigília, ela é a primeira entre as pessoas que testemunharam o mistério pascal, evocadas na ladainha dos santos. Neste precioso tempo litúrgico, o canto *Regina Caeli* conclui o ofício das completas. “E como em todos os dias do ano litúrgico, Maria é evocada, em cada prece eucarística e no seu cântico (vésperas) acompanhado de antífonas pascais”³¹⁰. Devemos considerar também a postura de Maria diante de Isabel, no momento da visitação. Ela alça voz com sabedoria, entoando o cântico do *Magnificat*. Tal cântico encontra-se presente na Liturgia das Horas, na oração das Vésperas.

Falemos agora sobre as Orações Eucarísticas que mencionam a Mãe do Senhor, salientando seu envolvimento no Mistério Pascal de Cristo. A Oração Eucarística I, por exemplo, traz: “em comunhão com toda a Igreja, veneramos a sempre Virgem Maria, Mãe de nosso Deus e Senhor Jesus Cristo (...)”³¹¹. A II, por exemplo, traz: “(...) dai-nos participar da vida eterna, com a Virgem Maria, Mãe de Deus, com os santos apóstolos e todos os que neste mundo (...)”³¹². A III traz: “que Ele faça de nós uma oferenda perfeita (...) a Virgem Maria, Mãe de Deus, os vossos apóstolos e mártires (...)”³¹³. Na VI-D, encontramos: “em comunhão com a bem-aventurada Virgem Maria, com os santos apóstolos e mártires (...)”³¹⁴. Por fim, a VII: “ajudai-nos a trabalhar (...) ao lado da Virgem Maria e dos apóstolos (...)”³¹⁵.

Em linhas gerais, as celebrações eucarísticas que fazem referência à Virgem e sua participação singular no Mistério de Cristo são: “natividade de Maria”, no dia

³⁰⁷ GUIMARÃES, V., *Maria na Liturgia e na Piedade Popular*, p. 65;

³⁰⁸ GUIMARÃES, V., *Maria na Liturgia e na Piedade Popular*, p. 65;

³⁰⁹ GUIMARÃES, V., *Maria na Liturgia e na Piedade Popular*, p. 66;

³¹⁰ GUIMARÃES, V., *Maria na Liturgia e na Piedade Popular*, p. 66;

³¹¹ BOFF, L., *Mariologia*, p. 102;

³¹² BOFF, L., *Mariologia*, p. 102;

³¹³ BOFF, L., *Mariologia*, p. 102;

³¹⁴ BOFF, L., *Mariologia*, p. 102;

³¹⁵ BOFF, L., *Mariologia*, p. 103;

8 de setembro; “Visitação de Maria a Isabel”, no dia 31 de maio; “Nossa Senhora das Dores”, no dia 15 de setembro; “Apresentação do Senhor no Templo”, no dia 2 de fevereiro. O Papa Francisco instituiu a memória da “Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja”, que acontece na segunda-feira pós Domingo de Pentecostes, exatamente para mostrar o estreito laço de Maria com a Igreja e o Espírito Santo³¹⁶.

Ainda há outras memórias marianas muito fortes na vida da Igreja: Nossa Senhora de Lourdes, em 11 de fevereiro; Nossa Senhora do Carmo, em 16 de julho; Nossa Senhora do Rosário, em 7 de outubro; “a memória de Santa Maria no sábado, sobretudo no primeiro sábado de cada mês do ano litúrgico”³¹⁷.

Como forma de manifestar a devoção que o povo brasileiro tem por Maria, Dom Carlos Alberto Navarro e Waldeci Farias compuseram uma missa em honra à Virgem, chamada “Maria, Mãe da Igreja”. Entre os diversos cantos, há um chamado “És, Maria, a Virgem que sabe ouvir”, fazendo eco às palavras de Paulo VI³¹⁸. A partir de então, sempre novos cantos litúrgicos em honra à Virgem surgiram, abordando a figura bíblica de Maria, a serva fiel, que soube fazer em tudo a vontade do Pai. Pe. Zezinho, importante cantor católico, também compôs diversos cantos para homenagear Maria, baseando-se também na fé popular, como, por exemplo, “Maria de Nazaré”, “Maria da minha infância”, “Primeira Cristã”, entre outros. Em todas as demais missas que foram compostas, em honra da Virgem Maria, destacam-se o carinho que a Igreja tem para com Maria, assim como a sua materna intercessão³¹⁹.

³¹⁶ VATICAN NEWS, Papa institui a Memória de Maria “Mãe da Igreja” no calendário litúrgico, online. As orações próprias para a missa “Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja” se encontram no novo Missal Romano (3ª edição típica, p. 1147-1149);

³¹⁷ MC 8. BOFF, L., Mariologia, p. 103.

³¹⁸ MC 17. Por ocasião da *Marialis Cultus*, em 1974, e dos 10 anos da *Lumen Gentium*, a missa “Maria, Mãe da Igreja” foi composta por Dom Carlos Alberto Navarro e musicada por Waldeci Farias. Em 1975, a EPD (Edições Paulinas Discos) lançava a missa em disco, integrante da coletânea “O Domingo”, série “A Caminho do Pai”. O canto ficou a cargo do coral da Irmã Míria Therezinha Kolling, ICM;

³¹⁹ A título de exemplo, indicamos aqui algumas delas: “Maria, alegria do povo” (1978), com letras, músicas e arranjos da Irmã Maria José Clímaco Ferreira, FMA; “Missa do Menino e sua Mãe” (1975), com letra e música de Padre Ronoaldo Pelaquin, CSsR (Congregação do Santíssimo Redentor - Redentoristas) e Padre Lauro Palú, CM (Congregação da Missão - Lazaristas), produzida pela EPD; “Missa Maria, Mãe da Providência”, também da autoria de Dom Carlos Alberto Navarro e Waldeci Farias, lançada em disco no ano de 1981. Para encerrar, mencionamos a missa “Glorifica minha alma ao Senhor”, da autoria da Irmã Míria Therezinha Kolling, lançada em CD no ano de 2017, por ocasião dos 300 anos de Aparecida.

“Podemos dizer: Maria nos ajuda a celebrar melhor a salvação que Cristo nos dá e nos ensina a valorizar mais a comunidade a que pertencemos – comunidade que a honra como a mais perfeita cristã”³²⁰.

A seguir, veremos uma breve celebração marial que honra o dogma mariano da “Imaculada Conceição”, mas que é organizada e presidida pelo povo. À extensão da celebração litúrgica oficial da Igreja, podemos celebrar com a comunidade, de modo que todos possam tomar parte, sem a necessidade de um presbítero, ou diácono, por exemplo, para presidi-la. Tais celebrações podem basear-se em leituras bíblicas, reflexões e cantos. A celebração aqui apresentada foi extraída da obra “Celebrações Mariais”, da autoria do Ir. Egídio Luiz Setti³²¹.

Para celebrar a Imaculada Conceição, o dirigente, que pode ser um agente de pastoral, ou um Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão (MESC), convida à assembleia, inicialmente, para se colocar em silêncio, para uma posterior reflexão. Medita-se sobre a Virgem que soube ouvir e acolher a Palavra de Deus, que acolheu o Filho de Deus em seu ser puríssimo. “É Maria que nos fará entender melhor o grande ‘dom de Deus’ (Jo 4,10)”³²².

Em seguida, entoa-se um cântico. O cântico sugerido poderá ser, como ilustra Ir. Egídio, o “De alegria vibrei no Senhor”. O dirigente, posteriormente, explica que o cântico é o introito da missa do dia 8 de dezembro, ou seja, da Imaculada Conceição. Foi extraído de Isaías (Is 61,10) e aplicado à Virgem Maria. De fato, somente em Maria é que se cumpriu tal profecia. No momento em que se entoa o cântico, o povo fica de pé³²³.

Após o término do cântico, o povo escuta a Palavra de Deus. O texto é o mesmo do introito, ou seja, Is 61,10. Neste momento, o povo fica sentado³²⁴. Depois, de pé, começa um responsório, a modo da Liturgia das Horas. O dirigente começa: “toda formosa és, Maria, e em ti não há mácula alguma”. O povo, então, responde: “toda formosa és, Maria, e em ti não há mácula alguma”. O dirigente

³²⁰ KRIEGER, M., Com Maria, a Mãe de Jesus, p. 95;

³²¹ SETTI, E. L., Celebrações Mariais, p. 9-16. Há outras celebrações, como para o dogma da Assunção de Nossa Senhora, por exemplo. As celebrações seguem, em linhas gerais, a mesma estrutura (há cantos, leitura da Palavra de Deus e responsório, com “lado A” e “lado B”).

³²² SETTI, E. L., Celebrações Mariais, p. 9;

³²³ SETTI, E. L., Celebrações Mariais, p. 9-10;

³²⁴ SETTI, E. L., Celebrações Mariais, p. 10. De acordo com o sacerdote José Aldazábal, “introito” significa entrada. Tem origem no latim, *intro-ire*, e refere-se à entrada processional do presidente da celebração e os demais ministros. Antigamente, era o nome utilizado para fazer referência ao cântico de acompanhamento da entrada. O endereço eletrônico para acesso ao vocábulo “introito” encontra-se nas referências bibliográficas do presente trabalho.

continua: “teus filhos te contemplam como Esposa adornada de joias para seu esposo”. O povo, então, responde: “toda formosa és, Maria, e em ti não há mácula alguma”. O dirigente: “alegram-se contigo e bendizem o Senhor!”. Todos respondem: “toda formosa és, Maria, e em ti não há mácula alguma”. O dirigente diz: “exultem de júbilo, porque ele te revestiu com a vestimenta da justiça”. O povo responde: “toda formosa és, Maria, e em ti não há mácula alguma”. O dirigente prossegue: “tuas vestes são brancas como a neve; teu rosto, fulgurante como o sol”. Todos respondem, agora com uma nova resposta: “a minha alma exulta em Deus, meu Salvador!”. O dirigente: “o Pai te amou e te cumulou com seu favor!”. O povo torna a responder: “a minha alma exulta em Deus, meu Salvador!”. Segue o dirigente: “tu és a glória de Jerusalém e a alegria de Israel!”. O povo: “a minha alma exulta em Deus, meu Salvador!”. Já se aproximando do fim do responsório, o dirigente diz: “em ti o Senhor manifestou a sua santidade gloriosa”. O povo responde, como da primeira vez, porém com uma variação: “tu és formosa, ó Maria, em ti não há mácula original”³²⁵.

O dirigente poderá, em seguida, fazer uma breve reflexão sobre a posição da Igreja ante o mistério da Virgem Imaculada. Assim, termina o responsório. Volta-se à leitura, porém, agora é uma alocução de Paulo VI, referente ao dogma da Imaculada Conceição. Terminado a leitura, o povo se coloca de pé para cantar. O canto sugerido pelo Ir. Egídio é o “Nós vos saudamos em cada dia, Imaculada”. Porém, pode-se trocar por outro que tenha a ver com a Imaculada Conceição³²⁶.

Agora, faz-se novamente uma leitura. Todos se sentam. A leitura é da *Lumen Gentium*, 56. Após a leitura, um momento de interiorização. O dirigente, então, toma a palavra. Faz uma reflexão, em que diz que “tudo em Maria é dom de Cristo e para Cristo”. O momento seguinte, com o povo já de pé, é a recitação do hino, presente no “Pequeno Ofício da Imaculada Conceição” (“Salve, ó Virgem Mãe, Senhora minha...” e “Salve, Mãe pura, templo da Trindade...”)³²⁷. O hino poderá ser recitado em dois coros, conforme habitualmente é rezado (ou cantado). Este momento é sucedido pela parte final do “Pequeno Ofício”, que consta da antífona (“Esta é a Virgem admirável...”), da palavra da dirigente (“Na vossa Conceição, ó

³²⁵ SETTI, E. L., Celebrações Mariais, p. 11;

³²⁶ SETTI, E. L., Celebrações Mariais, p. 11;

³²⁷ As duas partes propostas pelo Ir. Egídio, que ele divide como “Coro 1” e “Coro 2”, encontram-se nas orações “Matinas” e “Sexta”, do Pequeno Ofício da Imaculada Conceição;

Virgem, fostes Imaculada”) e da resposta do povo (“Rogai por nós ao eterno Pai, cujo Filho destes ao mundo”). Por fim, a oração final, que é iniciada pelo dirigente, mas rezada por todos: “ó Deus que, pela Imaculada Conceição...”³²⁸.

O esquema do Ir. Egídio traz, depois, um canto, que poderá ser cantado em dois coros, que ele chama de “lado A” e “lado B”. Para encerrar a celebração, pode-se entoar, também, um canto. A sugestão é o canto “Imaculada, Maria de Deus”, da autoria de Frei Fabretti, ofm³²⁹. Contudo, nada impede que, se for da vontade de todos, outro canto conhecido possa substituí-lo.

3.4. Elementos da Mariologia do Papa Francisco

Não poderíamos deixar de mencionar, encerrando este capítulo, a mariologia do Papa Francisco. É bem verdade que Francisco não dedicou nenhuma encíclica exclusivamente à Virgem Maria, mas falou dela diversas vezes em homilias (sobretudo as que foram proferidas nas celebrações marianas, evidentemente), escritos e discursos. Dentre os documentos do Papa Francisco, privilegiamos a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, que fala sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, e a encíclica *Dilexit nos*, que trata do amor humano e divino a partir do coração de Jesus³³⁰. A mariologia de Francisco é profundamente rica, refletida em sua vida de oração e em todo seu pontificado.

Em linhas gerais, queremos destacar o que Francisco falou sobre Maria em seu pontificado: seguindo Paulo VI, o Papa Francisco nos recorda Maria como Mãe da Igreja, que se traduz de forma singular na memória “Maria, Mãe da Igreja”, instituída por Francisco. Ele quer nos recordar a importância que Maria tem junto à Igreja, sua materna intercessão e protetora dos fiéis. Porém, Francisco nos diz que, assim como os pastores de Puebla, Maria é mãe da humanidade, “mãe de todos”, independente da cultura ou confissão religiosa³³¹.

³²⁸ SETTI, E. L., Celebrações Mariais, p. 11-13;

³²⁹ SETTI, E. L., Celebrações Mariais, p. 15;

³³⁰ O autor escolheu tal encíclica por se tratar da última encíclica do Papa Francisco (24 de outubro de 2024), até o momento da redação do presente texto.

³³¹ CNBB, Papa Francisco e a devoção mariana, online;

Ecoando o que os pastores da Conferência de Santo Domingo disseram, Francisco nos apresenta Maria como “modelo de discipulado”³³². Ela é modelo de obediência e fidelidade a Deus, colocando-se como serva fiel à vontade do Senhor. Ela também é aquela que está sempre a servir ao próximo, o que pode ser encontrado, por exemplo, na partida de Maria à casa de sua prima Isabel. A Virgem é a mãe que sempre se compadece de seus filhos. Ela está sempre a interceder por nós junto a Jesus, seu dileto filho. O Papa Francisco sempre fez questão de destacar o testemunho que Maria nos dá, testemunho da presença viva e atuante de Deus na história.

Não poderíamos deixar de mencionar a exortação *Evangelii Gaudium* que, no capítulo V, item II, vemos o Papa falar de Maria como a “Mãe da evangelização”. Ele diz, no número 284, que ela, juntamente com o Espírito Santo, está sempre no meio do povo. Segundo ele, ela é a “Mãe da Igreja evangelizadora e, sem Ela, não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização” (EG 284). No número 285, o Papa nos recorda que Cristo nos deixou a sua mãe como nossa mãe, que nos acompanha na jornada da vida. Segundo Francisco, Cristo não quis que caminhássemos sem uma mãe.

No número 286, o Papa nos recorda que a Virgem é missionária, que caminha conosco pelas estradas da vida, aproximando-nos sempre do amor de Deus. “Através dos diferentes títulos marianos, geralmente ligados aos santuários, compartilha as vicissitudes de cada povo que recebeu o Evangelho e entra a formar parte da sua identidade histórica” (EG 286). No número 287, o Papa pede a intercessão da “Mãe do Evangelho vivente”, que é mulher de fé e que caminha na fé, que está a nos acompanhar nas fases de aridez da vida, de ocultação e também de cansaço, como as que ela viveu nos tempos em que Jesus crescia.

No número 288, o Papa Francisco afirma que “há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja” (EG 288), pois sempre que olhamos para ela, voltamos a acreditar na ternura e afeto. Na Virgem, vemos que humildade e ternura não são virtude de pessoas fracas, mas das pessoas fortes, que não precisam fazer mal aos outros para se sentirem mais importantes. Como nos diz o Papa, “Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem imperceptíveis” (EG 288). “É contemplativa do

³³² VATICAN NEWS, A Igreja de Francisco em missão seguindo Maria, Mãe da Igreja, online;

mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos” (EG 288). Encerrando o número 288 e, também, toda a exortação, Francisco dirige uma linda oração à Virgem, nossa mãe.

Nos números 122 a 126 da *Evangelii Gaudium*, Francisco nos fala da “força evangelizadora da piedade popular”. No número 123, Francisco diz que “na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se”. O que se trabalha aqui faz eco à exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI. Paulo VI diz que a piedade popular “traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar” (EN 48). Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco nos lembra do Documento de Aparecida, da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e Caribe, que narra “as riquezas que o Espírito Santo explicita na piedade popular por sua iniciativa gratuita”. A respeito do que foi chamado, como o Papa diz, de “espiritualidade popular” ou “mística popular”, podemos dizer que temos uma autêntica espiritualidade, que não é vazia de conteúdo, mas uma verdadeira forma de viver a fé³³³.

Acerca da encíclica *Dilexit nos*, queremos mencionar os parágrafos em que o Papa fala sobre Nossa Senhora, a saber: os números 19, 42 e 176. No número 19, o Papa Francisco nos fala do coração. Segundo ele, a Virgem era aquela que sabia olhar com o coração. “Ela foi capaz de dialogar com as experiências que conservava, meditando-as no seu coração, dando-lhes tempo: simbolizando-as e guardando-as no seu interior para as recordar”. Francisco faz questão de dizer, referindo-se a Lc 2,51, que o verbo grego empregado é *dietérei*, ou seja, “conservava com cuidado”, dizendo que ela “guardava não era apenas ‘a cena’ que via, mas também o que ainda não compreendia, conservando-o presente e vivo, na esperança de unir tudo no seu coração”³³⁴.

No número 42, isso é retomado, quando diz que Jesus, enquanto ser humano, tinha aprendido de Maria a prestar atenção: “Ela, que tudo contemplava com cuidado e ‘guardava tudo no seu coração’ (Lc 2, 19.51), ensinou-O desde muito cedo, na companhia de São José, a prestar atenção”³³⁵. No número 176, Francisco nos fala sobre a mediação de Maria, nossa intercessora e mãe, que só pode ser

³³³ O Papa faz referência aos números 262 e 264 do Documento de Aparecida.

³³⁴ FRANCISCO, *Dilexit nos* 19, online;

³³⁵ FRANCISCO, *Dilexit nos* 42, online;

compreendida como participação na única mediação de Cristo, nosso Redentor: “A devoção ao coração de Maria não quer enfraquecer a adoração única devida ao Coração de Cristo, mas estimulá-la”³³⁶. “Graças à imensa fonte que brota do lado aberto de Cristo, a Igreja, Maria e todos os fiéis, de diferentes maneiras, tornam-se canais de água viva. Deste modo, o próprio Cristo revela a sua glória na nossa pequenez”³³⁷.

Como podemos observar, a mariologia de Francisco está em linha de continuidade com seus antecessores, mostrando-nos sempre a Virgem fiel, discípula, missionária e mãe amorosa de Cristo, da Igreja e da humanidade.

Conclusão

O documento conciliar *Lumen Gentium*, especificamente nos números 66 e 67, evidencia que Maria é a mais excelsa criatura. Única na história da salvação, o culto de *hiperdulia* reflete essa “veneração especial” que a Igreja presta a Maria. Devem os teólogos fundamentarem a explicação dos privilégios marianos utilizando as Escrituras e os ensinamentos dos Santos Padres. A verdadeira devoção brota da fé autêntica, e não de sentimentalismo.

O calendário litúrgico está marcado de festas, solenidades e memórias marianas. Ao celebrar Maria, estamos celebrando os mistérios de Cristo e toda a história da salvação, na qual Maria é participante e figura singular. Sobretudo nos tempos do Advento, Natal e Páscoa, vemos a presença de Maria, a primeira discípula, e sua relação com Cristo e a Igreja.

Do livro do Gênesis ao Apocalipse, encontramos referências à Virgem. No Antigo Testamento, prefigurações. No Novo, a concretização das promessas messiânicas, das quais Maria faz parte. No campo do ecumenismo, também devemos procurar o que nos une, evitando tudo o que pode afastar nossos irmãos de Maria. O falar de Maria deve ser embasado nas Escrituras e na importância que ela tem no cristianismo, destacando a figura de serva fiel, a pobre que foi exaltada pelo Senhor, no cântico do *Magnificat*.

O Rosário, com seus mistérios, deve evidenciar sempre a Maria que está inserida nos mistérios do Filho e, também, mostrar que todos os mistérios têm uma

³³⁶ FRANCISCO, *Dilexit nos* 176, online;

³³⁷ FRANCISCO, *Dilexit nos* 176, online;

fundamentação bíblica, o que pode nos ajudar num diálogo e reaproximação com nossos irmãos de outras denominações cristãs.

Também as Conferências Episcopais Latino-Americanas souberam enxergar Maria relacionada com o mistério do Filho. Assim como em Pentecostes, os bispos de Medellín, junto de Maria, imploraram as luzes do Espírito, para que pudessem buscar novas formas de transformação da Igreja na América Latina. Puebla nos propõe Maria como exemplo no seguimento a Jesus. Ela foi a primeira discípula, soube trilhar os caminhos que, também nós, devemos trilhar.

Os títulos que Puebla atribui a Maria, evidenciam sempre a figura de mulher, esposa, mãe e discípula que Maria é. Santo Domingo também frisa a questão do discipulado de Maria, a mais perfeita discípula e evangelizadora³³⁸. Assim como Maria soube escutar a Palavra de Deus, também nós devemos ouvi-la e colocá-la em prática.

A imagem da “perfeita discípula” esteve presente na LG, trabalhada nas Conferências Episcopais, sobretudo na V Conferência (Aparecida). Em linhas gerais, se quisermos saber como escutar a Palavra de Deus, colocá-la em prática, evangelizando todos os povos, devemos mirar em Maria, pois ela é pessoa certa que, confiando plenamente nos planos de Deus, unindo-se singularmente à missão do Filho, sabe acompanhar o povo de Deus em suas dificuldades.

O povo também pode celebrar Maria através de meditações, cantos, preces, hinos, antífonas e outros tipos de louvores. É o que nos mostra o Ir. Egídio, em seu livro “Celebrações Marianas”, com diversas celebrações para as comunidades, de modo que o povo não fica só restrito à celebração litúrgica, ou somente a determinada devoção, mas também pode organizar pequenas celebrações para refletir sobre a figura de Maria na vida do povo de Deus, na história da salvação etc.

No próximo capítulo, veremos sobre as devoções marianas “mais populares”, como o Rosário e a recitação do Ofício da Imaculada Conceição. Também iremos investigar como a devoção mariana se encontra nas orações da Liturgia das Horas e no Ofício Divino das Comunidades. Não poderíamos deixar de mencionar, evidentemente, sobre as diversas basílicas e santuários marianos

³³⁸ WISNIEWSKI, E., A figura da Virgem Maria nas Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e Caribe, online;

espalhados pelo mundo todo, o que evidencia a devoção, o amor e carinho que a Igreja tem para com a “Mãe de Deus”.

4

A celebração do mistério cristão marcado pelas devoções marianas

Introdução

No presente capítulo, queremos demonstrar como a devoção a Maria se manifesta através do Rosário, uma das formas de oração mariana que a Igreja recomenda e vive; das peregrinações e santuários em honra à Virgem Maria que, como veremos, estão interligados e, também, através da oração à Virgem na Liturgia das Horas, no Ofício Divino das Comunidades e no Ofício Mariano. Na *Marialis Cultus*, de Paulo VI, encontramos esses temas nas partes II e III da exortação, pois tratam da renovação da piedade mariana (II parte), do *Angelus* e do Rosário (III parte), respectivamente.

4.1.

O Rosário

O rosário é uma das mais belas devoções a Nossa Senhora. É recomendado pelo Magistério da Igreja que, inclusive, registra em inúmeros documentos a importância da recitação do rosário, sua eficácia e também os frutos que ele faz brotar na alma daquele que o reza. Porém, a origem do Rosário é incerta, uma vez que há mais de uma teoria para o seu surgimento³³⁹. O que se pode afirmar é que, na verdade, o rosário como conhecemos hoje, não apareceu repentinamente. Houve um processo pelo qual passou para, assim, chegar na forma atual. Poderíamos dizer que a sua formação se deu no período entre os séculos XII e XVI³⁴⁰.

Ao que tudo indica, de acordo com Staid, a origem da recitação do rosário com as “Ave-marias” e “Pai-nossos” está nos mosteiros, uma vez que os monges que eram analfabetos, não podendo ler os salmos, nem recitá-los de memória adequadamente, trocavam pelas orações em questão³⁴¹. Com isso, passou-se a popularizar a expressão “saltério da Virgem Maria” que, inclusive, foi utilizado por Pio V³⁴². Como nos afirmam Staid e Murad, a “Ave-Maria” era recitada somente

³³⁹ LIMA, J. d. S., Maria e os santos na piedade popular, p. 452-453;

³⁴⁰ STAUD, E. D., Rosário, p. 1137;

³⁴¹ STAUD, E. D., Rosário, p. 1137;

³⁴² Encontra-se a expressão na bula papal *Consueverunt Romani Pontifices*, de Pio V.

em sua primeira parte, ou seja, a parte que traz a saudação angélica e os dizeres de Isabel³⁴³. Até então, nem o nome de Jesus, nem o “Amém” faziam parte da oração. Eles só foram introduzidos no final do século XV. No ano de 1483, começa-se a propagar o uso da parte “Santa Maria...”. A segunda parte é uma súplica da Igreja, que pede que Maria interceda sempre por nós. Foi Pio V quem, na publicação do breviário de 1586, incluiu oficialmente a segunda parte à primeira³⁴⁴.

Segundo Staid, o “saltério dos pai-nossos” – expressão usada por ele – era subdividido em três grupos de cinquenta. Era a oração dos monges, que a faziam a modo de Liturgia das Horas. No século XIV, com o cartuxo Henrique de Kalkar, acontece a subdivisão das “Ave-Marias”. Dividiu o saltério em 15 dezenas de “Ave-Marias”, colocando o “Pai-Nosso” entre uma dezena e outra³⁴⁵. No mesmo período, poderíamos dizer, aparecerá a lenda da instituição do rosário por São Domingos de Gusmão. Sabe-se que, até então, havia apenas a repetição das orações, sem a contemplação dos mistérios. Tempos depois, no século XV, um outro monge falará sobre a meditação dos mistérios. O dominicano Alano de la Roche fez a divisão do rosário em mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos. A proposta era que houvesse uma contemplação, ou seja, se meditasse sobre os acontecimentos da vida de Jesus, desde a concepção virginal de Maria até a sua gloriosa assunção (passando, evidentemente, pela morte e ressurreição de Cristo, assim como a sua ascensão aos céus)³⁴⁶.

Foi Alano de la Roche quem, inclusive, difundiu o rosário com o nome de “Rosário da Bem-aventurada Virgem Maria”. A palavra “rosário” quer significar uma corrente, a modo de coroa, podemos assim dizer, de rosas. Segundo José da Silva Lima, “rosário” quer significar ainda uma antologia de textos literários ou poéticos. Contudo, prevalece a definição como “coroa de rosas”³⁴⁷.

Outro monge cartuxo, chamado Domingos da Prússia, entre os anos de 1410 e 1439, foi quem propôs uma forma de rezar o saltério mariano com 50 ave-marias. Acrescentou, contudo, uma referência de um acontecimento evangélico a cada uma delas. A essas referências, denominou-as “cláusulas”. Tais cláusulas chegaram a 300, variando o número de região para região. Seria uma espécie de refrão

³⁴³ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 214; STAID, E. D., Rosário, p. 1137;

³⁴⁴ STAID, E. D., Rosário, p. 1137;

³⁴⁵ STAID, E. D., Rosário, p. 1137-1138;

³⁴⁶ STAID, E. D., Rosário, p. 1138;

³⁴⁷ LIMA, J. d. S., Maria e os santos na piedade popular, p. 453;

mnemônico que encerrava a própria oração. É a ele quem devemos atribuir o mérito de dar forma ao rosário tal qual conhecemos atualmente³⁴⁸.

Personagem importante também é o dominicano Alberto de Castelo que, em 1521, reduziu o número de mistérios para 15, sendo os 15 principais que seriam propostos à meditação. Haveria uma interpretação das cláusulas com simples comentários sobre o mistério, ou breves recordações ao longo da recitação das Ave-marias³⁴⁹.

O rosário deixa de ser, assim, propriedade de determinadas confrarias marianas, e passa a se popularizar, espalhando-se por toda parte, tornando-se forma universal de oração³⁵⁰. Entre nós, popularizou-se com o nome “terço”, exatamente por fazer referência à terça parte do rosário completo³⁵¹. Ele é fabricado, como objeto, em diversos estilos, em muitos materiais. Há terços, por exemplo, que exalam perfume de rosas (uma referência à coroa de rosas)³⁵².

Como recitar o rosário ou terço? Muitas pessoas têm a ideia de que, se você reza o terço e esquece alguma “Ave-maria”, ele está invalidado. Outras, já preferem rezar a mais, colocando mais “Ave-marias”. Devemos entender que a devoção do terço é livre, como nos diz Murad. Pode-se rezar em grupo, ou sozinho³⁵³.

A Igreja dividiu a contemplação dos mistérios para os dias da semana, de modo que ficou estabelecido: às segundas e sábados, rezam-se os mistérios gozosos; às terças e sextas, os mistérios dolorosos; às quartas e domingos, os mistérios gloriosos. Os mistérios luminosos, incluídos no rosário por João Paulo II, ficaram para as quintas³⁵⁴. Porém, não é obrigatório que alguém recite os mistérios gloriosos às quartas, por exemplo. O fiel é quem vai dizer como prefere rezar, de acordo com a sua necessidade. Se está passando por alguma tribulação, pode rezar os mistérios dolorosos, meditando sobre a Paixão do Senhor³⁵⁵.

Muitas pessoas aproveitam para cantar alguma música que remeta ao mistério a ser contemplado. Isso é muito útil para a contemplação. A leitura de passagens bíblicas, como já abordamos aqui, também ajuda a uma meditação mais

³⁴⁸ STAUD, E. D., Rosário, p. 1138;

³⁴⁹ STAUD, E. D., Rosário, p. 1138;

³⁵⁰ STAUD, E. D., Rosário, p. 1138-1139;

³⁵¹ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 215;

³⁵² LIMA, J. d. S., Maria e os santos na piedade popular, p. 452-453;

³⁵³ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 215;

³⁵⁴ JOÃO PAULO II, PP., *Rosarium Virginis Mariae*, n. 38;

³⁵⁵ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 215;

frutuosa. Vale dizer que, na hora da missa, o terço não deve ser rezado³⁵⁶. De acordo com Frei Luís Felipe Marques, da Ordem dos Franciscanos Menores Conventuais, e fazendo eco da *Marialis Cultus*, de Paulo VI, liturgia e piedade popular são duas formas legítimas do culto cristão. Porém, a liturgia deve nortear, orientar com prudência os desejos de oração encontrados na piedade popular³⁵⁷.

Agora, convém examinarmos como o rosário foi recomendado pelo Magistério pontifício.

O Papa Pio V, em 1569, com a bula *Consueverunt Romani Pontifices*, consagrou a forma de recitar o rosário como a conhecemos hoje. Também de Pio V é a bula *Salvatoris Domini*, de 1572, que, por ocasião da vitória na batalha de Lepanto, institui a festa litúrgica de Santa Maria da Vitória, como recordação do acontecimento. Pio V assim se referiu acerca do rosário: é uma oração para superar as dificuldades das guerras e demais calamidades; é um meio simples de oração, disponível a todos; é de grande eficácia contra as heresias, ocasionando – como no passado – inúmeras conversões. Gregório XIII, sucessor de Pio V, instituiu a festa solene de Nossa Senhora do Rosário, colocando-a no primeiro domingo de outubro, no calendário litúrgico³⁵⁸.

De Gregório XIII a Leão XIII, há inúmeros documentos referentes ao rosário. A título de exemplo, citamos a encíclica *Egregiis Suis*, de Pio IX, que convida à recitação do rosário, para o bom desfecho do Concílio Vaticano I, e também a encíclica *Supremi Apostolatus Officio*, de Leão XIII, que data de 1 de setembro de 1883. Leão XIII poderia ser chamado de “o papa do Rosário”, ao lado de Pio V. Ele escreveu 22 documentos que tratam do assunto³⁵⁹.

Com a encíclica *Ingravescentibus Malis*, de 20 de setembro de 1937, Pio XI convida a rezar a Maria, sobretudo nos momentos de perigo, com a oração do rosário, que ele apresenta como a oração à Virgem que “ocupa o primeiro lugar”. Pio XII escreveu uma encíclica e 8 cartas sobre o rosário, além de inúmeros discursos que versam sobre o tema. Tal declaração pode ser vista na encíclica *Ingruentium Malorum*, de 1951³⁶⁰.

³⁵⁶ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 216;

³⁵⁷ MARQUES, L. F., A Dimensão Celebrativa do Rosário Mariano, p. 117-118;

³⁵⁸ STAID, E. D., Rosário, p. 1138;

³⁵⁹ STAID, E. D., Rosário, p. 1138-1139;

³⁶⁰ STAID, E. D., Rosário, p. 1139;

Vale destacar a importância que João XXIII deu ao rosário: falou sobre o rosário diversas vezes, com documentos e discursos. Destacamos a *Grata recordatio*, de 1959, em que se recomenda a devoção do rosário no mês de outubro, e também a carta apostólica *Il religioso convegno*, de 1961, que trata do rosário com nova linguagem, falando sobre o seu valor e eficácia³⁶¹.

No Concílio Vaticano II, em diversos documentos, falou-se da Virgem Maria. Convém mencionar Paulo VI, que demonstrou seu amor à Virgem com a encíclica *Christi Matri*, de 1966, e também a *Marialis Cultus*, de 1974. Outras declarações sobre Maria foram feitas por João Paulo I e João Paulo II³⁶². Desse último, convém mencionar a carta apostólica “Rosário da Virgem Maria”, que trata exatamente sobre a temática do rosário.

O rosário ficou dividido da seguinte forma: são quatro mistérios, sendo que em cada mistério contemplamos cinco momentos da vida de Cristo³⁶³. É importante lembrar que, conforme já exposto acima, o fiel pode recitar o terço (ou rosário) mudando os dias dos mistérios, dependendo da sua necessidade ou vontade³⁶⁴.

Os mistérios gozosos, que são rezados às segundas e sábados, são: 1) o anúncio do Anjo Gabriel a Maria (Lc 1,26-28); 2) a visitação à Santa Isabel (Lc 1,39-56); 3) o nascimento de Jesus (Lc 2,1-20); 4) purificação de Maria e apresentação de Jesus no templo (Lc 2,21-40); 5) perda e encontro de Jesus no templo, entre os doutores (Lc 2,41-52)³⁶⁵.

Os mistérios dolorosos, que são rezados às terças e sextas, são: 1) a agonia de Jesus no horto das oliveiras (Lc 22,40-46); 2) flagelação de Jesus (Jo 19,1); 3) coroação de espinhos (Mt 27,27-31); 4) Jesus carrega sua cruz até o Calvário (Mt 27,31-34); 5) Morte de Jesus na cruz (Lc 23,33-49)³⁶⁶.

Os mistérios gloriosos, que são rezados às quartas e aos domingos, são: 1) ressurreição gloriosa de Jesus (Mc 16,1-18); 2) ascensão de Jesus aos céus (Mt

³⁶¹ STAUD, E. D., Rosário, p. 1139;

³⁶² STAUD, E. D., Rosário, p. 1139-1140;

³⁶³ LIMA, J. d. S., Maria e os santos na piedade popular, p. 454;

³⁶⁴ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 215;

³⁶⁵ Conforme descrito no site do Vaticano. A relação com os mistérios e breve reflexão estão disponíveis em: VATICAN, Mistérios Gozosos, online;

³⁶⁶ Conforme descrito no site do Vaticano. A relação com os mistérios e breve reflexão estão disponíveis em: VATICAN, Mistérios Dolorosos, online;

28,16-21); 3) Pentecostes (At 2,1-41); 4) Assunção de Nossa Senhora; 5) Coroação de Nossa Senhora como Rainha do Céu e da Terra³⁶⁷.

Os mistérios luminosos, que são rezados às quintas, são: 1) o batismo de Jesus no Jordão (Mt 3,13-16); 2) o milagre das bodas de Caná (Jo 2,1-12); 3) Proclamação do Reino de Deus (Mc 1,14-15); 4) Transfiguração de Jesus (Lc 9,28-26); 5) Instituição da Eucaristia (Mt 26,26-29)³⁶⁸.

Em uma conversa com o Pe. Alexandre Awi, na *Domus Sanctae Marthae*, o Papa Francisco declarou que reza o Rosário diariamente. O Papa frisou que devemos rezar a Maria, pois é ela quem nos leva a Jesus. Francisco diz: “uma coisa que me faz forte todos os dias é rezar o Terço a Nossa Senhora. Sinto uma força tão grande, porque vou ter com ela e sinto-me forte”³⁶⁹. A postura de Francisco está em linha de continuidade com os Papas anteriores a ele³⁷⁰.

Vale destacar que o rosário é uma oração cristocêntrica, pois o louvor a Maria quer defender nossa fé em Jesus como Deus e homem, uma vez que o Filho se encarnou em seu ventre. De acordo com a *Marialis Cultus*, no número 46, o Rosário é uma oração que tem orientação cristológica. Segundo Paulo VI, a repetição da “Ave Maria” é, também, louvor incessante a Cristo, que constitui o objetivo do anúncio do Anjo a Maria, e também das palavras de Isabel à Virgem: “bendito o fruto do teu ventre” (Lc 1,42). A repetição da “Ave Maria” também é um meio que nos auxilia na meditação dos mistérios do Rosário. Segundo o número 45 da MC, o Rosário abrange uma “sucessão harmoniosa” dos principais eventos da obra redentora, operada em e por Cristo. Já no número 48, a MC nos recorda sobre a relação entre liturgia e Rosário. Paulo VI nos diz que “o Rosário é como que um rebento que germinou sobre o tronco secular da Liturgia cristã, qual ‘Saltério da Santíssima Virgem’, com que os humildes se pudessem associar ao cântico de louvor e à intercessão universal da Igreja”³⁷¹. Fazendo eco à Constituição *Sacrosanctum Concilium*, número 13, a MC nos recorda que a celebração litúrgica

³⁶⁷ Conforme descrito no site do Vaticano. A relação com os mistérios e breve reflexão estão disponíveis em: VATICAN, Mistérios Gloriosos, online;

³⁶⁸ Conforme descrito no site do Vaticano. A relação com os mistérios e breve reflexão estão disponíveis em: VATICAN, Mistérios Luminosos, online;

³⁶⁹ MELLO, A. A., “Ela é minha mãe!”, p. 38;

³⁷⁰ MELLO, A. A., “Ela é minha mãe!”, p. 37-38;

³⁷¹ MC 48;

e o Rosário não devem se contrapor nem equiparar. O Rosário é também uma oração eclesial, ou seja, é sinal de eclesialidade, sinal de Maria orante junto à Igreja³⁷².

É uma oração simples, mas uma oração contemplativa. É também uma oração catequética, pois é uma maneira simples de apresentar a nossa fé em Cristo. Podemos dizer também que o rosário é uma oração que nos introduz à liturgia³⁷³.

4.2.

Peregrinações e santuários em honra à Virgem Maria

Falaremos agora sobre os santuários e peregrinações em honra à Virgem Maria. “Peregrinação” e “santuário” se identificam. Conforme nos diz Besutti, peregrinação e santuário constituem parte do encontro com o sagrado, ou seja, da visita que uma pessoa faz ao sagrado³⁷⁴. Convém examinarmos, primeiramente, o que vem a ser uma peregrinação.

O significado da palavra “peregrinação” é “percorrer”. Essencialmente, peregrinação está ligada à partida. Sendo assim, peregrino é “aquele que faz uma viagem a um país distante e estrangeiro para nele permanecer por algum tempo”. Há uma partida, de um determinado lugar, em direção a outro, com a finalidade de visitá-lo e permanecer lá por um período. Ela é um fenômeno universal. Não faz parte apenas da religião cristã, judaica e muçulmana. Segundo Rosso, ela remonta há períodos primitivos, sendo experiência religiosa de indivíduos e grupos. A peregrinação convida a um desapego e conversão. Em matéria de religião, podemos lembrar de Abraão: chamado por Deus a sair de sua casa e ir para onde o Senhor lhe prometeu (Gn 12,1; 15,7; 17,1)³⁷⁵.

A peregrinação, porém, pede sempre a partida. Por isso, “peregrino” é aquele que está sempre de passagem. Os peregrinos, normalmente, vêm de regiões muito distantes, e são de diferentes idades, condições sociais etc³⁷⁶. Mesmo em períodos de frio, sempre tiveram peregrinos que iam a santuários marianos que, muitas vezes de pés descalços, aproximavam-se do altar. Permaneciam na igreja durante todo o dia (dia e noite), mesmo depois de receberem a graça alcançada.

³⁷² STAUD, E. D., Rosário, p. 1139-1140;

³⁷³ STAUD, E. D., Rosário, p. 1139-1141;

³⁷⁴ BESUTTI, G., Santuário, p. 1197;

³⁷⁵ ROSSO, S., Peregrinações, p. 1032;

³⁷⁶ ROSSO, S., Peregrinações, p. 1032;

Diversos donativos eram oferecidos. Os mais pobres costumavam levar uma vela³⁷⁷.

Em se tratando da peregrinação mariana, podemos dizer que o seu fundamento é ir a Maria para, assim, se chegar a Cristo. Assim como o Verbo se encarnou em seu seio e se aproximou de nós, também nós podemos ir até ela para chegarmos a seu Filho³⁷⁸.

René Laurentin, especialista em aparições marianas, analisando a autenticidade de Lourdes, tece algumas observações³⁷⁹. Primeiramente, analisou que muitos fiéis vão aos santuários marianos, ou participam de peregrinações, com a finalidade de obter graças e curas de todo tipo. Isso, porém, ocasiona em um comportamento mágico, o que está em oposição ao “movimento oblato da fé autêntica”. Em segundo lugar, o fomento a ritos fechados em si, o que faz com que os não-praticantes voltem para casa com uma consciência indiferente, mesmo que tenham realizado todas as posturas, ritos etc. Em terceiro lugar, vale mencionar a questão do sentimentalismo, expressões emotivas, que podem acontecer no momento, mas não geram uma mudança, uma conversão verdadeira. Em último lugar, o confronto entre o “entrar no paraíso”, que seria o santuário, com as realidades terrestres, que acaba por gerar um distanciamento das pessoas de causas sociais com nossos irmãos, sobretudo os mais necessitados. Faziam de tudo para levar alguma lembrança do local visitado (pedaço de madeira, por exemplo) que tivesse relação com a Virgem. Os doentes que recebiam tais lembranças, muitas vezes, recebiam a cura³⁸⁰.

Contudo, convém mencionar que, se tratando da devoção mariana, ela nunca precisou de uma localidade específica para acontecer. Porém, a frequência aos santuários é uma das formas evidentes da piedade mariana³⁸¹. Nos séculos XI e XII, os santuários marianos eram denominados com os termos *domus*, *ecclesia*, *memoria* e *locus*. É impossível indicarmos o número de santuários marianos existentes no mundo³⁸².

³⁷⁷ BESUTTI, G., Santuário, p. 1206;

³⁷⁸ ROSSO, S., Peregrinações, p. 1046;

³⁷⁹ O texto de Laurentin chama-se “La persistenza della pietá popolare”, presente na Revista *Concilium* 9/1 (1973), p. 182-184. A referência está em: ROSSO, S., Peregrinações, p. 1051;

³⁸⁰ ROSSO, S., Peregrinações, p. 1047;

³⁸¹ BESUTTI, G., Santuário, p. 1197;

³⁸² BESUTTI, G., Santuário, p. 1198;

Não só uma igreja pode ser um santuário, mas algum outro lugar, como é o caso da gruta de Lourdes. Não é, em si, uma igreja, mas é um santuário. Devemos ter em mente que, o fato de termos igrejas com títulos marianos, não as fazem ser um santuário. Muito provavelmente, segundo os estudos de Giamberardini, as mais antigas igrejas marianas se encontram no Egito. Uma é do século III, duas do século IV e a última que remonta ao final do século V. Contudo, uma coisa é afirmar que tais igrejas têm títulos marianos, outra é falar que foram locais de peregrinação³⁸³.

As peregrinações aos santuários marianos são, antes de tudo, uma manifestação de piedade mariana profunda e vivida. Constatou-se que cada nação da América Latina, antes da independência, durante as revoltas, na conquista da liberdade, quase sempre une sua identidade a um santuário nacional: no México, temos o de Guadalupe; na República Dominicana, temos o de Higey; na Colômbia, temos o de Chiquinquirá; na Venezuela, Coromoto; no Brasil, Aparecida³⁸⁴.

De acordo com Besutti, em um santuário mariano, sempre encontramos uma representação de Maria sendo venerada, ora com o Filho, ora com os santos. Por vezes, o “enfoque cristológico” está subentendido, como no caso da “Imaculada Conceição”. Tais representações se manifestam das mais variadas formas: podem ser quadros, telas, estátuas etc.

Os santuários marianos são um fenômeno antigo, mas sempre presente na história da Igreja. Apesar de nem sempre ser consideravelmente valorizado, tanto por clérigos quanto por leigos, é um “acontecimento eclesial inegável”. Os santuários dedicados à Virgem têm grande reputação, constituindo autêntica “geografia da fé” mariana, como sugeriu o Papa João Paulo II, na encíclica *Redemptoris Mater* (n. 28)³⁸⁵.

Em uma entrevista concedida ao Padre Alexandre Awi, o Papa Francisco mencionou sobre uma igreja que costumava peregrinar, o Santuário de Nossa Senhora de Pompeia. Arquitetonicamente, destaca-se pelas linhas de estilo neogótico e também tem vitrais alemães da Casa Zeller, Munique, que remetem aos quinze mistérios do Rosário. Anexo ao santuário, há um claustro para que os peregrinos que por lá passarem, possam descansar. O estilo do claustro lembra os claustros monásticos da Idade Média. Há uma fonte, localizada no centro do pátio,

³⁸³ BESUTTI, G., Santuário, p. 1199;

³⁸⁴ BESUTTI, G., Santuário, p. 1208;

³⁸⁵ MELLO, A. A., “Ela é minha mãe!”, p. 69;

que representa Nossa Senhora, e também as ruínas da cidade de Pompeia, que foi destruída no ano de 79 d.C., por conta de uma erupção vulcânica do Vesúvio³⁸⁶.

Exatamente naquela cidade que começou, no fim do século XIX, a devoção mariana a Nossa Senhora do Rosário de Pompeia, graças ao Beato Bartolo Longo (1841-1926). Depois de convertido, Bartolo passou a difundir a devoção do Rosário. Por conta disso, surgiu o presente santuário, “em torno do qual nasceu uma cidade, enriquecida com numerosos institutos de caridade”, e a partir daí a devoção do “Rosário de Pompéia” espalhou-se pelo mundo³⁸⁷.

Vale mencionar que, atrelado à temática do santuário e peregrinações, temos as coletâneas dos “miracula”, isto é, as narrações dos milagres ocorridos por intercessão da Virgem³⁸⁸. Nos séculos IV-VII, os peregrinos costumavam visitar a igreja de Sant’Ana, em Jerusalém, local em que Maria teria nascido, assim como a casa de Nazaré, transformada em basílica; também tem a fonte em que Maria tirava água. Na Galileia, duas igrejas foram dedicadas a Maria. Várias lembranças encontradas em Nazaré, Belém e Caná impressionam os peregrinos³⁸⁹.

Em matéria de relíquia, na basílica constantiniana de Jerusalém, diz-se que está a fita que Maria utilizava para prender o cabelo. Temos também, em Jerusalém, a basílica sobre o monte Sião; uma no vale de Josafá; outra, em Jericó, que era o quarto de Raab, fora transformado em oratório. Em Constantinopla, temos a famosa igreja de Santa Maria da Fonte, edificada na segunda metade do século V e renovada por Justiniano no século seguinte (por volta de 565)³⁹⁰. Nesta igreja, há a veneração de Nossa Senhora em atitude orante, tendo o menino Jesus diante de si. Ela é invocada como medianeira, em que as pessoas sentem a necessidade da poderosa intercessão da Virgem³⁹¹.

Em se tratando de Roma, os peregrinos que lá chegavam iam visitar as igrejas de Santa Maria Maior, e Santa Maria, no Transtevere. Também as igrejas de *S. Maria Antiqua*, *S. Maria in Dominica*, *S. Maria sobre Minerva*, *S. Maria Rotunda* e *S. Maria de Schola Graeca* eram locais de visita e contemplação dos ícones marianos³⁹². De acordo com o Pe. Alexandre Awí, exatamente por ocasião dessas

³⁸⁶ MELLO, A. A., “Ela é minha mãe!”, p. 66;

³⁸⁷ MELLO, A. A., “Ela é minha mãe!”, p. 66-67;

³⁸⁸ BESUTTI, G., Santuário, p. 1205;

³⁸⁹ BESUTTI, G., Santuário, p. 1201-1202;

³⁹⁰ BESUTTI, G., Santuário, p. 1202;

³⁹¹ BESUTTI, G., Santuário, p. 1203;

³⁹² BESUTTI, G., Santuário, p. 1203-1204;

peregrinações a Roma, foi dado o nome de “romaria”. De “romaria”, temos os “romeiros”, que são aqueles que fazem romaria a algum lugar sagrado³⁹³.

Segundo pesquisa de Besutti, há em torno de quarenta santuários marianos italianos que parecem ter origem antes do ano 1000. Uns quinze dentre eles teriam sido estabelecidos entre os séculos III e IV. Porém, Besutti diz que, muito provavelmente, talvez os títulos marianos tenham existência desde esse período, não o santuário em si. No século IX, havia um oratório em honra a Maria no local que viria a ser edificado o santuário de Notre Dame de Fourvieres, em Lião. Tal igreja fora destruída por incêndio³⁹⁴.

Há também, na Suíça, o santuário da Nossa Senhora negra de Einsiedeln. “Na Itália, entre os santuários mais antigos e famosos estão os nomes de Oropa, Montevergine, da ‘Consolata’ em Turim, da Virgem de S. Lucas na colina La Guardia perto de Bolonha”. Também é famoso o de Montserrat, na Catalunha. Remonta, provavelmente, ao final do século IX³⁹⁵.

Por causa do ano mariano, no ano de 1954, o Papa Pio XII escreve a encíclica *Fulgens Corona*, em que comenta sobre a peregrinação dos fiéis à gruta de Nossa Senhora de Lourdes (santuário) e também à basílica de Santa Maria Maior³⁹⁶.

No Brasil, não poderíamos deixar de mencionar o Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que fica em Aparecida, São Paulo. É o maior santuário mariano do mundo. A pedra fundamental foi colocada no dia 10 de setembro de 1946, mas as construções só começaram, de fato, no dia 11 de novembro de 1955³⁹⁷.

A propósito da peregrinação aos santuários, por ocasião da manifestação da fé e, também, para obtenção de graças e milagres, citaremos a chamada “Sala dos Milagres”, como é caso não só dos santuários marianos, mas encontrada na maioria dos santuários cristãos. Ficamos aqui com o exemplo da “Sala dos Milagres” do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida³⁹⁸.

³⁹³ MELLO, A. A., Significado da Romaria como espaço de Êxodo, p. 187;

³⁹⁴ BESUTTI, G., Santuário, p. 1204;

³⁹⁵ BESUTTI, G., Santuário, p. 1204-1205;

³⁹⁶ BESUTTI, G., Santuário, p. 1210-1211;

³⁹⁷ Informações extraídas de A12, Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, online;

³⁹⁸ SILVA, J. A. d., Na Sala das Promessas ou dos Milagres em Aparecida, p.166;

No subsolo da Basílica, fica a “Sala dos Milagres”. É o segundo lugar mais visitado pelos devotos. O primeiro é a imagem da santa. É um lugar sagrado, amplo, que contém diversos ex-votos, pendurados nas paredes ou teto, e também expostos nas vitrines. Estima-se que, por mês, chegam 19 mil ex-votos. Em outubro, mês do rosário, com o dia de Nossa Senhora Aparecida, o número chega a 30 mil. Todos eles têm, evidentemente, uma história. Encontram-se também fotografias das pessoas que receberam graças, todas doadas³⁹⁹.

Para o povo, ‘milagre’ é todo dom, graça que Deus concede ao fiel pela intercessão dos santos. Segundo o Pe. Júlio Brustolini, os objetos que lá estão “são expressão de alguma graça tanto na ordem temporal como na ordem espiritual (...) Não é necessário que correspondam à intervenção direta de Deus, como em todo milagre (...)”⁴⁰⁰. Silva, citando o importante artista plástico, Cláudio Pastro, diz que a Sala das Promessas “revela o mais profundo da alma humana, o agradecimento ou pedido de milagres. São fotos, ‘ex-votos’, imagens, armas, relatos... que testemunham a relação entre o céu e a terra em momentos do ‘impossível’”⁴⁰¹.

Comentemos, agora, sobre a imagem de Nossa Senhora Aparecida: ela foi colocada em um nicho de ouro, “aos pés de um imenso retábulo em porcelana, ouro, branco e azul, com a figura dos três arcanjos (...), correspondendo à ‘escada de Jacó’”, passando a ideia de uma “misteriosa ligação” entre o céu e a terra. Quer representar a presença da Virgem Aparecida na vida de fé do povo⁴⁰².

A visitação a um santuário mariano é, segundo nos indica Besutti, sempre acompanhada dos atos fundamentais da vida cristã: peregrinação com caráter penitencial; procura-se o sacramento da penitência, participando também da missa, rezando não só individualmente, mas em grupo⁴⁰³.

Em alguns casos, um santuário pode assumir o nome de outro mais famoso: sua construção se deve à recordação de uma peregrinação, à veneração a Maria invocada por tal título. De acordo com Besutti, Loreto tem ocupado, depois dos

³⁹⁹ SILVA, J. A. d., Na Sala das Promessas ou dos Milagres em Aparecida, p.166-167;

⁴⁰⁰ SILVA, J. A. d., Na Sala das Promessas ou dos Milagres em Aparecida, p.168. O autor refere-se a BRUSTOLINI, J. J., “A Sala dos Milagres, sua história”. In História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, p. 131;

⁴⁰¹ SILVA, J. A. d., Na Sala das Promessas ou dos Milagres em Aparecida, p.169. O autor faz referência a PASTRO, C., Aparecida, p. 86;

⁴⁰² SILVA, J. A. d., Na Sala das Promessas ou dos Milagres em Aparecida, p.181;

⁴⁰³ BESUTTI, G., Santuário, p. 1210;

séculos XVI-XVII, um lugar de destaque. Segundo ele, multiplicam-se os que lembram Lourdes ou Fátima⁴⁰⁴.

Como já foi desenvolvido no capítulo terceiro, é importante lembrar aqui que Maria é venerada pela Igreja com um culto especial, conforme a Constituição *Lumen Gentium* (n. 66). Desde os tempos mais antigos, Maria é venerada com o título de *Theotókos*, ou seja, a “Mãe de Deus”, que foi reconhecido oficialmente pela Igreja no Concílio de Éfeso, em 431. Desde então, o culto para com a Virgem passou a crescer sempre mais, diferenciando-se do culto de adoração, devida somente a Deus. As diversas formas de piedade mariana manifestam, na verdade, a glorificação do Filho, uma vez que, honrando a Mãe, honramos o Filho. Da mesma forma a *Marialis Cultus*, já em sua introdução, quer reforçar-nos a ideia de que o culto a Maria é, com razão, chamado de culto cristão, uma vez que se origina e tem a sua eficácia em Cristo. Paulo VI faz eco às palavras da LG (n. 66), falando de singular culto prestado à Virgem. Frisa que, a ela, prestamos culto de veneração, e que há diversas formas de devoção mariana que a Igreja, no decorrer dos séculos, aprovou e recomenda, dentro dos limites da sua doutrina.

4.3.

Liturgia das Horas, Ofício Divino das Comunidades e o Ofício de Nossa Senhora

Durante todo o período cristão da história em que se celebrou a Liturgia das Horas, podemos ver a presença de uma liturgia mariana. Há uma presença implícita, como no Antigo Testamento e o exercício cultural judaico, e também explícita, como no Novo Testamento e no “tempo da Igreja”⁴⁰⁵.

Maria está situada no Antigo Testamento no nível análogo da promessa de salvação e também dos sinais de seu cumprimento. Sua presença está implícita nos Salmos utilizados nas celebrações judaicas, assim como nos profetas. Já na Liturgia da Igreja, na Liturgia das Horas e também na Eucaristia, ela aparece sempre relacionada com o mistério pascal de Cristo⁴⁰⁶.

⁴⁰⁴ BESUTTI, G., Santuário, p. 1209;

⁴⁰⁵ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.155;

⁴⁰⁶ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.155;

Poderemos observar, com o que será apresentado neste tópico, que a Liturgia das Horas, oração oficial da Igreja, acaba inspirando outras formas de oração, formas que brotam de iniciativas populares e que mantêm diálogo com ela⁴⁰⁷.

Vale ressaltar aqui os hinos que encontramos na Liturgia das Horas. Eles foram compostos nos primórdios da história da Igreja, na Idade Média e Idade Moderna, com a finalidade de “condensar e introduzir as motivações da hora celebrada”⁴⁰⁸.

Os hinos acompanham sempre as solenidades e celebrações das festas, estando de acordo com o tempo litúrgico celebrado. Por exemplo, no “Comum de Nossa Senhora”, há hinos próprios para as I Vésperas (“Maria, Mãe dos mortais...”), para o “Ofício das Leituras” (“Aquele a quem adoram...”), para as “Laudes” (“Senhora gloriosa...”) e para as II Vésperas (“Ave, do mar Estrela...”) ⁴⁰⁹.

Não teria como não mencionar a admirável oração de Dante Alighieri à Virgem, no hino do “Ofício das Leituras”, no “Comum da Bem-Aventurada e na Memória de Santa Maria no sábado”⁴¹⁰:

aquele a quem adoram / o céu, a terra, o mar / o que governa o mundo, / na Virgem vem morar. A lua, o sol e os astros / o servem, sem cessar, / mas ele vem no seu seio / da Virgem se ocultar. Feliz chamou-te o Anjo, / o Espírito em ti gerou / dos povos o Esperado, / que o mundo transformou. Louvor a vós, Jesus, / nascido de Maria, / ao Pai e ao Espírito / agora e todo o dia.

Nossa Senhora é celebrada na Liturgia das Horas com as seguintes solenidades, memórias e festas: “imaculada Conceição de Nossa Senhora” (8 de dezembro, solenidade); “Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira da América Latina” (12 de dezembro, festa); “Santa Maria, mãe de Deus” (1 de janeiro, solenidade); “Nossa Senhora de Lourdes” (11 de fevereiro, “para comemoração”); Visitação de Nossa Senhora (31 de maio, festa); “Nossa Senhora do Carmo” (16 de julho); “Dedicação da Basílica de Santa Maria Maior” (5 de agosto); “Assunção de Nossa Senhora” (15 de agosto, solenidade); “Nossa Senhora Rainha” (22 de agosto,

⁴⁰⁷ CNBB, Oração da Liturgia das Horas torna a Sagrada Escritura fonte principal de toda oração cristã, online;

⁴⁰⁸ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.156. O autor cita a Instrução Geral da Liturgia das Horas (IGLH), n. 173-178;

⁴⁰⁹ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.156;

⁴¹⁰ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.156; VV.AA., Liturgia das Horas (III), p. 1531-1532;

memória); “Natividade de Nossa Senhora” (8 de setembro, festa); “Nossa Senhora das Dores” (15 de setembro, memória); “Nossa Senhora do Rosário” (7 de outubro, memória); “Nossa Senhora da Conceição Aparecida” (12 de outubro, solenidade); “Apresentação de Nossa Senhora” (21 de novembro, memória) e também a memória de Santa Maria, aos sábados⁴¹¹.

Não podemos esquecer da oração evangélica das Vésperas, o “Magnificat”. Há ainda, dentro das leituras, homilias e textos acerca da Virgem. Citamos, por exemplo, o de São Sofrônio, bispo, que remete ao século VII, intitulado “Por meio de Maria, a bênção do Pai iluminou os homens”. O texto aparece como “Segunda Leitura” do “Comum de Nossa Senhora”, do “Ofício das Leituras”, volume I (Advento-Natal). Ele faz uma reflexão acerca das palavras da saudação do Anjo a Maria⁴¹².

Através de analogia feita pelos teólogos dos primeiros períodos do cristianismo, podemos enxergar nos Salmos a figura da Virgem. Veremos alguns Salmos em que isto acontece, na Liturgia das Horas e, também, faremos alusão ao Ofício Divino das Comunidades⁴¹³. Um exemplo está no Salmo 18(19), presente no Ofício das Leituras da Solenidade do Natal do Senhor; na “Hora Média” da segunda-feira da segunda semana do Saltério; no “Ofício das Leituras” da Festa de São João (Apóstolo), em 27 de dezembro, como também no “Ofício das Leituras” do Comum dos Apóstolos, das Virgens e Santas Mulheres⁴¹⁴. Eis o texto:

“armou no alto uma tenda (*tabernaculum*) para o sol, ele desponta no céu e se levanta como um esposo do quarto nupcial (*thalamus*), como um herói exultante em seu caminho”. Neste caso, Maria é a figura do tabernáculo donde nasce o sol, e o tálamo no qual o Verbo consuma as núpcias entre o humano e o divino.

Assim o versículo 7, do Salmo 21(22), diz: “quanto a mim, eu sou um verme, e não um homem; sou o opróbrio e o desprezo das nações”. Orígenes viu aqui a concepção virginal de Cristo, pois um verme não é fruto do encontro de macho e

⁴¹¹ As informações foram apresentadas a partir do sumário dos volumes da “Liturgia das Horas”;

⁴¹² VV. AA., Liturgia das Horas (I), p. 1154-1155;

⁴¹³ O Ofício Divino das Comunidades é aprovado pela CNBB. Segundo o que é apresentado nas páginas iniciais da edição utilizada do Ofício Divino das Comunidades, ele “é uma tentativa de inculturação da Liturgia das Horas, não apenas em uma versão mais breve (...)”. A citação encontra-se em: VV.AA., Ofício Divino das Comunidades, p. 8;

⁴¹⁴ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.157;

fêmea, de modo que Cristo nasceu de Maria sem ser fruto de relação entre homem e mulher⁴¹⁵.

Nos versículos 10 e 11 do mesmo salmo, lemos: “desde a minha concepção me conduzistes, e no seio maternal me agasalhastes. Desde quando vim à luz vos fui entregue; desde o ventre de minha mãe sois o meu Deus”. Mateus, no capítulo 27, versículos 35 e 46, identifica a “queixa do inocente perseguido a de Cristo crucificado”, sendo Maria personificada na “mãe do justo”. Vale informar aqui que, no Saltério do Ofício Divino das Comunidades, a primeira parte do salmo citado não aparece⁴¹⁶.

Tertuliano, ao interpretar o Salmo 66(67), viu no versículo 7 uma possível referência a Maria: “a terra produziu sua colheita: o Senhor e nosso Deus nos abençoa”. Aqui, “a figura gestante de Maria é associada à terra na qual Deus plasma o homem novo”⁴¹⁷.

O referido salmo é uma opção para o invitatório, mas também é encontrado nas Vésperas da quarta-feira da II semana do Saltério, e nas Laudes da terça-feira da III semana. No Ofício Divino das Comunidades, ele aparece também no Ofício da Tarde da quarta-feira da II semana e, posteriormente, no Ofício da Manhã da terça-feira da III semana⁴¹⁸.

Já o Salmo 71(72), no versículo 6, traz: “virá do alto, como orvalho sobre a relva; como a chuva que irriga toda a terra”. Tertuliano viu nesse trecho uma “profecia simbólica” do mistério da encarnação, sendo o Verbo a água do céu, e a terra o seio virginal de Maria. O Salmo 71(72) está no Ofício das Leituras do dia 29 de dezembro (dentro da oitava de Natal) e no Ofício das Leituras da Solenidade da Epifania do Senhor, assim como nas Vésperas da quinta-feira da II semana do Saltério⁴¹⁹.

O Salmo 84(85), que é utilizado no Ofício das Leituras do dia 30 de dezembro, também presente nas “Laudes” da terça-feira da III Semana do Saltério e “Hora Média” do Ofício dos fiéis defuntos, traz no versículo 12: “... da terra brotará a fidelidade, e a justiça olhará dos altos céus”⁴²⁰. De acordo com a visão de

⁴¹⁵ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.158;

⁴¹⁶ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.158;

⁴¹⁷ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.158;

⁴¹⁸ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.158;

⁴¹⁹ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.158;

⁴²⁰ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p. 159;

um gnóstico do século III, o versículo 12 do Salmo 84(85) faz referência ao mistério da encarnação, em que Jesus é a verdade germinada da terra, Maria⁴²¹.

Os Padres da Igreja aproveitaram essa leitura, retirando tudo o que fazia parte da doutrina gnóstica. Ela está presente, sobretudo, nos tempos do Advento e Natal. No Ofício Divino das Comunidades, encontra-se esse salmo no Ofício da Manhã da terça-feira da III Semana da Tabela. O Salmo 86(87), no versículo 5, diz: “de Sião, porém, se diz: ‘nasceu nela todo homem; Deus é sua segurança’”. Nesse “nela”, Tertuliano, fazendo uma leitura cristológica-mariana, vê a carne da natureza humana em que Deus se encarnou. Este Salmo está presente no Ofício das Leituras da Solenidade de “Santa Mãe de Deus, Maria”, em 1º de janeiro, nas Laudes da quinta-feira da III Semana do Saltério, no Ofício das Leituras do Comum da dedicação de uma Igreja e também do Comum de Nossa Senhora. No Ofício Divino das Comunidades, ele vem no Ofício da Manhã da quinta-feira da III Semana da Tabela⁴²².

O Salmo 109(110), versículo 3: “tu és o príncipe desde o dia em que nasceste; na glória e esplendor da santidade, segundo a ordem de Melquisedec”. Justino, no “Diálogo com Trifão”, faz uma interpretação desse salmo atribuindo a Deus Pai as duas formas de geração do Verbo: uma eterna, no seio da Santíssima Trindade, e outra temporal, como ser humano (no seio da Virgem). O salmo em questão está presente nas II Vésperas da Solenidade do Natal do Senhor, nas II Vésperas da Solenidade da Epifania, nas II Vésperas de todos os domingos do Saltério. No Ofício Divino das Comunidades, ele está no Ofício da Tarde de todos os domingos da tabela⁴²³.

Já o Salmo 131(132), versículo 11, diz: “o Senhor fez a Davi um juramento, uma promessa que jamais renegará: ‘um herdeiro que é fruto do teu ventre colocarei sobre o trono em teu lugar!’”⁴²⁴. Irineu de Lyon faz uma interpretação enxergando uma profecia relacionada ao parto virginal de Maria. Já Tertuliano percebe uma referência à linhagem de Davi, a qual daria carne ao Messias, que nasceria de Maria. Encontramos o Salmo 131(132) nas Vésperas da quinta-feira da III Semana do

⁴²¹ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.159;

⁴²² MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.159;

⁴²³ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p. 159;

⁴²⁴ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p. 159;

Saltério. No Ofício Divino das Comunidades, ele está presente no Ofício da Tarde da quinta-feira da III Semana da tabela⁴²⁵.

Também no Ofício Divino das Comunidades, encontramos hinos que falam de Maria, uns sem especificações, outros mais específicos. No Tempo do Natal, vemos os hinos que estão relacionados com o mistério da encarnação do Verbo, e, assim, também relacionados a Maria (ex.: “bendito e louvado seja” – música de folia de Reis⁴²⁶); “Nasceu a flor formosa” (do século XV)⁴²⁷; “Ó Redentor”⁴²⁸; “Desde o raiar” – hino das Laudes da LH, adaptado⁴²⁹; “Vimos sua estrela”, de Geraldo Leite⁴³⁰; “O que era noite”, de Zé Vicente⁴³¹; “Já raiou”, também de Zé Vicente, com uma estrofe dirigida a Maria⁴³²; “Cálix Bento”, de Milton Nascimento⁴³³.

Para o tempo Pascal, temos, à página 320, n. 145, “Pecador agora é tempo”; diretamente relacionada à Paixão, ela aparece como intercessora nas dores, como se vê na p. 327, n. 155, “Mãe de Jesus transpassado”, na p. 336 e na p. 337, nas duas versões da sequência pascal, Maria aparece como Mulher-Mãe que olha pressurosa à procura do Filho Ressuscitado; no mesmo espírito da sequência pascal, Maria aparece no hino de Zé Vicente, p. 343, n. 181, “Madrugada da Ressurreição”⁴³⁴.

Da p. 352 até a p. 367, estão os hinos à Virgem Maria, todos especificamente dirigidos a Maria com abundância de poesia e composições contemporâneas. Também são encontradas, nos hinos para os Ofícios dos Santos e Santas, referências indiretas a Maria, sempre relacionada ao que se celebra, por exemplo: no hino “Meu bom José”, de Zé Vicente, p. 369, n. 227, terceira e última estrofes⁴³⁵.

Mais adiante, nos hinos para os Ofícios em circunstâncias especiais, Zé Vicente traz Maria em uma das estrofes do hino “Louvemos todos juntos”, p. 380, n. 240; p. 394, n. 258, “Oh, que coisa bonita”, uma referência direta a Nossa

⁴²⁵ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.159;

⁴²⁶ VV.AA., Ofício Divino das Comunidades, p. 302 (n. 116);

⁴²⁷ VV.AA., Ofício Divino das Comunidades, p. 306 (n. 122);

⁴²⁸ VV.AA., Ofício Divino das Comunidades, p. 307-308 (n. 126);

⁴²⁹ VV.AA., Ofício Divino das Comunidades, p. 308 (n. 127);

⁴³⁰ VV.AA., Ofício Divino das Comunidades, p. 309 (n. 129);

⁴³¹ VV.AA., Ofício Divino das Comunidades, p. 310 (n. 131);

⁴³² VV.AA., Ofício Divino das Comunidades, p. 311 (n. 132);

⁴³³ VV.AA., Ofício Divino das Comunidades, p. 313 (n. 135). MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.156-157;

⁴³⁴ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.156-157;

⁴³⁵ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.157;

Senhora Aparecida; mais uma referência direta a Nossa Senhora Aparecida é o refrão do hino “Romaria”, de Renato Teixeira, p. 407, n. 279; e, embora não se dirija diretamente a Maria, o hino “Maria, Maria”, de Milton Nascimento, foi encaixado na p. 413, n. 287, enaltecendo as virtudes e a força de Maria, como modelo de mulher⁴³⁶.

No Ofício Divino das Comunidades, não encontramos o *Magnificat*, como na Liturgia das Horas. Contudo, encontramos a figura da Virgem nas antífonas das festas e solenidades mariais, assim como no Comum de Nossa Senhora e nas celebrações devocionais⁴³⁷.

Como podemos perceber, a figura de Maria está inserida no culto da Igreja, seja nas celebrações eucarísticas, seja na Liturgia das Horas e no Ofício Divino das Comunidades. “Sua presença no culto da Igreja está sempre em relação ao Mistério Pascal de Jesus Cristo, não obstante alguns desvios do decurso da história”⁴³⁸.

Falaremos agora sobre o ofício mariano, chamado de “Pequeno Ofício da Bem-aventurada Virgem Maria”. Seu nascimento se deu em ambiente monástico, difundindo-se rapidamente entre todo o clero e leigos. “O ‘*Officium Parvum*’ na Idade Média foi uma das formas mais populares da veneração mariana”⁴³⁹. O ofício mariano já era rezado no tempo de Berengário de Verdun (940-962). O monge beneditino Hugo de Flavigny, ao escrever sua obra *Chronicon*, comenta sobre um “curso matutino da Bem-aventurada Virgem Maria”. Pode-se dizer que é um dos mais antigos testemunhos da recitação do ofício de Nossa Senhora⁴⁴⁰.

No século XI, o ofício foi se transformando em patrimônio de diversos mosteiros e ordens religiosas. O abade Odão (927-942) introduziu o ofício em Cluny. Foi usado no tempo de Odão de Toul (1052-1059), de S. Geraldo de Csanad (+ 1047), de S. Pedro Damião (1007-1072), de S. Gregório VII (+ 1085), de S. Guilherme de Hirsan (+ 1089)⁴⁴¹.

S. Pedro Damião foi grande propagador do sábado em honra da Virgem, nos mosteiros da Itália. Ele diz que “em algumas igrejas se introduziu o belo costume

⁴³⁶ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.157;

⁴³⁷ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.162;

⁴³⁸ MOTTA, J. H., Liturgia das Horas e Ofício Divino, p.163;

⁴³⁹ ROSSO, S., Sábado, p. 1147;

⁴⁴⁰ ROSSO, S., Sábado, p. 1147-1148;

⁴⁴¹ ROSSO, S., Sábado, p. 1148;

de celebrar os ofícios do sábado em honra de Maria, a não ser que ocorra alguma festa e na quaresma”⁴⁴².

A devoção da recitação do ofício se multiplicou com as cruzadas. Ordens como os camaldulenses, que aparecem em 1012, e os cistercienses, que apareceram em 1098, introduziram o ofício desde suas fundações⁴⁴³.

Originalmente, a “parte significativa” da recitação do ofício era composta de três leituras breves. Posteriormente, o ofício assumiu uma estrutura à imitação do ofício principal. Foi-se criando o costume de, depois da celebração da missa e da recitação do ofício cotidiano, recitar também o ofício mariano⁴⁴⁴.

Pio V (1566-1572) aprovou, depois da reforma tridentina, o “Pequeno ofício”, tornando-o, porém, facultativo. Ele foi adotado por várias famílias religiosas femininas que apareceram entre os séculos XVI-XVII, tornando-se também comum entre congregações religiosas surgidas no século XIX. O “Ofício de Santa Maria ao sábado” não substitui o “Ofício Divino” (Liturgia das Horas), mas poderá ser rezado juntamente com este⁴⁴⁵.

De acordo com o Pe. Valdiran, são poucas as informações sobre a origem do “Ofício da Imaculada Conceição”⁴⁴⁶. Sua composição se deve a uma acalorada discussão, que teria deixado franciscanos e dominicanos divididos. Os franciscanos se demonstraram a favor do dogma da Imaculada Conceição. Já os dominicanos, não. A partir disso, um franciscano teria composto o ofício, com a finalidade de defender o dogma da Imaculada. O Papa Pio IX apoiou os franciscanos e outras autoridades que se demonstraram favoráveis à Imaculada Conceição⁴⁴⁷.

Fundamentado em passagens bíblicas, sobretudo do Antigo Testamento, o Ofício tem por finalidade exaltar as virtudes de Maria. Por causa da falta de material teórico sobre o Ofício da Imaculada Conceição, as informações são limitadas. Contudo, as informações que o Pe. Valdiran traz são muito úteis para nossa compreensão de como o Ofício chegou a nós e se popularizou⁴⁴⁸.

A respeito da propagação do Ofício, os maiores difusores do mesmo foram Santo Afonso Rodríguez, SJ (1532-1617) e Santo Afonso Maria de Ligório (1696-

⁴⁴² ROSSO, S., Sábado, p. 1148;

⁴⁴³ ROSSO, S., Sábado, p. 1148;

⁴⁴⁴ ROSSO, S., Sábado, p. 1148;

⁴⁴⁵ ROSSO, S., Sábado, p. 1148;

⁴⁴⁶ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 21;

⁴⁴⁷ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 21;

⁴⁴⁸ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 22;

1787). Eles divulgavam inúmeras cópias do Ofício, e também recitavam o mesmo todos os dias⁴⁴⁹.

Contudo, em território brasileiro, devemos aos missionários portugueses e italianos a difusão do Ofício. Em todo o Brasil, as pessoas rezam o Ofício da Imaculada Conceição, sobretudo no Nordeste⁴⁵⁰. No Nordeste, missionários capuchinhos italianos propagaram o Ofício sobremaneira. Destacou-se o Frei Caetano de Messina (1807-1878). Ele era muito devoto de Nossa Senhora. No dia 24 de abril de 1853, fundou na cidade de Bom Conselho (PE), a Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho⁴⁵¹.

O Ofício da Imaculada é uma oração oficial da Igreja, composta por Bernardino de Busti, e aprovado pelo Papa Inocêncio XI (1611-1689), no ano de 1678. Posteriormente, foi enriquecido pelo Papa Pio IX (1792-1878), no dia 31 de março de 1876, com 300 dias de indulgência. “O Papa Paulo VI (1897-1978) concedeu indulgência plenária aos que rezarem com fé o Ofício de Nossa Senhora”⁴⁵².

O Ofício foi assumindo, aos poucos, oração em forma de Liturgia das Horas, sobretudo para o povo. Apesar de ser uma oração da Igreja, outras crenças religiosas não hesitam em rezá-lo, como os umbandistas e esotéricos. Trata-se de um dos aspectos da religiosidade popular. Mesmo sem tomar conhecimento do significado das passagens bíblicas do Ofício, o povo gosta das exaltações às virtudes da Virgem, uma vez que ela é uma mãe que está sempre com os seus filhos⁴⁵³.

Melodias e gestos vão moldando a forma com que o povo reza o Ofício. O Ofício reúne as famílias, faz o povo perseverar na fé, e a não ceder às dificuldades que aparecem no dia-a-dia. Vamos analisar agora como se deu o surgimento do Ofício da Imaculada Conceição. O contexto em que aparece é o de disputas

⁴⁴⁹ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 23;

⁴⁵⁰ De acordo com o pesquisador autônomo Frei Jonas Nogueira da Costa, autor de “À sombra do Altíssimo. A relação singular entre o Espírito Santo e Maria” (Paulus, 2024), a prática da recitação do Ofício da Imaculada Conceição também é muito comum no sudeste do Brasil. Pode-se constatar isso através da Congregação Mariana, um dentre tantos movimentos marianos, que, nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, reza o Ofício da Imaculada. A Congregação Mariana realiza, uma vez por ano, um Encontro Nacional de Juventude Mariana. Jovens marianos de todos os estados participam, em uma determinada localidade, de um encontro voltado para estudo mariano e orações à Virgem. Dentre as orações, temos o Ofício da Imaculada. Isso confirma a difusão e a recitação do Ofício pelo sudeste do país.

⁴⁵¹ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 23;

⁴⁵² SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 23-24;

⁴⁵³ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 24-25;

teológicas e também políticas em torno do dogma da Imaculada Conceição. Os franciscanos e o povo simples se posicionam a favor do dogma. Algumas pessoas até intercederam aos papas para que o dogma fosse decretado, acabando com brigas antigas que existiam entre o povo, governos e os teólogos⁴⁵⁴.

Há também que se considerar o peso da Inquisição, “que se colocava contra os defensores do dogma, proferindo excomunhões e condenações”⁴⁵⁵. Podemos, através de Santos, ler o que Boff escreve a respeito⁴⁵⁶:

um espesso tecido político envolveu o debate teológico prévio à definição do dogma da Imaculada. Fica a pergunta: quais eram os interesses políticos que moviam os estados a propugnarem com tanto empenho o dogma da Imaculada? As hipóteses de respostas são muitas. Seria a piedade e a convicção pessoal dos governantes? Seria para manter a paz social e a ordem civil numa sociedade onde a religião tinha um peso considerável? Seria para marcar a identidade católica do estado e assim legitimar seu poder, em face de outros estados de corte protestante, como a Inglaterra e a Prússia? Seria para obter um suplemento de legitimação a um poder largamente absolutista? É provável que haja uma parte de verdade em cada uma destas hipóteses.

Pio IX é quem, com a Constituição Apostólica *Ineffabilis Deus*, proclamou o dogma da Imaculada Conceição. O dogma foi proclamado no dia 8 de dezembro de 1854, ou seja, quatro séculos depois do aparecimento do Ofício da Imaculada. Isso nos mostra como levou tempo para se chegar à aceitação da doutrina referente à Imaculada Conceição da Virgem Maria. O Ofício da Imaculada passou a ser uma forma de corroborar e defender o dogma da Imaculada. No dia 28 de fevereiro de 1476, o Papa Sisto IV (1414-1484) estendeu a Festa da Imaculada para toda a Igreja, com a Constituição *Cum Praeexcelsa*⁴⁵⁷.

Há duas versões do Ofício da Imaculada. Uma é a do “Pequeno Ofício da Virgem Maria”, ou “Ofício Parvo de Nossa Senhora”, de 752. Apesar de haver semelhanças com o de Busti, tal versão é diferente e desconhecida do povo. Há alguns movimentos da Igreja que rezam. A segunda versão, mais conhecida - sobretudo no Brasil - é a de Busti, do século XV⁴⁵⁸.

⁴⁵⁴ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 24-26;

⁴⁵⁵ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 27;

⁴⁵⁶ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 27. O autor faz referência a “BOFF, C. Mariologia Social, p. 498”;

⁴⁵⁷ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 27-28;

⁴⁵⁸ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 30;

O Ofício da Imaculada é mais longo e mais sistematizado. A versão do “Pequeno Ofício de Nossa Senhora” é mais resumida, mas contém praticamente as mesmas estrofes à semelhança do de Busti. “A matriz do Ofício é a Liturgia das Horas, o antigo Ofício Divino”⁴⁵⁹.

A divisão do Ofício segue a divisão do breviário do antigo Ofício Divino, a saber: “matinas - antes da aurora”; “Prima - às 6 horas”; “Tércia - às 9 horas”; “Sexta - às 12 horas”; “Noa - às 15 horas”; “Vésperas - ao entardecer”; e “Completas - à noite”. O Ofício da Imaculada teve aprovação do Papa Inocêncio XI, no ano de 1678, e foi enriquecido pelo Papa Pio IX, no dia 31 de março de 1876, após a proclamação do dogma, com 300 dias de indulgência toda vez que o mesmo fosse recitado⁴⁶⁰.

Há uma estrutura própria no Ofício da Imaculada. É distribuído de forma que auxilia o fiel na recitação e a sempre praticar a devoção. É teológico, mas também é um texto simples, de forma que todos podem compreender. É um texto poético, dividido em quarenta e seis estrofes. Entre elas, duas se repetem durante o texto: “sede em meu favor, Virgem soberana, livrai-me do inimigo com vosso valor”; e também “Ouvi, Mãe de Deus, minha oração, toquem vosso peito os clamores meus”. “Já a oração: ‘santa Maria, Rainha dos Céus...’ junto a essas estrofes e o ‘Glória ao Pai’, repetem-se sete vezes”⁴⁶¹.

A primeira parte é a introdução⁴⁶²:

agora, lábios meus, dizei e anunciai

Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus.

Sede em meu favor, Virgem Soberana.

Livrai-me do inimigo, com o vosso valor.

Glória seja ao Pai, ao Filho e ao Amor também,

que é um só Deus em pessoas três,

⁴⁵⁹ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p.31;

⁴⁶⁰ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 31;

⁴⁶¹ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 31-32. No “Manual Devocionário da Congregação Mariana”, livrinho de orações do congregado mariano, há variações na forma como está descrita aqui, citada pelo Pe. Valdiran Ferreira dos Santos. No geral, a estrutura do Ofício permanece sempre a mesma, mas as invocações podem ter pequenas modificações;

⁴⁶² SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 32;

agora e sempre e sem fim. Amém.

A segunda é o “septenário”, ou seja, os sete hinos, sendo cada hino composto por sete estrofes, como se pode ver⁴⁶³:

1. Deus vos salve, Virgem Senhora do mundo...
2. Deus vos salve, mesa para Deus ornada...
3. Deus vos salve, trono do grão Salomão...
4. Deus vos salve, Virgem da Trindade Templo...
5. Deus vos salve, Cidade de torres guarnecida...
6. Deus vos salve, relógio que, andando atrasado...
7. Deus vos salve, Virgem, Mãe Imaculada...

A terceira, as completas: “rogai a Deus, vós, Virgem, nos converta, que a sua ira aparte de nós...”. E a quarta parte, a conclusão⁴⁶⁴:

humildes oferecemos,

a vós, Virgem pia,

Estas orações,

Para que em nossa guia

Vades vós adiante,

E na agonia

Vós nos animeis,

Ó doce Maria! Amém.

A preocupação do autor era de evidenciar o número sete, principalmente na segunda parte, com sete hinos, todos eles compostos de sete estrofes. Faz-se um paralelo com o sétimo dia da criação. O Ofício Divino e o Ofício da Imaculada dividem o dia em sete horas de louvor a Deus. A intenção é de santificar o tempo, tendo como base o Salmo 119(118),164⁴⁶⁵.

⁴⁶³ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 32;

⁴⁶⁴ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 33;

⁴⁶⁵ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 33;

A seguir, queremos deixar evidenciado as passagens bíblicas referentes às invocações que vão aparecendo no Ofício da Imaculada: “matinas”: estrela da manhã: Ecl 50,6; Ap 2,28; 22,16; Cheia de graça divina: Lc 1,26-30; Ef 1,6-8; Dai pressa, Senhora: Lc 1,39; Jo 2,5; Desde toda a eternidade: Ef 1,4; Mãe do Verbo: Is 7,14; Mq 5,2-3; Lc 1,43; Gl 4,4; Quando Adão pecou, por Esposa de Deus: Gn 3,15; Lc 1,35; Em seu tabernáculo morada lhe deu: Sl 78,55. “Prima”: mesa para Deus ornada, coluna sagrada: Pr 9,1-2; Sois mãe criadora, dos mortais viventes: Gn 3,20; 1Cor 15,45; Sois dos santos porta: Sl 117,20; Is 26,2; Estrela de Jacó: Nm 24,17; Sois forte esquadrão contra o inimigo: Ct 6,4.10; Refúgio do cristão: Is 20,7 (referência às cidades-refúgio, nas quais ninguém que lá estivesse poderia sofrer mal algum); Nm 34,14-15⁴⁶⁶.

“Tércia”: trono do grão Salomão: 1Rs 10,18-20; Arca do concerto: Ex 25,10-16; 1Rs 8,1-9; Velo (pele de carneiro com lã) de Gedeão: Jz 6,36-40; Íris do céu clara: Gn 9,12-17; Sarça da visão: Ex 3,1-6; Favo de Sansão (mel da boca de um leão morto): Jz 14,8-9; Florescente vara (alusão à vara de Aarão): Nm 17,16-28; Tendes vosso trono sobre as nuvens puras: Ecl 24,4. “Sexta”: da Trindade templo: 1Rs 6,7-8; Is 6,1-3; Alegria dos anjos: Lc 2,13-14; 15,10; Da pureza exemplo: Ct 2,1; Horto de deleites: Gn 2,8-15; Sois terra bendita e sacerdotal: Ex 3,17; Nm 35,1-8; Cidade do Altíssimo: Sl 48,9; Ap 21,2-10; Porta oriental (pórtico onde ficará o Príncipe): Ez 43,1-3; Sois a mesma graça: Lc 1,28; Sois lírio cheiroso entre espinhas duras: Ct 2,2⁴⁶⁷.

“Noa”: cidade de torres guarnecida (cidade de Davi): 2Sm 5,7-8; Do dragão a força foi por vós prostrada: Gn 3,15; Ap 20,2-3; Ó mulher tão forte: Pr 31,10-31; Ap 12,3-5; Ó invicta Judite: Jt 15,9-10; Vós que alentaste o sumo Davi: 1Sm 25,40-42; 1Rs 1,4; Do Egito o curador (José, o salvador do Egito) de Raquel nasceu: Gn 29,22-24 (paralelo com Jesus, Salvador, nascido de Maria); Toda é formosa minha companheira: Ct 4,7. “Vésperas”: Deus vos salve relógio que andando atrasado: 2Rs 20,1-12; Is 38,7-8 (alusão ao relógio de Acaz); Para que o homem suba... desce Deus do céu, Sl 8,5; Fl 2,7-8; Dando ao sol cobiça: Gn 37,9; Ap 12,1; Sois lírio cheiroso: Ct 2,2.13; Da serpente a ira: Gn 3,15; Ap 12,17; Os cegos errados vós

⁴⁶⁶ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 34-35;

⁴⁶⁷ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 35;

alumiais: Is 9,1; Is 42,7; Jo 8,12; Hb 10,32; Fizeste nascer sol tão fecundo: Mt 3,20; Lc 1,78-79; Cobriste o mundo com nuvens: Gn 1,2; Ecl 24,3⁴⁶⁸.

“Completas”: de estrelas coroada: Ap 12,1; De Deus à mão direita estais de ouro ornada: Sl 45,10-14; Is 61,10; Esperança dos pobres errantes: Lc 1,46-55; 2,8-16; Porta que estais para os céus aberta: Sl 78,23; Ap 4,1; É óleo derramado, Virgem, vosso nome: Ct 1,3; Sl 133,2. “O final do Ofício é a glorificação de Maria como Rainha do céu e da terra”⁴⁶⁹.

Com tudo isso, vemos como o Ofício da Imaculada é um culto com embasamento bíblico, repleto de citações da Sagrada Escritura, que os Padres da Igreja viram como prefiguração da Virgem Maria e do mistério da encarnação. É antigo e bastante enraizado no Brasil, especialmente no Nordeste e através da Congregação Mariana. Ele pode servir como base para uma evangelização mariana e uma atualização quanto ao significado do dogma da Imaculada. É pouco estudado ainda, enquanto texto devocional.

4.4.

A Coroação de Nossa Senhora

Falemos agora sobre a coroação de Nossa Senhora, também uma manifestação da devoção para com a Mãe do Senhor. Tradicionalmente, o mês de maio é dedicado a Maria, por isso é chamado “mês mariano”. Costuma-se, portanto, coroar Nossa Senhora no final do mês, no dia 31, quando celebramos liturgicamente a visitação de Maria a Isabel. De acordo com a cultura e identidade de cada povo, coloca-se a criatividade em prática, realizando a coroação de uma imagem de Nossa Senhora. A imagem escolhida pode variar de comunidade para comunidade⁴⁷⁰.

Na coroação, podemos observar alguns aspectos: a manifestação de carinho para com Maria através de flores, que ornem os nichos de Nossa Senhora, rosas que podem cair do céu, como uma chuva, e muitas outras formas. As rosas querem

⁴⁶⁸ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 36;

⁴⁶⁹ SANTOS, V. F. d., Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus, p. 36-37;

⁴⁷⁰ ALMEIDA, L. D. d., Por que coroamos Nossa Senhora?, online; as imagens podem ser a da Virgem que é padroeira da paróquia, ou da igreja em que acontece a celebração. Na época em que frequentava a Paróquia Nossa Senhora do Rosário, coroava-se a imagem de Nossa Senhora de Fátima, por ocasião do dia 13 de maio, dia de Nossa Senhora de Fátima. Contudo, há comunidades que fazem a coroação de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Carmo etc.;

expressar a pureza de Maria, isenta da culpa original, “a flor mais bela do jardim do Senhor”⁴⁷¹.

Antigamente, o mês de maio tinha ligação com comemorações pagãs relacionadas à primavera. Com a Idade Média, tais comemorações cedem lugar a homenagens marianas. A coroação de Nossa Senhora possui ritos oficiais nos livros litúrgicos. Com a Assunção de Nossa Senhora aos Céus, ela é coroada como “Rainha do Céu e da Terra”. Por isso, sempre que acontece a coroação de Nossa Senhora, temos o momento de ratificar os atributos que ela recebeu, recordar os dons que Deus a concedeu⁴⁷².

A respeito da prática da coroação de Nossa Senhora, sua difusão muito se deve aos portugueses. Graças à influência da Ordem de Cristo, uma ordem militar portuguesa do século XIV, a devoção mariana foi amplamente propagada e, com ela, a prática da coroação da imagem de Nossa Senhora. No dia 13 de maio de 1946, a imagem de Nossa Senhora de Fátima foi coroada em Fátima, pela primeira vez, pelo Cardeal Bento Aloisi Masella. A coroação atraiu devotos do mundo todo⁴⁷³. A devoção mariana portuguesa é muito forte, o que fez com que a prática da coroação fosse muito difundida. Não só no que diz respeito à coroação, mas a arte portuguesa, no que diz respeito à Virgem e à fé católica, é riquíssima.

Conclusão

Podemos ver, de acordo com o que foi apresentado, que o Rosário, assim como o Ofício da Imaculada Conceição e a Coroação, são manifestações de amor para com a mãe do Senhor. Manifestações que, de acordo com o Magistério e Tradição da Igreja, reconhecem Maria como “Rainha do Céu e da Terra”⁴⁷⁴.

Nas orações a Maria, podemos ver e contemplar o mistério da encarnação, que nos aponta para a centralidade em Cristo. As invocações no Ofício da Imaculada nos remetem às figuras bíblicas do Antigo Testamento. Estes textos

⁴⁷¹ ALMEIDA, L. D. d., Por que coroamos Nossa Senhora?, online;

⁴⁷² ALMEIDA, L. D. d., Por que coroamos Nossa Senhora?, online;

⁴⁷³ ALTERNATIVA PORTUGAL, Coroação Solene de Nossa Senhora de Fátima, online.

⁴⁷⁴ Citamos, por exemplo, a encíclica *Ad Caeli Reginam*, do Papa Pio XII. No referido documento, número 23, Pio XII recorda as palavras de Sixto IV, que inicia a carta apostólica *Cum praeexcelsa* chamando Maria de “rainha sempre vigilante...”. Bento XIV, na carta apostólica *Gloriosae Dominae*, chama Maria de “rainha do céu e da terra”. A referência à encíclica citada encontra-se em: VATICAN, *Ad Caeli Reginam*, online;

foram vistos pelos Padres da Igreja como “prefigurações” de Maria, que seria a verdadeira Arca da Aliança, em que o Salvador faria sua morada.

Com o Rosário, toda a vida de Cristo é contemplada: desde o anúncio do Anjo a Maria, até a gloriosa ascensão e a vinda do Espírito Santo, em Pentecostes. A assunção da Virgem e sua coroação como “rainha do céu e da terra”, fecha a meditação dos mistérios gloriosos, entendendo que Maria esteve – e está – unida ao mistério da encarnação de seu Filho. Com os mistérios luminosos, inseridos no Rosário por João Paulo II, meditamos sobre a vida pública de Jesus e a inserção de Maria em tais mistérios.

A ida aos santuários marianos, e as mais diversas peregrinações, são também manifestações da fé e do amor que o povo tem para com Nossa Senhora. A edificação e dedicação de diversos santuários a Maria, pelo mundo todo, são uma demonstração de carinho que a Igreja tem para com a “Mãezinha do Céu”. Com o que foi exposto, sobretudo com a “Sala dos Milagres”, em Aparecida, bem como os “miracula”, fica evidenciado que eles são demonstrações de que o povo reconhece a intercessão de Maria e, também, de que sabe agradecer o carinho e a intercessão da Virgem.

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar que a coroação, que ocorre sempre no final do mês de maio, é o reconhecimento de que o povo dá a Maria, como “Rainha do Céu e da Terra”. O povo simples que, através de cantos e danças, sempre prepara uma bela homenagem para Maria, fazendo com que o momento da coroação seja um momento de carinho, de gratidão e de louvor.

A seguir, apresentaremos uma conclusão geral de nossa obra.

5 Conclusão

Vimos, no segundo capítulo, cujo objetivo foi de demonstrar como a devoção mariana tem raízes bíblicas, assim como tem sentido e orientações cristológicas e eclesiológicas, que ela é reverenciada desde os primórdios da Igreja. A chave de leitura para entender a devoção mariana é olhar, antes de tudo, para a Igreja primitiva e observar como Maria estava relacionada com ela. As figuras das justas mulheres, tementes a Deus no Antigo Testamento, são como prefigurações de Maria. Os relatos evangélicos em que Maria aparece, que não são muitos, estão sempre orientados para Cristo: as passagens estão sempre relacionadas com ele e com o mistério da salvação, do qual Maria toma parte.

As passagens lucanas evocam a presença da Virgem na infância de Jesus e também no início da missão evangelizadora da Igreja, com Pentecostes (At 1,14; At 2). Maria é representante do Antigo Testamento, mas está no Novo como mulher ativa, com voz, aberta para o *fiat* de Deus. Nela, a encarnação acontece, por obra do Espírito Santo, e a salvação se faz presente entre nós.

Não poderíamos deixar de sublinhar que, no evangelho joanino, Maria aparece – sobretudo – em dois momentos importantíssimos: nas bodas de Caná (Jo 2) e junto à cruz do Senhor (Jo 19). Os dois momentos evocam significados importantes para a Igreja, da qual Maria é figura: no primeiro, Jesus aparece como o verdadeiro noivo, aquele que dá o “vinho novo”, com verdadeiro sabor, o de vida eterna (que os Padres da Igreja viram como alusão à Eucaristia, ao sangue de Cristo). A Igreja é apresentada, na figura de Maria e dos Apóstolos, como a verdadeira noiva. No capítulo 19, João nos relata que, do lado aberto de Cristo, jorraram sangue e água. Os Padres da Igreja viram em tal episódio uma referência aos dois sacramentos primordiais da Igreja, a saber: batismo e Eucaristia. Maria é aquela que está junto à Igreja desde o seu início, ou seja, desde o seu nascimento, pois, segundo o pensamento patrístico, “o último suspiro de Cristo foi o primeiro da Igreja”⁴⁷⁵. E a Virgem estava lá.

⁴⁷⁵ Este pensamento desenvolveu-se a partir da concepção da Igreja que nasce do lado traspassado de Cristo na cruz. Um dos pensadores que defendem essa ideia é Santo Ambrósio, ao comentar a passagem de Lc 2,85-89. As informações encontram-se em CEC 766;

Também os Padres da Igreja, sobretudo os dos cinco primeiros séculos, escreveram e falaram da Virgem, com o que ouviram dos Apóstolos e de seus discípulos. Epifânio, por exemplo, nos fala do paralelismo entre Eva e Maria. Eva foi motivo de queda para toda a humanidade; já Maria foi para nós fonte de vida, uma vez que, por ela, o Verbo de Deus veio ao mundo. Cromácio de Aquilêia apresentou um paralelo entre Maria e a Igreja. O que Epifânio apresenta é um paralelismo de oposição (Maria e Eva têm comportamentos opostos, reações opostas diante do chamado de colaboração com a criação divina). Já Cromácio apresenta um paralelismo de identificação: Igreja e Maria se identificam, de modo que, o que atribuímos à Virgem, podemos atribuir também à Igreja (ela é santa, chamada a servir, a ser obediente ao chamado do Senhor etc.).

O Credo Apostólico e o Credo Niceno-Constantinopolitano já traziam menção à Virgem, fazendo referência à encarnação operada por obra do Espírito Santo. A referência feita a Pilatos é diferente da referência a Maria: ela está relacionada com o nascimento, já Pilatos está relacionado com a morte. Os dois estão ligados à vida de Jesus, porém somente ela está ligada de forma íntima ao mistério.

Uma das mais antigas orações marianas é a *Sub tuum praesidium*, remontando ao século III d.C. Isso nos mostra como as primeiras gerações dos cristãos já demonstravam confiança e acreditavam na intercessão de Maria junto ao seu Filho. Também no paganismo encontra-se registro do culto a Maria: os pagãos helenistas, tendo se convertido ao Cristianismo, renomeavam as estátuas de deusas da mitologia grega com o nome de Maria; também a Catedral de Chartres, dedicada à Virgem, foi construída sobre o templo dos celtas, em que eles cultuavam a *Virgo partitura*.

Santo Agostinho também soube falar muito bem da Virgem Maria. Chamando-a de “espelho das virgens”, ele frisava, sobretudo no tempo litúrgico do Natal, a questão da encarnação do Verbo: Jesus recebeu sua humanidade de Maria, sem que, com isso, deixasse de ser Deus.

É importante entendermos que o culto prestado a Deus difere-se do culto prestado a Maria: o culto prestado a Deus é o culto de *latreia*, ou seja, de adoração, reconhecimento de Ele é o Absoluto, o Todo-Poderoso. Já o culto prestado à Virgem chama-se *hyperdouleia*, que é uma veneração, veneração esta que está acima da veneração aos santos (*douleia*). Venerar Maria é tributar respeito, reconhecimento

de que ela soube fazer a vontade de Deus, de que confiou plenamente em seus desígnios e entender o lugar dela na história da salvação, contando com a sua intercessão.

No tocante às aparições marianas, que acabam gerando, muitas vezes, dúvidas na cabeça dos fiéis, pois muitos interpretam como se existissem “várias Nossas Senhoras”, dizemos que pertencem ao campo da “revelação particular”, que não vêm acrescentar nada à Revelação pública, encerrada com o último Apóstolo (a saber, João). Sendo assim, não se torna necessário que toda a Igreja acredite, uma vez que não pertence à Revelação pública.

O culto mariano é – ao mesmo tempo – cristológico e eclesiológico. Cristológico, pois Cristo é o centro e o fim do culto prestado a Maria. Eclesiológico, pois Maria é imagem da Igreja que, por sua vez, deve saber servir, imitar as virtudes da Virgem e obedecer à vontade do Senhor. A devoção mariana autêntica é aquela que está de acordo com a Tradição e o Magistério eclesiástico, que não contraria, em nada, a Revelação pública. A partir da devoção, temos as devoções, que são “expressões do coração”. São meios que os fiéis encontraram para, cada vez mais, se conectarem com a Virgem Maria.

Em seguida, no terceiro capítulo, que objetivava analisar o que o Magistério falou sobre a devoção mariana, especificamente no capítulo VIII da *Lumen Gentium* e na *Marialis Cultus*, vimos como a Igreja tem ciência do sentido do culto à Virgem, e procura orientar os fiéis quanto a isso. Também as Conferências Episcopais Latino-Americanas mencionaram a Virgem Maria e falaram sobre sua participação e importância na vida da Igreja. No capítulo, objetivamos também analisar as festas e solenidades marianas presentes nos anos A, B e C da liturgia.

A visão “Maria-Igreja” é aceita pelo Magistério da Igreja e, não sem motivo, o que o Concílio Vaticano II quis expressar sobre Maria, está presente na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que trata sobre a Igreja.

Os números 66 e 67 do documento citado acima tratam dos princípios do culto mariano. Os fundamentos para o culto, segundo o Concílio, poderiam ser resumidos em três pontos: a maternidade divina, a associação da Virgem aos mistérios de Cristo, e de sua santidade de vida. O Concílio deixa bem claro que o culto prestado a ela é diferente do culto prestado à Trindade Santa. Os padres conciliares quiseram ressaltar a noção de que a verdadeira devoção não consiste em

emoções e sentimentalismo, mas de uma autêntica fé que, quando bem vivida, nos leva à imitação das virtudes de Maria e também a amá-la.

Paulo VI, o Papa do Concílio Vaticano II, na *Marialis Cultus*, quis frisar bem a ideia de Maria como a “Virgem dada à oração”. Cita o *Magnificat*, a oração da Virgem Maria por excelência; a oração de súplica junto ao Filho, no episódio das bodas de Caná; e também a presença dela em Pentecostes, junto à Igreja. O verdadeiro culto marial deve ter nota trinitária, cristológica e eclesial. O verdadeiro culto marial deve orientar a Cristo, pois Maria é a “Virgem oferente”, aquela que nos oferece o Cristo e a Cristo, que nos apresenta o Senhor.

O Rosário é uma das devoções marianas mais populares. Os mistérios, que devem ser meditados, são os mistérios da vida de Cristo, que Maria tem singular participação. Os três elementos essenciais do Rosário são: laudativo, deprecatório e contemplativo. Os três elementos estão unidos, de modo que, sempre que se recita o Rosário, se louva a Deus, pede-se algo (reza-se em alguma intenção) e contempla-se os mistérios da vida do Salvador.

Passemos agora para as Conferências Episcopais Latino-Americanas. Em todas elas, sobretudo em Puebla, encontramos a figura de Maria como exemplo de seguimento a Jesus. As Conferências Episcopais Latino-Americanas pressupõem e recomendam a devoção mariana em chave libertadora.

A presença da Virgem Maria no calendário litúrgico também é manifestação e reconhecimento do vínculo que ela tem com Cristo, e de sua participação na história da salvação. Todas as festas, memórias e solenidades marianas querem evidenciar sempre o aspecto relacional da Virgem com o Senhor, o que nos faz recordar sempre o caráter cristológico de todas essas celebrações. Maria está presente, sobretudo, nos tempos do Advento e do Natal, mas em todos os tempos litúrgicos encontramos a figura da Mãe do Senhor. Na Liturgia das Horas, também temos diversas orações, leituras e meditações que fazem referência a Maria, sempre acompanhando o tempo litúrgico presente com cantos, orações, reflexões, súplicas etc.

No quarto capítulo, que tinha por objetivo demonstrar como a devoção mariana se manifesta através da recitação do Rosário, das peregrinações às basílicas e santuários dedicados à Virgem, e também da Liturgia das Horas, do Ofício da Imaculada Conceição e Ofício Divino das Comunidades, pudemos constatar que a devoção do Rosário é a mais difundida e praticada pelos católicos. A oração, que é

um grande louvor à Virgem Maria, não ficou somente reservada a determinadas confrarias, mas popularizou-se de tal forma que toda a Igreja, sobretudo o Magistério, reza e recomenda. Diversos foram os documentos pontifícios que trataram do tema.

Também as peregrinações e os santuários manifestam a devoção mariana da Igreja. A peregrinação é sempre partida. Percorrer um lugar sagrado, para visitá-lo e, ali, permanecer um período. A visita a um santuário é sempre acompanhada de oração, pois o peregrino vai a um santuário para fazer um pedido, agradecimento, promessas etc. Exemplo disso é o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em que os fiéis se dirigem à “Sala das Promessas” e lá fazem todo tipo de pedido à Virgem Maria.

Em todos os santuários marianos encontramos uma imagem da Virgem Maria que é venerada pelos fiéis. Ora ela sozinha, o que evoca a qualidade de discípula e missionária, como já vimos; ora com o menino, o que remete ao vínculo entre Jesus e Maria e, assim, nos faz lembrar da intercessão dela junto ao Filho; e também com os santos, o que nos recorda que Maria está presente na comunhão dos santos, os eleitos de Deus. Uma representação bela é a da Sagrada Família, em que vemos São José, o pai legal de Jesus, justo, fiel a Deus, a Virgem e o menino. Convém mencionar também os santuários de Nossa Senhora de Lourdes e a basílica de Santa Maria Maior.

Há, também, a presença da Virgem Maria nas diversas orações das horas canônicas do Ofício Divino (Liturgia das Horas), que é uma oração oficial da Igreja. As orações de súplica, de louvor, assim como a menção à Virgem em diversos textos bíblicos e patrísticos, são provas de que a Igreja também manifesta a sua devoção através destas orações. Como vimos, para aqueles que não sabiam, ou não podiam rezar a Liturgia das Horas, o Rosário ficou sendo a oração que demonstrava o amor e a devoção que o povo tem para com Maria.

Além da recitação do Rosário, outra devoção mariana muito difundida é a do Ofício da Imaculada Conceição. Recitado, sobretudo, pelos movimentos marianos, o “Pequeno Ofício da Imaculada Conceição” foi composto por Bernardino de Busti, e aprovado pelo Papa Inocêncio XI. Dois santos foram os grandes propagadores do Ofício: Santo Afonso Rodríguez, SJ, e Santo Afonso Maria de Ligório. No nordeste brasileiro, graças ao trabalho dos capuchinhos italianos, muito se reza o Ofício da Imaculada. Já o Papa Pio V havia recomendado

a recitação do Ofício. Vemos que o Magistério da Igreja sempre acolheu a oração do Ofício da Imaculada Conceição, e que o povo também passou a rezá-lo, a modo de Liturgia das Horas.

A sua divisão é feita de modo que, nas principais horas do dia, se possa louvar à “Virgem Mãe, Senhora minha”. É de caráter teológico, mas ao mesmo tempo composto de um texto simples, de modo que o povo consegue compreender. É poético, dividido em quarenta e seis estrofes. Permeado de citações bíblicas, o Ofício quer apresentar, nas passagens do Antigo Testamento, o que os Padres e a geração dos primeiros cristãos viram como prefigurações da Virgem Maria. Nas passagens do Novo, a realização de tais promessas. É uma forma de, ao mesmo tempo, levar o povo ao conhecimento da Sagrada Escritura, de modo que se possa louvar a Deus utilizando os textos sagrados. Vale recordar que, mesmo sendo recomendados pela Igreja, tanto o Ofício da Imaculada Conceição, quanto o Ofício Divino das Comunidades, são orações devocionais.

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar a coroação a Nossa Senhora que, sem dúvida, encerra com “chave de ouro” o mês mariano. Cada cultura acaba por colocar elementos característicos que tornam a coroação ainda mais bela, com identidade própria, mas sem deixar de reconhecer a importância de Maria na história da salvação. As celebrações pagãs que aconteciam o mês de maio, antigamente, passaram a dar espaço à coroação da Virgem Maria.

Para encerrarmos o presente trabalho, depois do que foi exposto, podemos observar que a devoção mariana remonta a tempos antiquíssimos da história da Igreja, chegando mesmo ao período apostólico e da Igreja primitiva. A própria Virgem, que foi sempre obediente à vontade do Senhor, mesmo sem entender os desígnios divinos, se fez serva. Os momentos em que ela aparece, nos evangelhos, são unicamente para evidenciar a missão salvífica do Filho, tendo em visto que ela jamais quis chamar a atenção para si mesma.

A Igreja, em seu peregrinar, sempre recomendou e praticou a devoção mariana. Infelizmente, durante a História, houve desvios por parte de muitos leigos, e até mesmo clérigos, no que tange à devoção mariana legítima. O magistério da Igreja, sempre fiel à Tradição Apostólica, ensinou que a devoção mariana não é um fim em si mesmo, mas um meio para melhor se louvar e honrar o Filho. Comportamentos exagerados por parte de muitos, como considerar que “Maria pode todas as coisas”, “Peça à Mãe que o Filho atende” etc. são um desvio de uma

verdadeira devoção mariana. Maria sempre foi criatura, jamais quis ocupar o lugar do Criador. Sempre se reconheceu pequena, jamais poderia imaginar, em toda a sua vida, que ela seria designada para ser a mãe do Salvador. Sem saber o que viria a acontecer, foi sempre fiel ao que Deus quis, sempre quis o que o Senhor queria. Jamais Maria poderia ir contra ao que Deus tinha designado para a salvação da humanidade.

Maria é peregrina que caminha junto à Igreja, mãe que caminha junto dos seus filhos. O pensamento “Maria passa na frente” é um pensamento que contraria a ideia de uma mãe amorosa que, reconhecendo as dificuldades de seu filho, passa a frente e o deixa para trás. Pelo contrário. Maria caminha junto de seus filhos, caminho junto da Igreja. A Igreja, por sua vez, deve saber imitar as virtudes da Virgem, saber obedecer ao chamado divino, com amor, livremente.

Há um número grande de pessoas que pensam que, o fato de não rezar o terço até o final, por exemplo, constitui uma ofensa grave à Virgem Maria. Ou que, se isso acontece, devem iniciar toda a oração outra vez. Devemos, cada vez mais, orientar corretamente as pessoas para que, entendendo o sentido da devoção e das devoções, possam viver um cristianismo mais consciente e saudável.

Que saibamos viver e propagar a verdadeira devoção mariana, que está em conformidade com o que a Igreja ensina e vive. Que possamos, assim como Maria, responder ao que Deus tem para cada um de nós: “aconteça-me segundo a tua palavra!” (Lc 1,38).

Referências bibliográficas

A12. **Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida**. Disponível em: <https://www.a12.com/santuاريو/santuاريو-nacional-de-nossa-senhora-aparecida>. Acesso em 19 out. 2024, às 20h43;

ALDAZÁBAL, José. Introito. In: **Dicionário Elementar de Liturgia**. Disponível em: https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=215. Acesso em: 29 nov. 2024, às 20h43.

ALMEIDA, Leonardo Caetano de. **Academia Marial: Por que coroar Nossa Senhora?** Disponível em: <https://www.a12.com/academia/artigos/maio-por-que-coroar-nossa-senhora>. Acesso em: 2 nov. 2024, às 19h50.

ALTERNATIVA PORTUGAL. **Coroação Solene de Nossa Senhora de Fátima**. Disponível em: <https://alternativaportugal.org/coroacao-solene-de-nossa-senhora-de-fatima/>. Acesso em: 17 mar. 2025, às 9h30.

AMATO, Angelo. Eucaristia. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

BALTHASAR, Hans Urs von. A face mariana da Igreja. In: VV.AA. **O Culto a Maria hoje**. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

BERMEJO, Jesus. **Maria na vida de João XXIII: Mensagens da alma para o coração**. São Paulo: Ave-Maria, 1988.

BESUTTI, Giuseppe. Santuário. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. **Bíblia TEB**. São Paulo: Loyola, 1996.

BIGOTTO, Giovanni Maria. **Maria: a Mãe de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2013.

BIGOTTO, Giovanni Maria. **Maria dos Evangelhos**. São Paulo: Paulinas, 2013.

BINGEMER, Maria Clara L. Maria. In: TAMAYO, Juan José. **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Paulus, 2009.

BOFF, Clodovis. **Mariologia: Iniciação à Teologia**. 6a edição. Petrópolis: Vozes, 2019.

BOFF, Leonardo. **A Ave Maria: O feminino e o Espírito Santo**. 6a edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo. A Imaculada como o novo começo da humanidade. In: BUZZI, Arcângelo R.; BOFF, Leonardo. (Coord.). **A Mesa da Palavra (Ano C):** Comentário Bíblico-Litúrgico. Petrópolis: Vozes, 1984.

BOFF, Leonardo. **O Rosto Materno de Deus:** Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 4a edição. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, Lina. **Mariologia:** Interpelações para a vida e para a fé. 2a edição. Petrópolis: Vozes, 2019.

BRUSTOLINI, Júlio, J., “A Sala dos Milagres, sua História”. In: **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida:** A Imagem, o Santuário e as Romarias. 10a ed. rev. e ampl. Aparecida: Editora Santuário, 1998. p. 131;

CASSIANO, Eliane Dias. [Adaptação]. BRANT, Pedro Sérgio Antônio D. Clases de cultos. In: **Sobre a latria, dulia e hiperdulia.** Disponível em: <https://www.a12.com/academia/catequese/sobre-latria-dulia-e-hiperdulia>. Acesso em: 07 dez. 2024, às 21h11.

CASTELLANO, Jesús. Virgem Maria. In: TRIACCA, Achille. M.; SARTORE, Domenico. **Dicionário de Liturgia.** 4a edição. São Paulo: Paulus, 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus. Loyola. Ave-Maria, 1998.

CELAM. **Documento de Aparecida:** Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2008, p. 9. 75. 121. 123. 125. 126. 127. 131. 146. 167. 202. 203. 246. 247.

CELAM. **Documentos do CELAM:** Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004, p. 76. 635. 637. 641. 661. 699. 708.

CELAM. **III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano:** A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Puebla: Conclusões. São Paulo: Loyola, 1979, p. 122. 147. 148. 149. 150. 151. 152. 244.

CNBB. **Lecionário para Missas de Nossa Senhora.** Brasília: CNBB, 2016.

CNBB. **Missal Romano.** 3ª edição típica. Brasília: CNBB, 2023.

CNBB. **Oração da Liturgia das Horas torna a Sagrada Escritura fonte principal de toda oração cristã.** Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/oracao-liturgia-das-horas-sagrada-escritura-fonte-principal/>. Acesso em: 16 mar. 2025, às 17h.

CNBB. **Papa Francisco e a devoção mariana.** Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/papa-francisco-e-a-devocao-mariana/>. Acesso em: 16 mar. 2025, às 9h26.

CNCMB. **Manual Devocionário da Congregação Mariana**. 6a edição. Cidade não informada: Editora não informada, 2010.

CONCÍLIO VATICANO II. Capítulo VIII: a Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja. In: **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Disponível em:

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 07 dez. 2024, às 20h24.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual**. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880325_vergine-maria_po.html. Acesso em: 09 maio 2024, às 20h30.

CORBELLINI, Vital. **A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V**. Brasília: CNBB, 2018.

CORDEIRO, José de Leão. A Presença de Maria na Liturgia. In: VV.AA. **Documentos da Igreja e Estudos: A Virgem Maria na Liturgia da Igreja**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

CORDEIRO, José de Leão. Maria na Catequese Litúrgica de Santo Agostinho. In: VV.AA. **Documentos da Igreja e Estudos: A Virgem Maria na Liturgia da Igreja**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

CORDEIRO, José Manuel Garcia. A Virgem Santa Maria no Ano Litúrgico. In: VV.AA. **Documentos da Igreja e Estudos: A Virgem Maria na Liturgia da Igreja**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

COTHENET, Edouard. Marie dans les Apocryphes: Maria VI; Paris, 1961, p. 144. In: GRILLMEIER, Alois; MULLER, Alois. Capítulo XI - O lugar de Maria e sua cooperação no Evento Cristo. In: FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. **Mysterium Salutis - III/7: Atuação Salvífica de Deus em Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2006.

DUPLACY, Jean; VIARD, André-Alphonse. Mediador. In: LÉON-DUFOUR, X. (Org.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1972.

FERREIRA, Pedro Lourenço. A Virgem Maria: Modelo da Igreja em Oração. In: VV.AA. **Documentos da Igreja e Estudos: A Virgem Maria na Liturgia da Igreja**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium** (2013). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-

francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#_ftn103. Acesso em: 16 mar. 2025, às 14h.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Dilexit Nos*** (2024). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/20241024-enciclica-dilexit-nos.html>. Acesso em: 16 mar. 2025, às 9h40.

GAMBERO, Luigi. Culto. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

GEORGE, Augustin. Maria. In: LÉON-DUFOUR, X. (Org.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1972.

GRILLMEIER, Alois; MULLER, Alois. Capítulo XI - O lugar de Maria e sua cooperação no Evento Cristo. In: FEINER, J. LOEHRER, M. **Mysterium Salutis - III/7: Atuação Salvífica de Deus em Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974.

GRUPO DE DOMBES. **Maria no Desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos**. Aparecida: Editora Santuário, 2005.

GUIMARÃES, Almir Ribeiro. 3. Maria da fé humilde transporta Deus em seu seio. In: BUZZI, Arcângelo. R.; BOFF, Leonardo. (Coord.). **A Mesa da Palavra (Ano C): Comentário Bíblico-Litúrgico**. Petrópolis: Vozes, 1984.

GUIMARÃES, Valdivino. (Org.). **Maria na Liturgia e na Piedade Popular**. São Paulo: Paulus, 2017.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **Caderno de Estudo Bíblico: O Evangelho de São João**. Campinas: Ecclesiae, 2015.

HATZAMRI, Abraham; MORE-HATZAMRI, Shoshana. **Dicionário Português-Hebraico/Hebraico-Português**. Jerusalém: A'urorah, 1995.

HATZAMRI, Abraham; MORE-HATZAMRI, Shoshana. Irmão. In: HATZAMRI, Abraham; MORE-HATZAMRI, Shoshana. **Dicionário Português-Hebraico/Hebraico-Português**. Jerusalém: A'urorah, 1995.

JOÃO XXIII, PP. **Carta Apostólica *Il religioso convegno*** (1961). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_letters/1961/documents/hf_j-xxiii_apl_19610929_religioso-convegno.html. Acesso em: 09 dez. 2024, às 10h27.

JOÃO XXIII, PP. **Carta Encíclica *Grata Recordatio*** (1959). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_26091959_grata-recordatio.html. Acesso em: 09 dez. 2024, às 10h26.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*** (2002). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.html. Acesso em: 08 dez. 2024, às 21h06.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*** (2003).

Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccl-de-euch.html. Acesso em: 07 dez. 2024, às 20h56.

JOÃO PAULO II, PP. “Homilia pronunciada na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe”. In: CELAM. **III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. São Paulo: Loyola, 1979, p. 33-38.

KRIEGER, Murilo. **Com Maria, a mãe de Jesus: mariologia para leigos**. Aparecida: Santuário, 2017.

LAURENTIN, René. “La persistenza della pietá popolare”. In: Revista *Concilium* 9/1 (1973), p. 182-184. In: ROSSO, Stefano. Peregrinações. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

LEÃO XIII, PP. **Carta Encíclica *Supremi Apostolatus Officio*** (1883). Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_01091883_supremi-apostolatus-officio.html. Acesso em: 09 dez. 2024, às 10h57.

LÉON-DUFOUR, Xavier. **Leitura do Evangelho segundo João I**. São Paulo: Loyola, 1996.

LIMA, José da Silva. Maria e os Santos na Religiosidade Popular. In: VV.AA. **Documentos da Igreja e Estudos: A Virgem Maria na Liturgia da Igreja**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

MARQUES, Luís Felipe C. A Dimensão Celebrativa do Rosário Mariano. In: GUIMARÃES, Valdivino. (Org.). **Maria na Liturgia e na Piedade Popular**. São Paulo: Paulus, 2017.

MCKENZIE, John Lawrence. Irmãos do Senhor. In: MCKENZIE, John Lawrence. **Dicionário Bíblico**. 8a edição. São Paulo: Paulus, 2003.

MELLO, Alexandre Awi. **“Ela é minha mãe!”: Encontros do Papa Francisco com Maria**. 4a edição. São Paulo: Loyola, 2015.

MELLO, Alexandre Awi. Significado da Romaria como espaço de Êxodo. In: GUIMARÃES, Valdivino. (Org.). **Maria na Liturgia e na Piedade Popular**. São Paulo: Paulus, 2017.

MEO, Salvatore. Concílio Vaticano II. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

MOTTA, José Humberto. Liturgia das Horas e Ofício Divino: O lugar de Maria. In: GUIMARÃES, V. (Org.). **Maria na Liturgia e na Piedade Popular**. São Paulo: Paulus, 2017.

MULLER, A; SATTLER, D. Mariologia. In: SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de Dogmática**. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2001.

MULLER, G. L. A Mãe de Cristo: Modelo para existência cristã e tipo da Igreja (Mariologia). In: MULLER, G. L. **Dogmática Católica: Teoria e Prática da Teologia**. 8a edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas. Santuário, 2012.

MURAD, Afonso. **Quem é esta mulher? Maria na Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1996.

NÉGRIER, Armand; LÉON-DUFOUR, Xavier. Irmão. In: LÉON-DUFOUR, Xavier. (Org.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1972.

NEOTTI, Clarêncio. Natal: Segunda Missa. In: BUZZI, Arcângelo. R.; BOFF, Leonardo (Coord.). **A Mesa da Palavra (Ano C): Comentário Bíblico-Litúrgico**. Petrópolis: Vozes, 1984.

OSSANNA, Tullio Faustino. Modelo Evangélico. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

PASTRO, Cláudio. **Aparecida: Guia da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida**. São Paulo: Editora Santuário, 2014.

PAULO VI, PP. **Carta Encíclica *Christi Matri*** (1966). Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_15091966_christi-matri.html. Acesso em: 09 dez. 2024, às 09h55.

PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica *Marialis Cultus*** (1974). Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html. Acesso em: 09 dez. 2024, às 09h56.

PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*** (1975). Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 16 mar. 2025, às 10h.

PIO V, PP. **Bula *Consueverunt Romani Pontifices*** (1569). Disponível em: <https://www.papalencyclicals.net/pius05/p5consue.htm>. Acesso em: 09 dez. 2024, às 10h15.

PIO IX, PP. **Constituição Apostólica *Ineffabilis Deus*** (1854). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/18541208-costituzione-apostolica-ineffabilis-deus.html>. Acesso em: 09 dez. 2024, às 10h22.

PIO XI, PP. **Encíclica *Ingravescentibus Malis*** (1937). Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_p-

xi_enc_29091937_ingravescentibus-malis.html. Acesso em: 09 dez. 2024, às 10h24.

PIO XII, PP. **Encíclica *Ingruentium Malorum*** (1951). Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/en/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15091951_ingrumentium-malorum.html. Acesso em: 09 dez. 2024, às 10h25.

POTTERIE, Ignace de la. Virgindade. In: LÉON-DUFOUR, Xavier. (Org.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1972.

RIUS-CAMPS, Josep. **O Evangelho de Lucas: O êxodo do homem livre**. São Paulo: Paulus, 1995.

ROSCHINI, Gabriel. **Instruções Marianas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1960.

ROSSO, Stefano. Peregrinações. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

ROSSO, Stefano. Sábado. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

SANTOS, Valdiran Ferreira dos. **Os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus: O Ofício da Imaculada Conceição - história e contexto**. São Paulo: Loyola, 2017.

SETTI, Egídio Luiz. **Celebrações Marias**. São Paulo: Loyola, 1993.

SILVA, José Ariovaldo da. Na Sala das Promessas ou dos Milagres em Aparecida: A experiência humana de salvação e gratidão. In: GUIMARÃES, Valdivino. (Org.). **Maria na Liturgia e na Piedade Popular**. São Paulo: Paulus, 2017.

STAID, Ennio Domenico. Rosário. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

VATICAN. **Os Mistérios do Santo Rosário: Mistérios Dolorosos**. Disponível em: https://www.vatican.va/special/rosary/documents/misteri_dolorosi_po.html. Acesso em: 8 dez. 2024, às 16h12.

VATICAN. **Os Mistérios do Santo Rosário: Mistérios Gloriosos**. Disponível em: https://www.vatican.va/special/rosary/documents/misteri_gloriosi_po.html. Acesso em: 8 dez. 2024, às 16h15;

VATICAN. **Os Mistérios do Santo Rosário: Mistérios Gozosos**. Disponível em: https://www.vatican.va/special/rosary/documents/misteri_gaudiosi_po.html. Acesso em: 8 dez. 2024, às 16h12.

VATICAN NEWS. **A Igreja de Francisco em missão seguindo Maria, Mãe da Igreja**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-05/igreja-francisco-missao-seguindo-maria-mae-da-igreja.html>. Acesso em: 16 mar. 2025, às 9h30.

VATICAN NEWS. **Papa institui a Memória de Maria "Mãe da Igreja" no calendário litúrgico.** Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-03/memoria-de-maria-mae-da-igreja-papa-francisco.html>. Acesso em: 07 dez. 2024, às 20h27.

VV. AA. **Liturgia das Horas (I):** Advento-Natal. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas/Paulus/Ave Maria, 1995.

VV.AA. **Liturgia das Horas (III):** Tempo Comum (1ª a 17ª semana). Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas/Paulus/Ave Maria, 1995.

VV. AA. **Liturgia das Horas (IV):** Tempo Comum (18ª – 34ª semana). Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas/Paulus/Ave Maria, 1995.

VV.AA. **Ofício Divino das Comunidades.** 3a edição. São Paulo: Paulus, 2018.

WISNIEWSKI, Eliseu. **A figura da Virgem Maria nas Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e Caribe.** Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/621342-a-figura-da-virgem-maria-nas-conferencias-gerais-do-episcopado-da-america-latina-e-caribe>. Acesso em: 21 nov. 2024, às 20h50.